

Na Memória dos Rouxinóis



Filipa Martins

ROMANCE



QUETZAL
língua comum



Na Memória dos Rouxinóis



Filipa Martins

ROMANCE



QUETZAL
língua comum



© Jorge Simão

Filipa Martins nasceu em Lisboa, em 1983. É jornalista desde 2004, tendo colaborado em publicações como o Diário de Notícias, Notícias Magazine, Evasões e o jornal i. Recebeu o Prémio Revelação em 2004, na categoria de Ficção, atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores (APE), com Elogio do Passeio Público, o seu primeiro romance, publicado em 2008. Obteve ainda o Prémio Jovens Criadores do Clube Português de Artes e Ideias com o conto «Esteira». Em 2009 publicou o seu segundo romance, Quanta Terra, e em 2014 publicou pela Quetzal o seu terceiro romance, Mustang Branco. Atualmente é jornalista freelance.



Título: Na Memória dos Rouxinóis

Autor: Filipa Martins

1.^a edição em papel: fevereiro de 2018

Revisão: João Assis Gomes

Design da capa: Rui Rodrigues · Quetzal Editores

Fotografia da capa: © Jenni Holma

© 2018 Filipa Martins e Quetzal Editores

[Todos os direitos para a publicação desta obra em Língua Portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

Quetzal Editores

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

quetzal@quetzaleditores.pt

Tel. 21 7626000

ISBN: 978-989-722-511-6

«A nossa relação com a História, assim reza a tese de Hilary, vive de imagens prévias já implantadas no interior da nossa cabeça para as quais persistimos em olhar quando a verdade está alhures, onde ninguém a descobriu.»

W.G. SEBALD

Para o Ricardo, com quem subo a montanha.

1.

Nasceu para ser número primo



JORGE ROUSINOL NEM SEMPRE FOI JORGE ROUSINOL. Até 5 de agosto de 1945, era o Sete, um número primo.

Jorge foi o sexto neto a nascer e o avô Rousinol, matemático galego próximo de Franco, apenas decorou os nomes dos primeiros cinco. Quando Jorge nasceu, desperto e sem chorar, fitou o avô com os seus olhos cinzento-espelho, que, até aos dias de hoje, pareciam as águas de duas bacias que devolvem ao mundo o que o mundo lhes dá, mas num tom mais sombrio — ou, como Jorge dirá, mais realista.

O avô viu-se refletido nos olhos do neto e, talvez pelo seu narcisismo, concedeu que seis era pouco para a importância absoluta daquele recém-nascido. Saltou um algarismo e atribuiu-lhe a posição sete, um número primo. Sinal de reconhecimento de que este apenas era divisível por ele próprio ou pela unidade. Traço de personalidade que cedo se manifestou em Jorge Rousinol: não ter outro divisor natural, ser ele a única referência do seu sistema de medida.

2.

A quebra da primogenitura da semente



QUANDO NASCEU, OS OLHOS DE JORGE ROUSINOL eram navegáveis. Se nos lançássemos em caravelas, neles descobriríamos o umbigo do mundo. E é bem sabido que o mundo começa a apodrecer de dentro para fora, ao contrário dos tubérculos.

Foi com esta crença que o pai Rousinol, também matemático, enviou uma missiva criptografada ao avô Rousinol. Questionava a decisão de saltar um número na ordem natural dos nascimentos dos netos. À distância, sentiu a escolha como sinal de demência — ou, pelo menos, de alguma debilidade de raciocínio.

Se haveria leis que o avô preservava acima de todas, essas seriam as leis matemáticas. Ter saltado um número tornava-se no mínimo exuberante.

Um número é a soma da unidade. Uma pessoa é uma unidade, na medida em que é única e indivisível. Um número define-nos melhor do que qualquer nome próprio. Mas os números só ganham sentido se forem sequências. Retirar a ordem aos números é o mesmo que dizer que a maçã nasce antes da semente. Assim argumentava o pai Rousinol na mensagem enviada.

A avó Rousinol atravessou a sala com a carta do filho junto ao peito,

roçagando as saias compridas e escuras na madeira polida do chão da casa senhorial, construída em pedra do século XV e protótipo da arquitetura galega dos séculos seguintes. Já passava do meio-dia, entrou na biblioteca, onde o avô Rousinol tinha os olhos fechados de uma forma que não representa adormecimento.

Quando a mulher abriu a porta, fazendo-a ranger, o velho Rousinol jogava xadrez sem tabuleiro, sentado, hirto, de têmporas latejantes e mãos pousadas em concha sobre os braços da poltrona de veludo. Ouvia uma peça que lhe servia de pano de fundo ao avanço da infantaria. Decerto uma composição alemã, talvez uma marcha de Johann Strauss (pai), e, se nos deitarmos a adivinhar, apostaremos na Radetzky. O avô Rousinol apreciava a moralidade da peça escrita em honra do marechal-de-campo austríaco Joseph Radetzky von Radetz, que comandara a repressão sobre as revoltas liberais. Os rufos e os assobios desta marcha ressoavam na cal das paredes da biblioteca e eram abafados pela tapeçaria quando o avô Rousinol desvelava sobre o seu tabuleiro mental a estratégia do cavalo, que, ao avançar no início do jogo, ameaça peões e desguarnece os bispos necessários à finalização do lance do adversário.

O Sete ter-se-á perdido na contabilização das horas que passou sentado a observar as minúsculas contrações do rosto do avô, adivinhando, de soquetes caídos sobre os atacadores, capturas de peões e avanços de torres. Sucederam-se árias, sinfonias e operetas às quais ele, à força de estudo e da imaginação da idade, associou lances arquitetados debaixo das pálpebras entreabertas.

Para criptografar a carta, o pai Rousinol utilizou o modelo aperfeiçoado da Enigma de Arthur Scherbius, um teclado semelhante a uma Regminton antiga. Avançando posições e imitando um mecanismo em tudo semelhante ao conta-quilómetros de um vulgar automóvel, ou ao comportamento autoritário do circuito neuronal, o complexo sistema de rotores funcionava em cadeia quando uma das teclas era acionada. Os textos cifrados passaram a

fazer parte do dia a dia das forças do Eixo, quando a Europa voltou, com poucas décadas de intervalo, a guerrear-se dentro do seu próprio estômago, e foi também esta a cifra usada pelo pai Rousinol para concluir sobre a sanidade do avô Rousinol. Uma cifra que tinha na origem números primos — três, cinco e sete. Trindade sacralizada pelo cálculo, como se pode concluir.

A carta não era, porém, fiel às reservas que sentia. A criptografia, no entender do pai Rousinol, revelava a biologia das palavras, na medida em que uma autópsia revela o miolo de um cadáver. As palavras, para o pai Rousinol, eram um povo sem fronteiras que se espalhava de forma errática pelos territórios vizinhos. Criptografar cingia as palavras ao seu som primordial — o som que fazem ao serem abertas, distinto do som de quando são pronunciadas — com claros benefícios para a compreensão da mensagem. O pai elevava as palavras a números, mas nunca ousara elevar pessoas a números, como o avô Rousinol agora fazia. Um louvor, a seu ver, imerecido para alguém que acabava de nascer.

Para responder de forma cuidadosa à carta do filho, o avô Rousinol observou o Sete no berço, que o voltou a refletir nas bacias dos olhos, e concluiu, feliz, que aquele recém-nascido pouco dormia e não chorava.

A resposta chegou a Munique devidamente cifrada e encontrou o pai Rousinol a assumir a direção de um departamento de criptografia no centro de espionagem da Alemanha nazi, no Amtsgruppe Ausland da própria Abwehr.

Dizia o avô Rousinol: — Filho, são infinitos os números primos como são infinitos os olhos do Sete, que tudo espelham. Só haverá semente e depois fruto, se antes tiver havido fruto. A principal função do fruto é justamente proteger a semente enquanto ela se desenvolve e sacrificar-se por ela, lançando-se à terra. Foi quando se quebrou a lei da primogenitura da semente que a terra se encheu de maçãs.

3.

Laços de amor que nos ligam a criaturas perfeitamente defeituosas



PRESENTI O ESTREMECIMENTO DE CAMILO, sentado ao meu lado na cama — aquele seu sobressalto muscular de bicho encurralado —, e parei a leitura. Tirei os óculos, órgão que se baloiça já remendado a fita-gomada (só as pessoas antigas dizem fita-gomada, repreende-me Camilo, só as pessoas antigas dizem pessoas antigas, argumento), e pousei-os nas folhas. As dioptrias agigantaram as frases e alongaram as letras. A perna do g de galego entrançou-se na curvatura do s de sete, o arrebite do i de primo ficou oculto na dobra do lençol. Vogais e consoantes amotinadas ameaçavam evadir-se do texto.

Camilo remexeu-se outra vez, fez ondular as cobertas, misturou as letras, amorteceu-as no seu silêncio, sacolejou o papo que o seu olhar em viés — «arrogante», digo-lhe, «de baixo», responde-me — tem tufado e feito descair.

O olhar dele veio para cima de mim como um soco. Se Camilo pudesse, também ele se punha em fuga como as letras, deformado pelas dioptrias dos óculos. Duas décadas de vida entaladas debaixo do braço e toca a andar. Duas décadas de vida e a arte sacra do apartamento amortalhada em papel de

manteiga preparada para transporte.

— O que foi? — perguntei.

— Nada — respondeu.

A solidão dos casados é difícil de explicar. Os que estão sozinhos veem uma folha velha num ramo nu e apontam — ali está a solidão. Para eles, a solidão é vazio e ausência, a única emoção que não conseguem partilhar. É da sua condição desaparecer na presença do outro, garantem. Os casados na solidão estão preenchidos, quase calcetados por dentro, como um estômago cheio de pedras não está saciado.

— O que foi? — repeti.

Camilo franziu um pouco a testa, compôs a sua expressão de desentendimento e elevou os ombros, numa triangulação de sinais para desmerecer a minha pergunta. Ficou com um rosto enrugado de saxofonista e o coração fechado das portas com musgo. Das portas por onde já ninguém entra há muito tempo.

Ajeitei as almofadas a teatralizar cansaço, juntei as páginas com método, impedi o foda-se de sair. Houve um galho da figueira em frente que encontrou na nossa janela o freio das primeiras rajadas de Outono. O foda-se, à espera no palato, embateu nos incisivos.

— Escreve, de uma vez, que ele é um sacana — disse Camilo. — Se vais escrever sobre um sacana, escreve que ele é um sacana.

Pôs um ar de reprovação e semicerrou os olhos para eu poder avaliar a imoralidade do trabalho a que me dedicava. O ar de reprovação de Camilo está calejado pelos anos e, como uma mão calejada, já não comove quando afaga.

Foda-se na glote, foda-se na traqueia, foda-se desaguando no esófago, o estômago, vazamento de todos os foda-ses, perfurado porque não há pior úlcera do que a úlcera do tipo foda-se.

Havia forma de acabar com aquilo e ainda dormiríamos sete horas,

constatei. Bastava dizer, no timbre certo, tens razão, com um rumorejo que pressentisse um pedido de desculpas. Tens razão uma vez mais e uma algaraviada de ressentimentos e queixumes. Trinta minutos depois estaríamos a dormir. Em vez disso, arredei o lençol maldisposto e encontrei, quietos, dois cepos ressequidos e azulados a saírem dos meus calções de pijama. Puxei os óculos para confirmar aqueles esteios de velho e chinelei até ao fundo do quarto. Camilo suspirou nos intervalos do meu arrastamento de pés.

A cada suspiro estudado de Camilo, alastraram foda-ses pelo quarto: dois simpósios de médicos em que fiquei ébrio, aquela vez em que fui escrever para a Ligúria e me esqueci de o apanhar no hospital, o pub da esquina, os gastos do cartão de crédito feitos sem o seu conhecimento, a piada recorrente sobre o IKEA e os povos invasores, que repito nos jantares, a vida em geral, sobretudo. Histórias que reaparecem porque é da condição humana velar os mortos e das histórias repisadas só sobram ossos.

— Tens ido a Cinque Terre — disse-me. — Andas a ver o Rousinol. Para a próxima não uses o cartão da conta conjunta.

— Duas tacadas de bilhar nos tomates — murmurei.

Fui até à estante. Demorei-me a ordenar obras da Renascença. Erasmo. Cervantes. Shakespeare. Primeiro, Cervantes. Depois, Erasmo. Atirei um Foucault para cima da cama. Levaria o livro para a sala no dia seguinte. Ninguém tem um pós-modernista junto à cabeceira. Onde se dorme deve permanecer apenas aquilo que é consensual. Se se excluir o parceiro.

O que diria Dulcineia a Dom Quixote, ao vê-lo arrastar pelo quarto dois pálidos palitos espetados em pantufas de pele de carneiro?

Volto aos clássicos com alguma regularidade, talvez como os religiosos regressam à Bíblia. Um cavaleiro como Quixote não se sujeitaria a batalhas domésticas, cheias de alçapões de dialética que só lhe ridicularizariam a lança. Enfrentou quarenta combates, vencendo vinte e sendo derrotado noutros vinte. Cervantes, seguindo a lição do mestre Erasmo, tornou equivalentes

derrota e vitória, construindo um elaborado sistema de relativização do resultado final de um duelo. Não vejo outra forma de sobrevivermos ao casamento.

— Trazes para a conversa o pai do protestantismo? A estas horas?

— Erasmo? Um humanista.

— Que elogiou a loucura, como se a loucura fosse encantadora.

— E é, de certa forma. O que seria dos homens, se a insanidade não os impulsionasse na direção do casamento? — estiquei os lábios para um sorriso trocista. — É mérito da loucura haver no mundo laços de amor que nos ligam a criaturas perfeitamente defeituosas.

Camilo levantou-se de súbito e foi à casa de banho. Ouvi a porta do armário dos medicamentos, a água a correr e reapareceu com os Zolpidems no esófago. Enfiou-se novamente na cama, na extremidade da cama, deixando dois terços do colchão para mim. Senti-me a Federação Russa a ocupar a Crimeia, quando me deitei. Dispus novamente as páginas dactilografadas à minha frente sobre a coberta, ele apagou a luz, agitei as pernas para fazer refulhar o papel, ele virou-se de costas. A figueira embateu no vidro e voltei a acender a luz.

— Sabes bem que depois do Zolpidem tenho de dormir, se não amanhã não consigo operar.

— Devíamos mandar cortar a figueira — sugeri. — Não devias tomar essas merdas.

Camilo repetiu o que pensava de Rousinol, endireitando-se, encostado à cabeceira, pronto a receber no colo um tabuleiro ou um recém-nascido. Confessou-me uma vez que invejava a amamentação das mulheres, a pouca coisa que lhe agradava no sexo oposto, e as bolsas do peito têm-lhe descaído, não pelo peso do leite. Se houvesse um filho também teríamos de engolir os foda-ses.

— Sacana — disse mais uma vez. O reflexo do candeeiro na sua pele

enfermiça deixou-me esgotado.

— Voltaste a engordar?

— De que é que estás a falar?

— Esse pijama já te esteve mais largo.

Num salto espetacular, alcançou o Foucault aos pés da cama e atirou-o. Senti o corredor de vento aberto pelo livro a passar à minha frente, como se se movesse em câmara lenta, antes de chocar contra a cómoda. Segurei-o pelos ombros, ele rangeu os dentes de susto, e gritei-lhe:

— Muito adulto, parabéns.

Afundou-se nos lençóis, rematando uma pausa infinda. Foi devagar, a verificar a temperatura, ajustando o corpo ao mar nórdico. Intuí que nos próximos dias, até que alguma coisa o importunasse mais, passaria a seguir-me pela casa em silêncio, desferindo foda-ses com o olhar.

Retomei a leitura. A figueira embateu novamente no vidro do quarto. Dois ramos, caules e folhas, esmagados contra a janela compuseram a figura de um Cristo e cavaram em mim um sentimento de urgência.

4.

Muitas vezes miserável, mas nunca triste



JORGE ROUSINOL — QUE, ATÉ 5 DE AGOSTO DE 1945, fora Sete de batismo — é tio¹ de Camilo, do lado do pai. Conheci-os durante uma passagem curta por Florença a propósito de um colóquio na Galeria da Academia.

Camilo, a estudar medicina, insistia numa admiração cândida pelo tio, seguindo-o por vestibulos de tertúlias, bancos rijos de auditórios, caves de livrarias falidas, espalhando a palavra, pregando os cânones do pensamento científico e filosófico de Rousinol, arregimentando seguidores, esgrimindo argumentos com críticos, chocalhando desinteressados. Fui apanhado nesse ímpeto de conversão. Melhor será dizer que me deixei apanhar, tão encantado como uma mariposa que anseia descobrir o luar no centro de uma lâmpada.

Será interessante revelar a origem do meu encontro com os Rousinol. A origem remota. Aquela que me atrofia os pulmões, gaseados por um tipo de erva que se vendia no bairro por detrás da Uffizi quando saiu o Closer e sentíamos o álbum nas vértebras dos joelhos, de olhos fechados, hipnotizados, a velar Curtis.

Isto deu-se no início dos oitentas e os meus pulmões rangem — piores de dia para dia — depois de inspirar o rasto da ambulância que dobrou a curva, e

claudicam ao segundo lanço de escadas. Não me soube tratar.

Na madrugada em que travei conhecimento com o nome Rousinol, trazia um exemplar da Prezzolini guardado no bolso interior do casaco, junto ao coração, como um tesouro.

A revista literária era mensal: sem orçamento, passou a trimestral e depois a quando calhava, e devia o seu nome ao crítico, escritor e editor Giuseppe Prezzolini, que à época estava a dobrar um século de vida e que não fora tido nem achado para perfilhar fosse o que fosse. Era lida por tão poucos e valia-se desse elitismo para garantir a suposta qualidade literária dos autores que publicava.

O dito exemplar trazia um poema meu, o primeiro impresso. No meu bolso. Uma merda. Uma cagada sobre a morte do Curtis, que o Curtis não merecia. Versos elípticos, a simular um abismo que nunca senti.

A verdade é que não sou uma pessoa dada a tristezas profundas. Muitas vezes miserável, mas nunca triste; portanto, mais digno de pena. A tristeza tende a inspirar respeito, nunca piedade.

Na noite em que conheci Camilo, ele disse-me «És um escroto». Nunca o tinha visto na vida e foram estas as suas primeiras palavras. E até pode ter cuspidido nos meus sapatos. Fiquei atarantado. Tentei mostrar-me tenso e capaz de cerrar os punhos. Fiz peitaça sem lhe medir o tamanho. Mas apercebi-me de que, depois de urinar na Piazza Signoria, em arco para dentro do fontanário de Zeus — sou um escroto confessado —, tinha percorrido a Via dei Gordi de braguilha aberta e assim me mantinha. Ninguém anda à porrada com as partes íntimas à mostra.

Camilo preparava-se para me humilhar de outra forma. Tal como eu, trazia um exemplar da Prezzolini no bolso do casaco.

¹ O rigor obriga o narrador a uma precisão: na verdade, Rousinol é primo em segundo grau de Camilo; porém, e para servir a fluidez da trama, optou-se por uma simplificação do parentesco.

5.

A função matemática da dor



O PAI ROUSINOL, quando recebeu a carta com notícias do Sete, sentou-se no seu quarto em Munique, às escuras, sozinho e calado, apesar de inundado de ruído por dentro. Serviu-se de uma cadeira antiga de pau, e um pouco torta, que viera substituir uma poltrona de brocados mais digna daquele tipo de aposentos. A troca foi feita por exigência do matemático. O pensamento não era exercício que lhe desse paz de espírito e um corpo descansado estava, a seu juízo, pouco preparado para lidar com o desconforto das dúvidas da mente. Era bem de ver, o pai Rousinol também não concordava no seu íntimo com a divisão de cutelo, tão em voga naqueles anos, entre aquilo que é do físico, da práxis, e aquilo que é do intelecto. Não sei precisar quanto tempo passou. Houve alternâncias de luz e sombra, um autocarro escolar que parou no passeio em frente para desovar crianças, a governanta da pensão que bateu à porta com um tabuleiro de canja e voltou para a copa com o prato cheio de sopa e a boca, de pragas, folhas que caíram das árvores num processo de nudez inexorável e os tontos dos uniformes, a bater pala a um ditador, que percorreram a avenida ao ritmo das cornetadas.

Sabemos que não desperdiçava palavras: usava-as com parcimónia. Havia,

ainda assim, duas frases que os colegas lhe ouviam com frequência. Surgiam após algum desabafo mundano ou um episódio sem relevância. Eram elas: «Parece-me lógico» e «É uma questão matemática».

— Os dias estão mais quentes.

— É uma questão matemática.

— O caudal do rio subiu esta noite.

— Parece-me lógico.

— Preciso de limpar as lentes dos óculos.

— Novecentos e setenta e três minutos por ano são passados a limpar as lentes dos óculos. É uma questão matemática.

O pai Rousinol não se exprimia nestes termos para entabular uma discussão de circunstância, apesar de ser essa a interpretação frequente dos seus interlocutores. Dificilmente aludiria em vão às ciências exatas, à semelhança da Igreja que não quer dessacralizar o seu Deus, evocando-o sem propósito. E o hábito vinha-lhe de longe.

Ao observar o irmão mais velho com a sua fisga, atentando na forma como este escolhia a madeira e a polia, na tensão que dava ao elástico, no peso do projétil e na posição do corpo no lançamento, o pai Rousinol antevia o resultado. É uma questão matemática, sustentava, quando os pêssegos, alvos da pontaria, lhe vinham parar junto dos sapatos.

Às escuras, no seu quarto em Munique, sentiu que teria de recorrer ao único Deus que conhecia para encontrar a resposta que procurava. Recuou até ao dia em que saiu da Galiza de comboio, poucas horas depois de o Sete ter nascido e de a mulher morrer com almofadas de espuma nos cantos dos lábios. Três acontecimentos — o nascimento, a morte e a fuga — compuseram uma corrente de causalidade semelhante à das funções matemáticas.

Estava ali em questão perceber o que sentia por aquele filho que nascera fora da sua vontade e a quem o avô Rousinol, violando a mais elementar regra

do cálculo, concedera o número sete. O encadeamento de reflexões surgiu-lhe como se tivesse acariciado o gatilho de um revólver ao de leve e a arma, retesando-se-lhe na mão, começasse a disparar, sequencialmente, tiros secos.

Sentado e hirto na antiga cadeira de pau, considerou que deveria traduzir as suas dúvidas num exercício de cálculo, solucionando os dilemas pessoais da forma como solucionava os desafios da criptografia. Passou a representar a sua angústia por uma função, como os pintores abstratos representam a dor pela sobreposição de pinceladas de tinta.

$$a(r,m,7,t)=x$$

Decomposta da seguinte forma:

a — a forma como deveria agir em função do nascimento do Sete;

r — o pai Rousinol;

m — a mulher que morrera no parto com almofadas de espuma nos cantos dos lábios;

7 — o filho que acabava de nascer;

t — a variável tempo.

Olhou para aquele conjunto de números e letras como um entendido analisa uma obra de arte criada num momento de invulgar desespero. E teve a certeza de que até o mais medíocre matemático, ao observar a função $a(r,m,7,t)=x$, conseguiria ver no autor um homem entregue a terríveis dilemas.

6.

Jedem das Seine



TENHO UMA OPINIÃO RELATIVAMENTE CONSERVADORA sobre biografias autorizadas. Petrónio escreveu que um médico nada mais é do que um consolador de espíritos. Penso o mesmo dos biógrafos pagos. Masturbação assistida — não tarda e acaba em prostituição.

Vais receber setenta K, disse-me Silvana, a minha editora, depois de deixar de me abraçar. As solas dos sapatos rasos, bailarina nas palavras e no calçado, regressaram ao soalho. A sua escassa capacidade de mostrar afeto transforma qualquer toque, apesar de breve, num contrato autenticado a lacre.

Pouco comungo da ideia de que o trabalho liberta. Se for para escolher algum slogan nazi, prefiro Jedem das Seine, de Buchenwald. Cada um por si, em tradução livre. Fico bem quando o imobilismo — «a preguiça», corrige Camilo — me deixa no sofá com uma caneca de café na mão que, ao segundo sorvo, já esfriou. Não me observasse Camilo da porta

— Então, o que fizeste hoje?

e estaria o dia todo a juntar os vértices dos móveis com linhas invisíveis que atravessam o espaço. Sentir-me-ia lúcido nesses momentos e encontraria

formas e constelações na sala de estar como na união de estrelas do firmamento. Satisfeito ao

— Então, o que fizeste hoje?
descobrir o perfil de Simón Bolívar entre o pé do aparador e o braço da poltrona.

Camilo gosta de receber os médicos da clínica cá em casa. Argumenta que precisa de confraternizar longe do bloco operatório e das salas de TAC para que o convidem para a administração. Por favor, não repitas a graça sobre o IKEA, pede, enquanto me escolhe a camisa.

Ao terceiro copo, animo-me e, quando alguém elogia as linhas modernas do aparador da sala, informo prontamente a audiência de que o desenho exclusivo está nos antípodas do mobiliário tipo puzzle. Fazer compras no IKEA é como sermos invadidos por um país inimigo: temos de andar horas e, no final, ainda somos obrigados a montar a nossa própria cama, gracejo. Camilo estica-me os lábios para um beijo estéril. A audiência não reage.

Costumava responder com cordialidade quando um estomatologista me perguntava pelo livro que andava a escrever. Sabia que o fazia por provocação, não conseguindo disfarçar a arrogância científica do sorriso talhado a ortodôntica. Apanhava-me a sair da cozinha com uma bandeja de pinchos entre mãos e emboscava-me no corredor. Largava a bomba e escondia o esgar por detrás do vidro fosco do copo de whisky. Suportava aqueles jantares ao ritmo de dois maços de cigarros por noite e a efabular sobre o número de colonoscopias que cada um dos filhos da puta tinha feito nessa tarde.

Ultimamente, fico à beira de águas turvas, embaçado por vertigens, quando Camilo deixa um recado telegráfico na fruteira a confirmar nova receção. Demoro-me, pasmo, deambulo, atraso-me, perco-me, atento ao navegar vacilante dos barchettos no ondulado silencioso do Arno, a deixar arrefecer um expresso na esplanada da estação central, sentado no patamar do

prédio, ouvindo no escuro os farrapos de conversas que transudam da nossa casa e a zoadada de curto-circuito da luz das escadas. Anoiteço-me, à espera que o último saia, segredando uma despedida pegadiça na nossa soleira e, ao longe, ainda lhe oiço o eco do riso de cagão no fosso do elevador.

Encontro Camilo a despejar mecanicamente os cinzeiros ou a recolher copos, um leve odor a éter no ar — ou será preconceito meu, pensar que todos os clínicos cheiram a anestesia? — e escapo-me para o escritório, inventando o que fazer.

As notas dos pássaros



TINHA O TELEMÓVEL NO SILÊNCIO, por isso não atendi à primeira. Estava sentado sobre o tampo da sanita da nossa casa de banho, a ver o recorte de Camilo no cortinado do duche. A água corria veloz, desprendia-se de Camilo e transformava-se em vapor junto ao teto, descendo num véu. Tenho o hábito de o observar, sem ele dar conta, como se espreitasse por detrás de uma tela os movimentos do palco. Nos espetáculos de sombras, vemos elefantes a transportarem sultões para, no minuto seguinte, se desenlaçarem num oceano com baleias a virem à tona. Camilo oferece-me um número semelhante: a nuvem de espuma cresce-lhe na cabeça como uma copa coberta de neve, a escova das costas prolonga-lhe os ramos, o assobio modela-lhe nos lábios as notas dos pássaros. As gotinhas que condensam e escorrem no espelho são as lágrimas que extraímos à madeira dos teatros antigos. Quando fecha a água, tenho vontade de bater palmas.

— Estás aí? Passas-me a toalha, se faz favor?

O telemóvel vibrou novamente sobre o lavatório. Atendi. Era Silvana.

Silvana é convincente. Quase acreditei que da minha pena sairia a poção que, administrada em dose cavalgar, prescrição de calhamaço de trezentas

páginas, iria retirar a sociedade da modorra.

— A indústria livreira já te mastigou, Silvana — retorqui. — Mas ainda não te cuspiu.

Camilo riu-se quando lhe contei e verberou:

— Biografia em tempo de crise para animar o povo, vender nos escaparates mais barato do que antidepressivo. Está mesmo bom para ti — fez correr o cortinado do duche, espantando os pássaros. — Dás-me a toalha, ou não?

Silvana não avançou o nome do biografado ao telemóvel, marcou almoço para o Sostanza, entre passas no cigarro slim. Foi assim que a imaginei, os dedos trémulos a levar à boca a nicotina, mas, se lhe conheço o respeito que tem por mim, poderia estar sentada na pia.

Vesti-me para o Sostanza. Ambiente informal e barulhento, com mesas e bancos corridos. Dá azo a conversas com desconhecidos, queiramos ou não falajar com um casal brasileiro a celebrar as bodas de prata, raparigas de carrapito e sorrisos de esmalte, miúdos púberes emersos nos smartphones com expressividade de fantasmas, turistas de olhos arregalados.

Voltei a olhar para o telemóvel, tinham passado mais seis minutos, devo ter suspirado e sacudido o corpo, sentado no banco corrido e tentando conter os avanços de uma chusma de adolescentes de comportamento grupal e afastar-me da parede onde ameaçava esborrachar-me.

— Não estamos a incomodá-lo, pois não? — perguntou a brasileira da placa amovível.

A mulher de meia-idade usava um lenço garrido à volta do pescoço, que parecia um estandarte de samba, e os olhos descaídos sombreados a azul-turquesa. Acumulava espuma nos cantos dos lábios ao falar, que recolhia com a língua, nas respirações. Concedi-lhe um sorriso de estátua hindu e a paulista retomou a história de como o marido lhe tinha pedido a mão na fila para a torre do Duomo fazia agora vinte e cinco anos. O homem ao lado dela, de

cabeça redonda e lustrosa, tão nua que apetecia passar a mão, e atitude cortês, deixava adivinhar que fora por preguiça de subir as escadas e não por pressa de casar que tinha avançado com o pedido à cota do chão.

Silvana assomou junto da porta do restaurante, divisei-a entre cabeças, um retábulo cómico em contraluz à luta com o sobretudo grosseiro cor de tijolo, excessivamente quente para a estação. Foi socorrida por um empregado, que lhe puxou as mangas e a fez reaparecer de debaixo da fazenda. Sentou-se à minha frente, entre espirros, com um novelo de lenços brancos amarrotados junto ao nariz. Encontrara um espaço invisível para acomodar a sua pequena estatura, fazendo os comensais avançarem no banco como as bolas da chave vencedora na calha da máquina da lotaria.

8.

Fornicar o obscurantismo cândido de Rousseau



O PAI ROUSINOL FEZ UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA, que não deixou de ser cronológica, dos acontecimentos. Elencou um conjunto de situações e catalogou-as segundo as regras da lógica clássica. Os diferentes momentos que culminaram no nascimento do Sete foram identificados por constantes, representadas por letras maiúsculas do alfabeto romano. Ao primeiro encontro com a mulher na capoeira, por exemplo, associou a constante A (descoberta na capoeira), e assim sucessivamente.

A mulher foi descoberta por ele a trincar o milho duro das galinhas na capoeira da casa senhorial da Galiza, quando Rousinol andava obcecado em conceber uma fórmula que representasse a agitação fortuita daquelas aves parvas. A mulher muda, coberta de esterco e de queimaduras, despertou nele um sentimento mais próximo de desejo do que de piedade.

Levou-a para casa, encolhida na parte traseira da carroça da lenha, encheu-lhe uma banheira de água quente, que temperou com ervas, e a imersão, abrindo as feridas, fê-las supurar. Aplicou-lhe pós medicinais sobre as chagas e deu-lhe alimentos de gente. Fê-lo sem a ajuda das criadas e sob a receosa vigília da avó Rousinol.

Liberta da sujidade, com os cabelos alisados por um pente, curativos administrados e roupa limpa, a mulher, que viria a ser mãe do Sete, revelou-se peituda e de púbis macia, mas continuava muda. Pelo que sei, nenhum Rousinol é dado a gestos magnânimos e tamanha candura deveu-se ao desejo do matemático em foder uma selvagem, ou o mais aproximado que conhecera dos relatos de Colombo ou de James Cook após ancoragem em terras de índios, o mesmo que fornicar o obscurantismo cândido de Rousseau. Acabou por enrabá-la, posição que considerou ao gosto dos animais, e não há registo de que a mulher tenha resistido. A esta última exposição, o pai Rousinol atribuiu a constante B (enrabar a mulher).

A avó Rousinol optou por respeitar os desejos do filho. Uma tuberculose letífera na infância justificou a permissividade que, praticada em excesso, torna crianças inteligentes em adultos cruéis. A mulher foi aceite, introduzida nas tarefas domésticas, atividades simples, preferencialmente repetitivas, como abrilhantar pratas, e ganhou competências vocabulares. Palavras servis de agradecimento e abnegação, a princípio. Quantas mais frases ela pronunciava, menos o pai Rousinol a enrabava, preferindo penetrá-la de frente apoiada na calha da ardósia da biblioteca. Apesar de matemático, o pai Rousinol viu no domínio da língua o movimento que o primeiro homem fez ao abandonar a caverna e seguir bípede. É, neste ponto, que introduzimos a constante C — a fala.

Meio ano depois da descoberta na capoeira, a mulher passou a servir as refeições na sala dos lustres, onde as lágrimas cristalizadas executavam danças de sombras no tampo da mesa comprida e sobre os guisados no barro e o dardejar de asas de pássaros nas janelas interrompiam longos silêncios. Como é da natureza das famílias tradicionais, o avô Rousinol era o primeiro a ser servido, seguido dos dois filhos, que, por estarem na idade adulta, se mantinham na iminência de serem alistados, o que fazia daquela uma das últimas refeições de temperos domésticos que provariam durante largo

tempo.

Mais do que o seu irmão mais velho, o pai Rousinol era objeto do interesse das forças que se arregimentavam em torno de Berlim e merecera uma carta de recomendação ditada pelo Generalíssimo e dirigida aos serviços de inteligência alemães. Nela se lhe elogiava o pensamento abstrato, o amor à pátria, o domínio da língua alemã e da criptografia e, acima de tudo, as origens e a coragem, garantindo que o rapaz os tinha no sítio. A quantidade de pólvora que Hitler peidou sobre Espanha na guerra civil justificou a política franquista de oferta de cérebros.

Quando a mulher pousou o borrego trinchado, com um curto remoque, na madeira brunida, o avô Rousinol não pôde deixar de reparar nos dedos finos e nas unhas redondas de pigmento rosa. Eram mãos que poderiam ter podado roseiras, aberto a encadernação de iluminuras do Grande Evangelho de São Columba, ou marcado o compasso de uma sinfonia.

— Como te chamas? — perguntou, fazendo a mulher interromper o caminho até à porta.

— Puta — respondeu a mulher, imitando o pai Rousinol a salivar-lhe o pescoço.

— Tocas Bach? — quis saber o avô.

Por toda a mesa se propagou um burburinho zombador, mas, para espanto dos presentes, a mulher anuiu com um curto aceno.

O avô Rousinol apontou-lhe o piano tapado junto aos reposteiros e as teclas, ao serem descobertas, irradiaram a luz do início da tarde e uma triste música de cortejo. O arrulhar da pedra atingida por uma biqueira terá mais poesia do que a interpretação da mulher ao piano, mas o avô Rousinol procurava outras coisas. Queria método e disciplina naquilo que a música tem de mais próximo da matemática, e a mulher deu-lhe simetrias, métrica e sequências de solfejo que intrigariam Fibonacci.

— Como te chamas, mulher? — insistiu o avô.

— Esmeralda — disse.

Assim chegamos à constante D — o nome de pedra semipreciosa.

Quando Esmeralda tocou o Magnificat em ré maior, na sala de jantar dos Rousinol, restavam ao pai Rousinol alguns anos até à descoberta do medo. Não o medo infantil e benigno, mas aquele que pesa sobre o cangote como uma lâmina.

Os lenhadores do Minnesota e do Wisconsin partilham uma lenda: nas suas costas move-se um animal extremamente rápido, acompanha-os nas tarefas mais comezinhas do dia a dia, persegue-os na floresta no abate de árvores, quando levam o cantil à boca para esquecerem a sede ou emborcam um litro de vinho para suportarem o degelo da neve que se infiltra nas botas. O animal é de tal maneira rápido que os perseguidos viram o corpo, sobressaltados, e nunca o conseguiram surpreender, nem sequer pressentir o rasto do seu movimento. Borges apresenta-o n'O Livro dos Seres Imaginários e, apesar de não haver provas científicas da sua existência, acredita-se que o escritor tenha deixado em prosa aquilo que é transversal ao homem — o medo. Todos garantem que se trata da mais temida espécie, porque encerra em si o pior dos receios do homem que atormenta. Uma assombração à medida de cada um.

O nascimento do Sete tornou-se o animal veloz da floresta que perseguiu o pai Rousinol. Isto leva-nos à constante E.

9.

A languidez que deixa os sexos moles



— E O QUE É FEITO DO CAMILO?

Silvana estava sentada à minha frente com as sobrancelhas arqueadas: assim as dispõe quando protela um qualquer assunto. Olhar jubiloso do costume. Camuflado, o matreiro. Achatava bolinhas de pão com a ponta do indicador enquanto falava, porque as formas perfeitas a entediam. Faz o mesmo com as pessoas.

Uma mulher, a duas mesas de distância, almoçava sozinha, ou, se não comia, porque a refeição no prato permanecia intocada, salmodiava qualquer coisa. Olhei mais atentamente. Percebi que dos lábios lhe saía música, com os braços unidos a comporem uma barca, embalada num ondular vago. Um cântico para uma criança no seu colo vazio. Pensei: o que fazer com isto?

Silvana repetiu a pergunta e eu encolhi os ombros.

— Gosto de ver Camilo por detrás do cortinado do duche, enquanto toma banho. E de o ouvir a assobiar.

— De o ouvir?

— As aves são capazes de emitir quarenta e cinco notas por segundo. Apanhamos um pássaro e oferecem-nos uma orquestra.

— Ele tem nome de pássaro — disse Silvana, após uma pausa —, isso é verdade.

— Parece-me uma evidência.

— Ainda que com a sua singularidade. O rouxinol é uma ave, depois eleva-se acima da sua classe.

— Escreveu Goethe?

— Goethe.

— Pois, Camilo gosta de ultrapassar a sua espécie, tornar-se qualquer coisa de diferente, incomparável.

— Bem... — hesitou. — E no resto do tempo?

— No resto do tempo, é a vida. Aquilo a que chamam realidade, suponho.

— Engoli em seco. Se vivesse com Camilo por detrás de uma cortina de duche, seríamos mais felizes.

O rosto de Silvana fica mais andrógino quando dá opiniões. Remete-me para a nossa primeira vez na Pensão Cittadella, na zona norte da cidade, e para o seu peito plano, com duas pequenas saliências camufladas na uniformidade da pele.

O B&B clandestino com uma placa discreta na fachada manteve-se o nosso tuguio durante meses. À porta, figuras translúcidas de emigrantes senegaleses fumavam, encostados ao tempo, uma erva de cheiro doce. Era com eles que Silvana negociava o conteúdo de bonitas caixas de rapé. Falava-lhes como um homem justo, debatia margens com mestria e, obtido o desconto, pagava-lhes o montante inicial. Perguntei-lhe uma vez porque é que se dava àquele trabalho, se acabava sempre por aceitar o primeiro preço. Ainda está para nascer um siciliano que pague sem regatear, respondeu-me. Ela e os seus três irmãos eram muito pequenos quando a mãe morreu, deixando à família uma abundante fortuna, uma verdadeira fortuna de negociante siciliano, império erguido à bala pelo avô.

Ao contrário do que se poderia adivinhar de uma meninice passada num

lar masculino, Silvana não foi protegida pelos irmãos nem mimada pelo pai, a alcofa onde cresceu não era cor-de-rosa e abainhada com tules, e um bando de pássaros alados não lhe sobrevoaram o sono, compondo no teto uma pintura celestial e um pouco assustadora. Teve de erguer os punhos umas quantas vezes para se proteger da violência das brincadeiras dos irmãos e de aprender má linguagem. As mulheres que foram criadas entre homens e por homens desenvolvem cedo a técnica do murro nos colhões e andam com a latrina na boca. Silvana sabia beliscar-me os tomates até as lágrimas aflorarem e eu ser obrigado a retirar qualquer indelicadeza que tivesse dito. Poucas mulheres dominam esta habilidade.

— Porque é que não te divorcias? — quis ela saber.

— Porque não usei todas as armas.

— Um casamento não é uma guerra, Nino.

— Não me alistei, não fiz a tropa, não marchei, esta é a minha guerra. Eu e Camilo contra a realidade. Estamos do mesmo lado da barricada, não julgues que somos inimigos.

Conheci Silvana como está, pouco mudou nos últimos vinte e cinco anos. Encontrei-a aborrecida numa festa lenta e morna, a varejar de grupo em grupo pelas divisões do apartamento devoluto, e gostámos um do outro. Conversámos sentados no parapeito de uma janela de guilhotina, com os olhos no painel de azulejos desfeito da fachada em frente e na rua estreita que se alongava para sudoeste. Ela estava a arrancar com a editora e tinha um perfume complexo que abafava o cheiro das chuvas da primavera. Eu estava a ultimar o meu primeiro romance, um exercício gongórico e obeso, e, dada a época do ano, sofria com uma ofensiva de rinite alérgica.

A festa foi interrompida de forma abrupta. Alguém — um tipo alto com um estranho chapéu de coco — deu o alarme de narinas abertas, farejando o ar; outro tentou confirmar no meio do cocktail de suor, água-de-colónia barata, droga e aturdimento, os indícios de uma sobrecarga elétrica; o

oxigénio foi contaminado pelos vapores da borracha queimada e um clarão atrás de um velho sofá de molas, seguido de labaredas violetas e fumo negro, fez com que os convidados se precipitassem em boiada para a exígua porta de saída.

Separámo-nos ao segundo lanço de escadas. Os dedos de Silvana largaram os meus e ela foi levada pelas vagas de intelectuais, artistas e promissores filósofos florentinos, que planeavam a próxima revolução ética na fuga de um prédio em chamas. Voltou a emergir, içando-se nas costas de um assistente de literatura, para me gritar a morada da Pensão Cittadella. Marcámos encontro para o dia seguinte. Voltei para casa a pé e decidi, pelo caminho, que lhe mostraria o que andava a escrever.

Não foi fácil dar com a pensão: naquela zona da cidade ninguém parecia saber falar italiano. Bati, mas a porta estava apenas encostada. Encontrei Silvana deitada na cama, nua da cintura para cima, descansando a cabeça sobre o cotovelo dobrado tal qual as mulheres oblongadas de Modigliani. Como o mestre pintou em Nu Couché au coussin Bleu, também ela tinha um sombreado pubiano na axila exposta, mas o peito perfazia a leve curvatura do chão de uma balsa. Ao ver-me, mal se mexeu, limitando-se a encontrar espaço ao seu lado para que me deitasse na cama tosca.

— Não te preocupes que não vamos foder. Estou com o período — descansou-me.

Os encontros mantiveram-se durante perto de seis meses, até Silvana arranjar um namorado ciumento e ocasionalmente agressivo. Apesar de nos estirmos horas a fio, nunca desfazíamos a cama; em vez disso, entrelaçávamos as pernas sobre a colcha puída e ouvíamos sistematicamente o autoclismo a ser descarregado no quarto ao lado, por detrás da parede da espessura de papel.

Camilo insinuava-o constantemente, mas não houve sexo entre nós. Sem que tivesse abordado o assunto de forma clara, Silvana tirou as suas

conclusões sobre a minha homossexualidade, sabendo que não era o facto de ser mulher que nos afastava. Já tinha estado com várias mulheres e sentia-me atraído por algumas. Também já tinha estado com vários homens. Não resistia ao impulso do toque quando me interessava por alguém. Já as tardes dolentes com Silvana deixavam por preencher os requisitos do desejo, pareciam-se antes com a partilha de um banho tépido por dois irmãos que se demoram, apesar dos dedos engelhados e do chamamento exterior para o dever. Não havia desassossego ou embaraço entre nós, só a languidez que deixa os sexos moles.

Na Pensão Cittadella, tínhamos a quietude necessária às boas conversas e falávamos, em tronco nu, de assuntos eminentes, auxiliados pelo conteúdo das caixinhas de rapé. O Universo tem fim? Shakespeare escreveu todas aquelas obras? O mundo vai acabar a 12 de dezembro de 2012, como indica o calendário maia?

As razões por que Narciso amou Pausânias



A ESMERALDA DA CAPOEIRA GANHOU galas de pavão ou apenas tornou a hábitos antigos. Foi deixando tarefas domésticas, tocando amiúde às refeições, até se sentar à mesa. Tinha o respeito da família por ser uma selvagem com talentos, qualquer coisa próxima do encanto dos animais amestrados, e ganhou, na intimidade feminina da alcova (ou da cozinha), a simpatia da avó, ao ponto de se dar ao luxo de recusar a ereção do pai Rousinol, primeiro com desculpas esquivas e, ao ganhar segurança, com empurrões firmes.

Vivia sobre arames, em equilíbrio num fio de cabelo. Emudecendo amnésica quando lhe perguntavam pelas suas origens, acabou por ser tida por órfã — o que acentuou o sorriso devoto da avó — e subsistiu com pequenas conquistas diárias, momentos de ócio, livros sobretudo, já que pouco ligava às ofertas de chapéus usados que pareciam novos, vestidos de domingo para a missa e à ciumeira elogiosa das outras criadas.

A parede lateral da casa tinha dois nichos roubados à pedra, que ladeavam a porta da cozinha, antes a cova de duas santas de granito. Com a saia um pouco arregaçada a sombrear-lhe os tornozelos grossos, a mulher sentava-se

num deles, constatando as variações do nascer do dia — a posição do astro na curva do horizonte, a inclinação da sombra nas copas das macieiras e a velocidade a que a claridade retirava as formas da escuridão. Mas sobretudo, o que Esmeralda fazia ali sentada eram listas alfanuméricas que passava a limpo para um caderno quadriculado de papel pardo. Enfiadas de algarismos que vertia com o lábio inferior ligeiramente descaído: horários e frequência da consumação entre os animais, fruta caída das árvores, fruta caída das árvores a mais de dez metros do tronco, número de nuvens baixas em dias de temperaturas elevadas, metros cúbicos por segundo de pluviosidade em semanas pares do calendário, e por aí fora.

Talvez o Sol se elevasse a dez graus em relação à linha do horizonte, talvez sete maçãs tivessem ultrapassado o raio de dez metros, afastando-se da macieira, no dia em que o pai Rousinol ocupou o outro nicho na parede de pedra junto à cozinha.

A mulher demorou alguns segundos a aperceber-se da companhia e hesitou antes de se levantar, guardando, desconfiada, o caderno quadriculado no bolso da frente do avental negro. O pai Rousinol deu um passo na direção de Esmeralda, que instintivamente recuou, no arremedo de uma fuga. Ambos estacaram, tensos, a temerem-se. Ela pousou os olhos nos atacadores desapertados das botas e, ao voltar a erguer a cabeça, o receio tinha dado lugar a um borrão. Levou os dedos ao pescoço para sustentar um ataque de tosse, dobrou-se no gesto, e nada aconteceu — como com as nuvens carregadas e indecisas. O matemático aproveitou-se do parêntesis. Agarrou-a por um braço e forçou-a a sentar-se, arrancando-lhe o caderno do avental, empalidecendo-a. Recolheu, por sua vez, ao nicho que lhe era destinado. Os dois expostos em caixões abertos na parede.

O pai Rousinol olhou para as quadrículas, como que a avaliar a composição escrita de um analfabeto, e sorriu. Demorou-se nos registos das nortadas que faziam volutear as folhas secas dos sobros e queimavam as

maças, no número de pigarros do avô Rousinol à mesa para um lenço de bolso, conferiu as médias semanais de quilos de arroz e milho consumidos pela família com cálculos rápidos, assim como os gráficos de evolução do crescimento das sebes que Esmeralda tinha desenhado no papel. Apreciou a recolha exaustiva dos dados e a metodologia empregue. Cada número pareceu-lhe o fio de terra que agarrava a mulher à matéria, o préstimo que as cavilhas têm para os balões de hélio. Ali estava alguém que não se debruçava sobre conceitos vagos, do domínio da fé, difusos como a luz sem poderem ser vertidos numa equação. Felicidade, justiça, virtude, temperança eram estados de alma que não lhe interessariam por certo, ordens do domínio celestial ou do Estado ou da Igreja que servem para calafetar o pensamento dos borrados de medo.

Passaram a ter relações sexuais sobre a colcha da cama do matemático, a restolharem suspiros de sobrevivência, medindo e anotando os períodos até ao orgasmo. Rousinol gastava tempo a observar o peito de Esmeralda, duas campanas azuladas por uma malha fina de vasos sanguíneos à superfície da pele, apontando com os seus bicos duros uma bifurcação de intenções. Segundo os registos, os encontros eram fugidios e terminavam com uma caminhada ao longo do muro de azulejos da propriedade, de duração não superior à do sexo. Sem um fitar de olhos, ele voltava, em seguida, para a biblioteca, já os chapões de luz ardiam no folheto e o faziam transpirar.

O pai Rousinol começou a admirar o raciocínio sistemático de Esmeralda, mais do que as coxas que o atanzavam. Agradava-lhe o facto de a mulher não se perder em gestos inúteis ou frases pouco substanciais: não havia barroco nos seus comentários, comportamento ou forma de pensar. Estaria apaixonado pelas mesmas razões por que Narciso amou Pausânias: via-se espelhado na mulher.

Constante F concluída.

Esquecer para decidir



HÁ ALGUNS PARES DE ANOS que mantenho contacto regular com um médico galego e só por mérito dele não nos temos distanciado. Enamorei-me na noite em que o conheci e tenho-o seguido desde essa altura. Enamorei-me porque há encontros que nos fazem tanger ou vibrar como cordas em tensão — quando Camilo se aproximou, eu produzi música.

Estávamos no bar aonde ia parar quando deambulava nas margens do Arno, a carburar qualquer pensamento inútil. Um lugar para experienciar o tédio, o entretenimento humano que mais me conforta. Era um zé-ninguém, naquela altura. Certo seria assumir outro tempo verbal porque ao longo dos anos não terei passado de pouca coisa. Camilo procurou a Prezzolini no bolso do casaco e largou-a em cima da mesa, junto às canecas de cerveja vazias. Não foi um gesto irrefletido e rapidamente as pontas da revista ficaram humedecidas e translúcidas.

— O que quero dizer é que me posso apropriar da tristeza de outros sem a ter vivido — respondi, tentando justificar os meus versos merdosos sobre o Curtis.

Camilo observou a espuma que desaparecia na superfície da sua cerveja. A

primeira rodada fora por sua conta, tal como as seguintes. Eu não fizera qualquer esforço para o dissuadir. Andava com poucas moedas na algibeira, mas, por qualquer mistério, que tentei evocar demasiadas vezes já na vida adulta, as situações resolviam-se por si e alguém acabava por puxar da carteira.

Ele tinha aquele tipo de magreza que não representa ausência de força e vestia um casaco caro, apesar de puído na gola e nas dobras das mangas, que por ser demasiado grande lhe conferia, de costas, a robustez de uma cristaleira. Tinha sido herdado, foi o que concluí quando se levantou para pedir ao balcão e vencer a sonolência do empregado.

— É esse o teu erro — disse, recostando-se na cadeira. Os cantos dos lábios finos tremiam-lhe de contentamento, sinal de que vinha aí uma etapa importante da sua argumentação. Camilo é sereno e o que o deixa mais assanhado é a antecipação de uma vitória pela dialética. Precisei de tempo para me aperceber deste detalhe, não sou grande observador.

— Deixa ver se te compreendo: dispomos de tudo, de toda a informação, só nos falta ver. É assim que pensas?

Anuí.

— És um escroto! — exclamou.

— Começa a aborrecer-me essa merda do escroto.

Escroto nem é insulto que preste, e estava em desuso naquela altura. Creio que um ator pornográfico americano adotou a alcunha nos anos 80, com relativo sucesso.

A manhã já tinha despontado e forçava a entrada no bar, deixando passar, pelas frinchas e junções das janelas, uma luz agressiva e sufocante. Apercebi-me de que falávamos sozinhos no centro de uma neblina de droga e tabaco, que subira e se adensava, ameaçadora, junto ao teto.

— Tens o conhecimento em ti, apenas tens de o invocar — disse Camilo.

Anuí novamente, protegendo os olhos de um raio de sol que me feria, e

ele prosseguiu.

— Se eu falar castelhano, entenderás mais cedo ou mais tarde, porque evocarás esse conhecimento ou conhecimentos análogos? Se te largar numa cidade desconhecida, saberás orientar-te por recordares o que é andar numa cidade à deriva? Apesar de nunca teres vivenciado a morte ou o desespero poderás escrever sobre a morte e o desespero, como Curtis e dedicar poemas a alguém que interpretou coisas como «A means to an end».

— Certo — respondi sem grande análise. Começava a ficar cansado.

— Errado. O que vais conseguir é que gozem com a tua pronúncia castelhana, que te percas em bairros violentos de uma cidade que não conheces e escrevas poemas, como o desta revista, que são um escroto — concluiu, vitorioso.

Camilo já estava de pé, a rapidez com que se levantou sugeria-o bem menos ébrio do que eu. Lá fora, no exato local onde nos tínhamos conhecido umas horas antes, estendeu-me a mão e disse:

— Se te recompusesse a tempo, devias ir comigo assistir a uma palestra esta tarde, na Galeria da Academia.

Não foi um convite afável, pareceu-me de imediato um teste moral. Ainda era cedo e a temperatura subira repentinamente. Ambos transpirávamos no passeio, com o sebo das peles do Mercado de San Lorenzo a penetrar-nos as narinas. À luz do dia, reparei nas olheiras cavadas de Camilo a contrastar com o rosto vivo, trepidante, incapaz de focar por mais de breves segundos.

— E sobre o que versa essa palestra? — perguntei, com um lampejo de ironia.

Não tinha qualquer intenção de passar naquele teste de índole, mas prolongar a conversa afastou um casal de turistas, que, agarrados a um mapa, como ao casco de um bote, vinham na nossa direção, mareados.

— Esquecimento corretivo. Esquecer pode ser a melhor solução para tomar decisões — sustentou impassível. — O orador é o tipo que me ofereceu

este casaco — retesou as golas e eu pensei como estaria a cozer por debaixo da fazenda —, o meu tio, Jorge Rousinol. — Depois de uma pausa estudada, acrescentou: — Terás de fazer a barba.

Aquilo soou-me a cartilha instantânea da que nos raspa o saber, descasca a fina película de razão que nos maquilha e deixa a superstição à mostra.

Despedimo-nos e ele virou na direção do rio.

Fumei até ao filtro o meu último cigarro do maço sentado aos pés da estátua de Petrarca. Os artistas de rua começavam a montar vagarosamente os seus cavaletes no centro da Uffizzi. Perdidas as primeiras aulas da manhã, talvez Estudos Interculturais numa sala abafada, com uma cópia da Última Ceia a tapar as infiltrações da parede. Recostei-me na pedra a pensar na indústria que se tinha montado em torno de réplicas da Renascença e no estranho rapaz que acabava de conhecer. Era por ali que terminava as noites, com um jornal antigo aberto sobre as pálpebras, até que o Sol, perto do zénite, varresse toda a galeria e me acordasse para os rerum vulgarium fragmenta, vigiado pelo poeta. Fechei os olhos para me acomodar a este hábito, mas não consegui adormecer. Levei a mão ao rosto para sentir o filamento que crescia à mercê dos dias.

12.

O sujeito suspenso, impaciente por causa de um predicado que tarda



QUANDO NÃO ESTAVA DEITADA na cama da Cittadella, Silvana rodopiava pelo quarto, alternando o centro gravítico entre os dois pés — o inglês tem a palavra spinning, perfeita para transmitir o arrastamento, a velocidade, o ar projetado pelo seu corpo magro —, como pratos de porcelana japonesa equilibrados pelo movimento em varas. Ela lançava-se neste exercício aflitivo se, por alguma razão, a conversa a entediava, o que acontecia ao ler-lhe excertos de um romance em que estava a trabalhar e, à conta do seu giro insano, deitava parágrafos inteiros para o lixo.

Silvana era avessa à atualidade. Não sabia uma generalidade que fosse sobre a Guerra Fria que se agudizava, ou o resultado das eleições americanas e, se a Sicília fosse atingida por um maremoto, só o acaso lhe daria a notícia da tragédia. Em contrapartida, tinha conhecimentos profundos sobre literatura, astrologia e todos os misticismos análogos, e, de quando em vez, vertia adivinhações com assustadora precisão.

— Vens da Galiza apaixonado — sentenciou de voz nasalada, o queixo apoiado na palma de uma mão, o indicador da outra a pressionar a aba do

nariz e o pó branco acetinado a invadir-lhe as vias respiratórias, aspirado a partir do seu polegar trémulo.

— Nunca mais te livras dessa família. Como é que eles se chamam? — perguntou, deitando-se de barriga para cima.

— Rousinol — respondi.

— Rousinol — repetiu, fazendo ressoar as vogais no céu da boca. A língua na última sílaba lambe o palato.

Sob o olhar estrábico de um Dante Alighieri a escorregar do caixilho, pedi-me para snifar cocaína no meu pénis e eu aceitei. Tinha aberto um prosecco da garrafeira do pai. Celebrávamos qualquer coisa que apenas ganhava sentido no interior daquelas paredes cobertas de humidade e de promessas sonsas à medida de hotéis para o fortuito do sexo.

Silvana alinhou o pó com minúcia, longitudinalmente até ao prepúcio, e encostou a narina húmida à minha pele, pressionando a outra ao de leve com o indicador. Um espasmo atravessou-lhe o corpo e, paciente, recolheu as sobras com a língua áspera e fendida, sem provocar descarga de sangue nem uma resposta cutânea que pudesse assemelhar-se a uma ereção. Tombou a cabeça na almofada, resfolegando como uma égua ajaezada, e disse:

— E tu, Nino? Tu estás... — o sujeito suspenso, impaciente por causa de um predicado que tarda. — Tu estás a precisar de um projeto.

Saí do quarto sem bater com a porta. Nunca mais voltei à Cittadella.

Um salto curto do pensamento



— ROUSINOL. JORGE ROUSINOL? — Acenei, reconhecendo o nome. — Está doente — prosseguiu Silvana. — Não sei pormenores, mas parece ser grave. Grave ao ponto de ter mandado o advogado sugerir à minha editora uma biografia.

O empregado do restaurante apareceu entre nós, interrompendo-a, espantando o verdeal que lhe martelava a acentuação das palavras. Passou a mesa a pano, recolheu as duas canecas de café arrefecido e deixou, no tampo húmido, um convite de saída e os contornos das fronteiras do Chile.

A chusma de adolescentes tinha ido vozear para qualquer centro comercial, o casal paulista estaria a arrastar o peso pelos degraus do Duomo, a duas mesas de distância a mulher calara-se, de colo vazio. Nós atirávamos palavras como se fossem pares de póquer.

— Podias ter dito que era sobre o Rousinol. Isso vai ser um problema com o Camilo — protestei.

Silvana tem aversão a perorações e não levei a mal o tom de aparte, a nota de rodapé numa obra longa destinada aos leitores mais escrupulosos, com que sugeriu a biografia de Rousinol. É assim desde que a conheço. Talvez a

educação masculina lhe tenha ensinado que a melhor forma de atenuar o embate das notícias seja esvaziá-las em comentários anódinos.

Recordo-me de contar, na Pensão Cittadella, como o pai a informou, aos quatro anos, da morte da mãe. Ajoelhado no chão da cozinha, enquanto lhe apertava as botas ortopédicas, manobrando os atacadores dos pés mortos de Silvana como um ventríloquo de sentimentos.

— Tinha a voz tão indiferente como uma tela branca, as feições distendidas, talvez um sorriso que se limitava a um traço arrebitado nos cantos — explicou. — Se uma criança não chora quando perde a mãe, quando é que vai chorar depois de ser adulta?

— Que grande cabrão — concordei.

— Tinha coisas boas. Nunca comi melhor pasta alla Norma.

Adivinho que Silvana revelaria dificuldades em alinhar momentos de proximidade afetiva, aconchego emocional ou carinho paterno que ultrapassassem os limites jurídicos das obrigações de educação, sustento e abrigo ou, já mais crescida, que não tivessem a forma de empréstimos para negócios insustentáveis, como foi o caso da pequena editora.

Na manhã em que o advogado de Rousinol entrou no desleixado gabinete de Silvana, ela tinha uma nota da contabilidade em cima da secretária à qual fazia tangentes. Um adiantamento de mil e quinhentos euros a troco dos cinco capítulos iniciais do meu novo romance, que — dada a hora do dia — estariam no fundo de uma garrafa de gim ou no cesto dos papéis.

O tipo de gestos esquinados e voz benigna sentou-se muito direito numa clareira do sofá, o pouco espaço liberto de bestsellers de autoajuda, coletâneas de poesia que nos salvarão a vida sem o termos pedido, invólucros de refeições e sobras de toalhetes a denunciarem noites mal dormidas no gabinete e uma certa luta interna sobre o novo papel social da mulher.

Ao ver-lhe o equilíbrio instável no vértice de pele do sofá, Silvana não se apressou a afastar tralhas nem a oferecer conforto. Olhou-o de viés,

desconfiada, como fazia com todas as encomendas de tom prazenteiro e aperto de mão fácil que o departamento de marketing da editora reencaminhava para publicação compulsiva.

Deixou-o falar, e o tipo foi exato nos termos, parolando as instruções de Rousinol. Finda a explicação, ele levantou-se, abriu a mala com dois estalidos metálicos e pousou o contrato de edição previamente redigido sobre a secretária de Silvana.

Naquelas folhas timbradas com o logótipo em relevo de um conhecido escritório de advogados, Rousinol assegurava o pagamento da edição de quarenta mil exemplares, após autorização prévia, e garantia a possibilidade de veto perante a escolha do biógrafo feita pela editora, que deveria ser alguém com formação em Letras, autor publicado da chancela e sem outra ocupação. Chegar a mim foi um salto curto de pensamento.

Em confronto com demónios clássicos



CAMILO ESTAVA NUMA DAS RUAS LATERAIS da Galeria da Academia, encostado a uma porta entaipada da Via Ricasoli. Parecia esperar alguém, atento aos atacadores, e tinha um cigarro apagado na boca que manobrava com habilidade entre os dentes. Ao fundo, o Duomo, Santa Maria del Fiore coroada pela sua cúpula laranja incandescente ao sol do início da tarde e turistas em excursão em contraluz, como um corpo único de várias cabeças em avanços de centopeia na nossa direção. O cheiro espesso, a lembrar o óleo do porto de Génova.

Não se mostrou surpreendido por me ver chegar de barba feita, deu um piparote ao cigarro intacto e descolou da parede, onde estava pendurado por uma ponta do seu casaco-cristaleira. Começou a andar, ziguezagueando com habilidade entre a mole, crente de que o seguiria. Foi o que fiz.

— Estás atrasado.

Pensei que ele não mencionara o horário de início da conferência, mas nada disse. Sentia-me dormente e ébrio.

Contornámos a galeria pelo exterior e entrámos através de uma porta serrada na fachada coberta por tapumes. O acesso secundário a uma área que

não constava dos circuitos de visita. No exíguo anfiteatro, inspirámos vapores tropicais vindos das paredes porosas, humidade quente atípica da cultura do boleto.

Jorge Rousinol deambulava já na extremidade do estrado, cachos em desordem, camisa por fora das calças e voz metálica semelhante, nos agudos, à de Camilo, que herdara o timbre do tio. Atirava ululados à assistência, quase sempre com o olhar perdido. Tinha uma linguagem corporal abrasiva de pastor ortodoxo numa figura desleixada. A elocução dava verosimilhança ao conjunto, que, acima de tudo, remetia para um doente em confronto com demónios clássicos. Dragões, serpentes de várias cabeças, e delírios semelhantes.

No quadro fora desenhada uma matriz alfanumérica de complexidade apreciável. Para mim, intransponível. Rousinol discorria sobre as afinidades entre equações matemáticas, técnicas de xadrez e anatomia. Parecia empenhado em criar uma trindade com estas disciplinas. As palavras ressoavam no teto abobadado de vidro, através do qual, nos intervalos da merda dos pombos, se contemplava um céu de um azul cristalino. Era por lá que andavam muitos dos olhares da audiência espojada nas cadeiras pelo tédio. Rousinol não se deixava afetar perante o desinteresse dos ouvintes, ou pelos lugares vazios que davam à plateia o rendilhado das colmeias e projetava no espaço uma energia sem eco. Sentámo-nos numa das bancadas laterais. Camilo, de forma estudada, deixou alguns lugares entre nós e admoestou-me com a expressão quando fiz tombar uma cadeira onde me estirara por — é verdade — arrependimento de ali estar.

Kant, Newton, Galileu, Aristóteles e um punhado de experimentalistas foram aludidos enquanto Rousinol cumpria elipses perfeitas sobre o estrado e perorava. O conhecimento a priori da filosofia escolástica acertou com Newton, mas falhou com Galileu, e mostrava-se tão incompleto como a observação empirista da aquisição do conhecimento. Uns procuravam a

essência no puro cálculo lógico-matemático, outros nas possíveis ligações que ocorrem entre os corpos, na matéria, nos objetos, na physis. Ambas as correntes levam, inevitavelmente, ao erro. A soma das duas, a adição de corpo e mente, também se mostrava inconsequente e incompleta. Nada lhe servia, a não ser o postulado do esquecimento corretivo. Era este o seu jargão, que apresentava num circunlóquio impenetrável.

— Escrotos, escrotos, escrotos.

Aos gritos, Rousinol despertou a plateia e as paredes devolveram-lhe o incômodo, como se a voz, esquisitamente, se visse ao espelho. Soltei uma gargalhada, recuperando o ânimo, e pressenti o sorriso de Camilo pelo canto do olho.

A indignação do professor deveu-se à ausência de voluntários na plateia que aceitassem o desafio de um jogo de xadrez. Soube mais tarde que foi assim que Rousinol mereceu possuir nome próprio. Após um jogo de xadrez mental contra o avô em 1945, o Sete passou a Jorge. Um degrau de pódio na cadeia familiar.

A agitação de silhuetas e de vozes borbulhou na assistência. Um rapazote de braços moles e lentes picadas levantou-se entre os que tinham escapado ao êxodo da sala, oferecendo-se ao matadouro. Rousinol lampejou de excitação, sem perceber que a criatura era um pardalito alimentado a esteroides, pouco tinha de caça grossa e, para mais, turvado pelo efeito de qualquer substância que lhe navegava nas veias e lhe irrigava os olhos de garoupa.

O professor desceu à primeira fila e puxou pelo braço de uma rapariga desengonçada, que o seguiu até ao palco. Caber-lhe-ia mover as peças do tabuleiro segundo as instruções dos jogadores. Depois, definiu as regras.

Nenhum peão seria capturado en passant. Uma formação de bispo e torre não poderia atacar uma rainha isolada. Um rei esquivo teria de capitular. Acrescentou, por fim, que qualquer uma destas regras poderia ser quebrada uma vez de forma isolada ou duas consecutivamente. Rousinol expôs as suas

premissas e, a cada alínea, o rapaz acenava, resignado na presença do algoz, pressentindo à sua volta a audiência sedenta de martírio.

Deu-se início à partida e o rapaz bateu-se pela vida a gorgolhar água da boca no convés de um barco pesqueiro. Não fosse aquele um exercício de Hilbert e talvez tivesse sobrevivido um pouco mais. Para ganhar confiança, discorreu a técnica do garfo, uma opção segura, procurando capturar o rei através de um ataque bilateral com duas peças.

Rousinol jogou o tempo todo de costas para a audiência e para o tabuleiro. Alçou a perna e subiu para uma cadeira, encarquilhou o corpo e escondeu o rosto debaixo dos dedos sapudos — como os escravos de Miguel Ângelo a explodirem de dentro do mármore no túmulo do Papa Júlio II. O homem sempre padeceu de falta de olho na nuca, mas o que se passou de seguida provou que a amplitude de alguns faz com que enxerguem onde o seu campo de visão ainda não chegou.

Rousinol leu com facilidade as intenções do rapaz fundeadas nas elementares regras clássicas do xadrez e decidiu-se por um comportamento errático e ilógico que condenou o jogo ao empate célere. Entre as regras reais, as inventadas e a infração autorizada, as disputas seguintes tiveram um desenlace semelhante.

O desgaste na voz, um pigarrear irritante, foi o sinal mais visível da alteração integral do estado do corpo do rapaz. As vísceras supuraram, o sistema musculoesquelético fremiu, reações induzidas por sinais neuronais e químicos fizeram-no levar a mão à glote, libertando-o dos três primeiros botões da camisa ensopada. O cheiro a medo das presas no matadouro atraiu mais alunos ao anfiteatro, que espreitavam da porta, curiosos, a tremedeira, as hesitações no posicionamento das peças, os farrapos do tabuleiro que se dissolviam na mente do rapaz.

Camilo mostrava-se visivelmente entusiasmado, incapaz de se manter sentado por muito tempo. Rousinol estava a conseguir provar a sua tese. O

pobre coitado, filho da razão nobre, o orgulho de Platão, Kant, Descartes, por se deixar conduzir pela lógica formal até à melhor solução estava mais encandeado do que uma lebre surpreendida na estrada por dois enormes faróis.

Rousinol considerou, então, que aquele era o momento para mudar de tática e adotou o apreço canónico pelas regras elementares do jogo. Seguiu com precisão, sem um desvio, no virtuoso caminho, uma estratégia previsível até para o mais imberbe apostador. Mas, como se antevia, o rapaz, domado pelos impulsos, não foi capaz de responder senão com a biologia. Somaram-se erros primários de raciocínio, seguidos de uma derrota rápida e dolorosa. À saída do auditório, dobrou-se e vomitou nos sapatos, sobraram-lhe forças para gritar filho da puta antes de cruzar a porta. Imaginei-o acorrido no quarto, de joelhos na boca, à espera de ser esquecido pelo dia.

Sobre a cadeira, Rousinol agradeceu com os trejeitos dos campeões de boxe atordoados pelos golpes desferidos na cabeça. A ingrata audiência, testemunha daquela dupla vitória sobre a razão e o empirismo, apenas lhe dedicou uma dúzia de aplausos secos e dispersos, iniciando a debandada. Talvez estivessem a cismar sobre as possibilidades do amanhã, agora que os postulados clássicos do conhecimento tinham ido ao tapete.

Apedrejar memórias



O SOL FERIU-ME COMO SE ESTIVESSE A ASSOMAR de uma trincheira. Olhei para o relógio e apercebi-me de que tínhamos ficado no auditório mais de quatro horas. Rousinol queria comemorar a vitória sobre o rapazote. Estava eufórico à maneira dos alcoólicos, ainda quente para sentir os hematomas do combate, e seguimos até à esplanada defronte do Palazzo Vecchio. Apesar de transbordar de gente, a praça guardara-nos uma mesa à sombra do edifício ameadado da polícia e poucos minutos passaram até que tivéssemos cervejas reluzentes entre os dedos.

A brisa quente fez-lhe volutear os caracóis e Rousinol ergueu a caneca. Brindámos. Quando os vidros se tocaram com um curto eco, ele apercebeu-se da minha presença porque me olhou de frente. Estendeu-me a mão formal.

— Jorge Rousinol — as duas sobrancelhas unidas por uma leve contrariedade cumpriram o desenho infantil das asas de uma gaivota.

— Aquilo que fez no auditório foi extraordinário, professor Rousinol — elogiei. — Mas não sei se compreendi o alcance de tudo o que vi.

— Tenho a certeza de que não compreendeste, meu caro.

Bebeu a cerveja em golos sôfregos e levantou a caneca vazia, fazendo sinal

ao empregado da esplanada. Camilo olhou para o relógio.

— Ainda vamos a tempo da reposição do Annie Hall no Odéon esta noite.

— Woody Allen — aprovou Rousinol. — Interessa-me o futuro porque é o lugar onde passarei o resto da minha vida. É uma frase sábia.

Outras três canecas sobre a mesa. Tentei entabular conversa uma vez mais. Era um pássaro desvairado a navegar contra uma parede de vidro numa cadência picada de maré.

— Pensa muito no futuro, professor Rousinol — comentei.

As nuvens espreguiçaram pela praça um casaco áspero que nos envolveu o tédio e o desconforto.

— É a única coisa que importa, rapaz — levou a cerveja à boca e fez um esgar de quem afasta uma lembrança. — Ora pensa num jardim, um jardim dominado por ervas daninhas, com uma bola de futebol esquecida junto à vedação, um baloiço ferrugento, percebes rapaz? O passado torna-nos uma casa abandonada, onde nada poderá florir, enferruja-nos e, quando damos por nós, estamos tão corroídos que não poderemos ser de novo habitados.

Pensei um pouco, antes de falar.

— Podemos pintar a casa e mandar cortar as ervas — argumentei. — Alguma manutenção ajudaria.

Ele atirou-me para o colo a expressão mais paternalista que conheci na espécie humana, daquelas que só por respeito social ocultamos quando, por exemplo, um velho urina nos lençóis durante a noite.

— Sugeres chamar jardineiros, pintores, serventes, canalizadores para nos repararem o passado? — perguntou a rir. — O teu amigo é uma boa peça — disse para Camilo. — Os únicos profissionais habilitados que conheço para fazerem esse tipo de trabalhinho são os sacerdotes que confessam e absolvem. Como não sou religioso, é a vidinha.

Reparei nesse momento que os bolsos de Rousinol estavam repletos, dois ressaltos na fazenda das calças, e fiz um comentário estéril.

— Pedras — clarificou. — Tenho as algibeiras cheias de pedras.

— E porque é que faz isso?

— É coisa antiga. Nunca sei quando terei de mandar uma pedrada a uma memória.

A 5 de agosto de 1945, Jorge Rousinol passou a chamar-se Jorge Rousinol, abandonando o número primo a cada saudação. Para tal, uma sequência de casualidades teve de preceder a conquista. Sem hierarquia de importância, destacam-se, para já três. O avô Rousinol sofreu uma lesão no córtex pré-frontal, um navio alemão foi capturado pelas forças aliadas ao largo de Antuérpia e a mãe de Rousinol morreu no parto.

Como professam as escrituras



ACONTECE RIR-ME SEM PROPÓSITO e Camilo zangar-se. Faço-o sem intenção, como uma porta que bate com o vento e causa sobressalto e impaciência. Não sei precisar em que momento as minhas gargalhadas começaram a ser encaradas por Camilo como uma ofensa velada. Mas poderei jurar que coincidiu com ter de passar a escovar os dentes antes de o beijar pela manhã.

Depois de expulsar o homem do Paraíso, lançando tão duro anátema sobre a espécie humana, Deus teve de seguir com o plano e olha-nos de cima hieraticamente, como aparece representado nas pinturas dos retábulos. Basta ler os jornais para compreendermos que não há razão para que alivie a expressão e esboce um sorriso. Assim está Camilo. Mas, convenhamos, nem o filho de Deus aguentou tamanha soturnidade. Fernando Pessoa e o seu guardador de rebanhos garantem que Cristo desceu à terra porque lá em cima, no céu, tinha de estar sempre sério.

A última vez que me ri com vontade e propósito foi com um tipo que vendia pacotes de televisão porta a porta. A tez de um moreno antigo punha-o na apanha de moluscos frescos à jorna e nos labirintos dos prédios novos perfurados por fibra ótica. Convidei-o para entrar e ofereci-lhe um copo de

whiskey. Após o primeiro gole, desfigurou-se-lhe a expressão.

— Gosta tanto desta merda como eu — ri-me.

Reparei, quando se sentou no sofá, que tinha o corpo seco dos malandros.

— Não quis ser indelicado — respondeu-me. — O senhor foi simpático.

— Não me trate por senhor — exigi. — O meu marido compra isto — careta — para impressionar os colegas de trabalho.

— Se tivesse de beber esta merda, preferia despedir-me — disse ele. — Já saí de uma empresa de televisão por cabo porque nos obrigavam a usar um polo cor-de-rosa.

— Então? — perguntei, despejando o líquido pela goela. Ele imitou-me antes de responder.

— É fodido ser maricas num bairro operário, se apareces com uma camisola dessas dizem que roubaste a roupa de dormir à tua irmã mais nova.

— É fodido. Tem razão.

— Pior do que uma tacada de bilhar nos tomates.

— Como assim?

— Antes uma tacada de bilhar nos tomates.

Fez-me rir novamente e voltei a encher os copos. As calças da companhia de telecomunicações assentavam-lhe bem.

— De que se ri? — perguntou o rapaz.

— Você faz-me rir — ele ficou confuso com a minha resposta. — É um elogio. Jesus Cristo passou um mau bocado pregado na cruz para poder vir à terra dar umas boas gargalhadas.

— Obrigado pelo elogio, então.

— Gostava de lhe ler alguns parágrafos do que estou a escrever. Tem tempo?

— Eh, pá. Eu ganho à comissão — disse, hesitante.

— Será recompensado — garanti.

— É o quê?

— Uma biografia.

— De quem?

— Jorge Rousinol. Mas também costumava ser conhecido pelo número sete.

— Não conheço. Sete é número de falso ponta de lança.

— Corretíssimo.

Despejei o copo e iniciei a leitura. Espreitei por cima das folhas temeroso ao fim de duas páginas. Ele estava debruçado para a frente, visivelmente interessado e com os olhos piscos, o que só poderia ser indício da carburação do intelecto, os solavancos de um motor que está prestes a superar-se. Fiquei animado. Olhando aquele bem-apegoado rapaz, que parecia um cego de nascença, senti que lhe oferecia a visão numa fase já avançada da vida. Predispus-me a continuar a leitura, tomado por uma certa inveja. Chegamos a um momento e todos os livros nos parecem o refulho de uma antiga oração entarmelada. Já não me recorde da última vez em que qualquer texto me tenha feito esbugalhar os olhos.

— Compreende que é como professam as escrituras — assegurei-lhe. — A criação a partir do nada, unicamente pela palavra de Deus. Olho para si e penso: como é extraordinária a descoberta.

— Se o senhor não se importa, vou ter de ir andando.

— Já? — protestei.

— Faltam-me três ruas. Ou talvez possa ficar um pouco mais, se o senhor tiver qualquer coisa para comer. Não consegui almoçar. Faço isto nos intervalos do táxi.

— Não me trate por senhor — pedi. — Táxi?

— O meu cunhado teve um acidente de trabalho, é taxista. Pôs-me a chave na mão. Na fotografia da licença somos parecidos. Ele é como eu, mas podia ser ator e eu não.

— Você não?

— É o que a minha mulher diz. Eu esqueço-me das coisas. A maioria não me faz falta nenhuma. Uma pessoa leva a vida a lembrar-se das coisas que a aborrecem. Ela diz-me: tu não davas para ator porque te esquecias das falas como te esqueces do caminho para casa à noite.

— Compreendo.

O rapaz encolheu os ombros e olhou à sua volta. Estava a avaliar a qualidade do nosso sistema de som e os móveis de Camilo. Eu ri-me para dentro. Muitas vezes há um hiato entre aquilo que o cérebro processa, as conclusões que retira dessa informação e a manifestação exterior dos músculos do rosto. Outras vezes, a expressão nem se transfigura, apesar da ordem do cérebro. Rio-me na cabeça, choro na cabeça, tenho medo na cabeça. Nesses momentos, sinto-me estragado, como uma marioneta com um fio cortado e incapaz de respeitar as vontades do manipulador.

— Pois, tenha paciência, tenho de ir — disse, a levantar-se, mas antes puxou o gancho das calças para dar folga ao material.

— Acho que se arranja qualquer coisa para comer. Deixe-me ir à cozinha.

— Mas tem de saber uma coisa. Falou em Deus, mas eu sou guiado pela minha vizinha espírita.

— Essa agora. Intriga-me.

— Ela explicou-me as religiões e eu escolhi uma.

— Qual foi?

— Gostei daquela em que temos várias vidas, voltamos com um corpo diferente e não nos lembramos do que fizemos nas vidas passadas.

— Esquecer para viver. Já ouvi falar dessa.

— É a melhor — garantiu, ao seguir-me até à cozinha.

Abrir brechas na montanha



O OUTONO PRECOCE CRIOU UMA FINA CONDENSAÇÃO na janela do autocarro, instalando um filtro difuso sobre o exterior em movimento. Os utentes nas paragens, borrões de cores soturnas abrigados da chuva grossa, assomavam à minha frente tão disformes e expandidos como Jorge Rousinol — há quanto tempo não pensava em Rousinol? —, para serem deixados para trás por uma memória que se impunha, ou pelo motorista nervoso a encontrar caminho no trânsito do final do dia.

Entrei em casa e fui direito à cozinha, tateei os espaços entre cápsulas de café, especiarias, moinhos de pimenta avelhentados e alcancei, no armário acima do fogão, as sobras, numa garrafa de whiskey, do último jantar de clínicos organizado por Camilo.

Desde a lei seca implementada cá em casa, não bebo menos, só não bebo o que me apetece, e, se não quero ranger os dentes na moagem adstringente e áspera do malte escocês destilado, ao gosto de estomatologistas bojudos, tenho de descer a escada e sair à rua para pedir ao balcão do pub da esquina um gim aromático da melhor tradição inglesa.

A situação exigia medidas urgentes e sentei-me em frente ao portátil com

um duplo de quinze anos sem gelo ao lado do teclado. Escrevi Jorge Rousinol no retângulo de pesquisa do Google e surgiram no ecrã cópias sequenciais dos caracóis alados do cientista, a entrada curta, mas assertiva, da Wikipédia — Jorge Rousinol (1 de agosto de 1939), especialista galego em inteligência artificial, desenvolveu o conceito do esquecimento corretivo — referências e citações, listagem de trabalhos publicados, comentários elogiosos em artigos, outros que exsudavam desrespeito e crítica, dois links para entrevistas, um título de imprensa sensacionalista — «Jorge Rousinol: O meu pai ajudou Hitler a perder a guerra», li em voz alta. — «Especialista em inteligência artificial explica como o esquecimento pode evitar erros humanos.»

Intensifiquei a pesquisa e apercebi-me de que já entrara em contacto com ele por duas vezes nos últimos anos. Ambas através do Facebook. As redes sociais têm esta utilidade pouco explorada pelos entendidos: ajudam a compor biografias de intenções. Em ambos os casos tive o impulso do insulto.

Juntamente com um arquivo com informação dispersa, Silvana enfiou dentro do envelope que me deu no restaurante um bilhete para o dia seguinte ligação Florença-Pisa-Pisa-La Spezia.

— Ele está à espera de alguém. Não está à tua espera — disse-me.

Apanhei o comboio e segui pelos carris que perfuram as montanhas até à última das Cinque Terre, o casario de Monterosso Al Mare. As fissuras dos túneis da Ligúria deixam à vista pedra calcária, lembrando que cada passagem é roubada à montanha. No caderno que trago no bolso da camisa, escrevi uma frase sobre biografias e como elas também abrem brechas, as boas biografias pelo menos, e sublinhei brechas, através das quais vemos a matéria, vemos para lá do osso e da carne e dos nervos dos homens. Sou campeão olímpico das frases geniais, a velocidade com que deixam de ser geniais e passam a boa merda meteria inveja ao homem-bala. Rasguei a página e deitei-a no lixo à chegada. Um cão urinou na papelreira mal me

afastei. Achei aquilo justo.

A mulher de Rousinol abriu-me a porta e ficou parada à minha frente, a bloquear a passagem, exibindo a verticalidade dos toris japoneses que, sem fundações, se mantêm direitos pelo seu próprio peso.

Vinte e nove anos mais nova do que Rousinol, é professora de piano. Instintivamente, olhei-lhe para as mãos. Achei-as ossudas e desastradas.

Ainda não decidi se lhe darei nome. Os figurantes são anónimos, servem para encher praças que a narrativa diz que devem estar cheias, mas que a realidade por vezes, inexplicavelmente, esvazia de transeuntes às horas mais movimentadas do dia.

— Teve sorte em me bater à porta hoje. Não tenho lições ao domicílio.

Rousinol despertava de uma sesta quando o reencontrei e estava maldisposto. Entornou o café nas calças ao ver-me no meio da sala, vacilante, e praguejou em castelhano, porque é assim que os palavrões lhe saem. Nunca evitou uma boa quantidade deles, entre escarros e pornofonia, utilizando-os indiscriminadamente em conversas, ao arreganhar o sorriso para o cumprimento, elogiando um artigo exímio ou as fronteiras de um rabo e na precedência do juízo sobre as qualidades de um tipo qualquer.

— És o enfermeiro, cabrão? — perguntou, ao receber o lenço que lhe estendi para se limpar.

Emudeci. A expressão trocista, semelhante à de Camilo quando me apanha a sair do pub da esquina, colocou-me duas pedras na concha da língua.

— Me cago en la leche de la puta que te dio la luz — informou-me.

A putaria e a moldura de cachos grisalhos e crespos minaram-lhe a credibilidade académica e justificaram olhares enviesados de catedráticos, primeiro por o considerarem tenro e depois por o tomarem por excêntrico. Talvez por estar afundado numa cadeira de rodas, ao canto da sala desarrumada e lúgubre, ou por causa do seu perfil filtrado pela luz doente da

tarde, quando o vi, no início de outubro, pareceu-me apenas um homem desiludido, sem qualquer clarão infantil ou de irreverência, a tombar para o fim. Estava enganado. Ele bem pediu quero um tipo que saiba escrever e bem-mandado. Não se atrevam a pôr cá em casa um cabrão inteligente.

— Foi a editora que me enviou — acabei por dizer. — Sou o seu biógrafo. — A frase saiu-me num tom inesperado, o mesmo que os padres usam para encetar a conversa da extrema-unção.

A mulher de Rousinol tinha-me guiado até uma divisão, que seria o escritório de Rousinol, mas cujos móveis tinham sido arredados e dispostos com um cuidado semelhante ao dos pais recentes com um filho que começou a gatinhar.

Rousinol destravou a cadeira de rodas e avançou até à janela. Havia farrapos de dia a saltitar impacientes pelas paredes.

— Como é que te chamas? — quis saber, sem o menor indício de que me tivesse reconhecido.

A primeira visita a Rousinol foi um lusco-fusco. O professor não perdeu tempo comigo, considerou-me impreparado. Saí da sala com uma braçada de livros para leitura obrigatória, informação avulsa, recortes de jornais, como um finalista trémulo a caminho de uma oral. Todo o material de estudo já tinha sido organizado com cuidado de arquivista e disposto em pilha sobre uma mesa de pé de galo. Talvez para atalhar uma conversa de cortesia pouco frutuosa. Bastou a Rousinol indicar os calhamaços com um gesto mole. Volumes pesados, que com dificuldade arrastei até à estação porque neles se tinha sentado o passado.

À saída, o corredor estava obscurecido e o que aconteceu foi que a mulher de Rousinol se despiu para mim. As alças do vestido tufado deslizaram pela curva dos ombros a dois tempos e o tecido caiu-lhe aos pés num arranjo de nuvem. Pensei muito nesta formulação. Cheguei a escrever: quando saí da sala onde deixei Rousinol, uma das portas dos quartos do corredor estava

entreaberta e, no reflexo de um espelho de canto, surpreendi a mulher de Rousinol nua. Mas depois apaguei.

Entrei em casa a tempo de pôr uma lasanha no forno para o jantar e esperar por Camilo sentado à mesa já posta.

A voz de filho da puta



NÃO DEMOROU MUITO ATÉ QUE AS COISAS COMEÇASSEM a correr mal, ou apenas de outra forma.

O sobrolho do pai Rousinol estremeceu, um espasmo quase impercetível e certamente involuntário. Um pressentimento, se a matemática aceitasse a intuição como ferramenta, que lhe abriu os olhos e fez a cadeira onde se mantinha hirto soltar um estalo cansado. De seguida, três batidas secas na porta da biblioteca ergueram-no de supetão. Precipitou-se para o quadro onde trabalhava sobre o seu código de criptografia e fez a tela desenrolar-se, ocultando os cálculos na ardósia. Permaneceu de seguida em pé, encostado à parede, rígido como se fosse feito de chumbo. Dois homens fardados entraram e percorreram o espaço à maneira dos felinos, a medirem o território à passada. Um alto, tão alto que nos faria doer as vértebras se o víssemos, com gestos esquinados e cara angulosa. O outro, de proporções mais humanas, sorriso cínico na cara qual estandarte, provocou em Rousinol uma vertigem.

O matemático lembrou-se da notícia que ouvira na rádio, fazia uma semana — uma esquadra alemã a claudicar a 250 milhas de Marselha, fora

farejada com precisão pelo inimigo, desconfiava-se de quebra do código com que as forças do Eixo transmitiam localizações entre si — e concluiu que a publicidade franquista resultara na visita daqueles dois oficiais.

O pai Rousinol observou as partículas que flutuavam no feixe de luz do candeeiro da biblioteca, num movimento lento e monótono, que o desalentou. Imaginou-se a ser levado para um centro dos serviços de inteligência nos arredores bucólicos de Munique, a ser acomodado num gabinete com uma ampla janela, que lhe garantia luz natural para trabalhar durante todo o arco do Sol, a receber de mãos eficientes as refeições a horas precisas. Percorreria, para desanuviar, as alamedas de cedros até ao limite da propriedade, ouvindo à distância o correr de uma linha de água, o fragorar de um animal; ou poderia trocar impressões, elogios mútuos e complacências com outros matemáticos na sala de fumo de paredes rebocadas e pinturas decorativas. Ali, os ecos da guerra não passariam do remoque mecânico dos teclados criptográficos. E, no entanto, aqueles homens de pulôver e tendões degenerados fariam mais pela vitória do que a marcha de um batalhão.

Esta ideia, que em tempos lhe teria parecido sedutora, desceu-lhe pela espinha, juntamente com um calafrio. Disse para consigo que, se saísse daquela divisão ignoto e dado como morto, tanto melhor: entregue à letargia do indiferenciado, à monotonia cinzenta do quotidiano, afastado de círculos académicos e de tabelas de cálculo. A perspectiva de mudar o rumo da História não lhe merecia, de momento, mais do que um encolher de ombros. Entregaria o intelecto de bandeja para servir de unto aos pés de uma santa, calafetagem de janelas ou cesta de esterco de animais. Invejava funileiros, pescadores, calceteiros e outras profissões de mãos.

Durou-lhe o desprendimento? Já saberemos. Podemos achar que o pai Rousinol estava com um surto de preguiça ou de falta de coragem. Porém, suspeito que o mal era paixão. O que o assustava verdadeiramente era ausentar-se da Galiza sem Esmeralda.

O braço possante do oficial de proporções humanas mostrou-lhe o quanto efabulava. Fê-lo sentar-se na cadeira, com dois dedos encaixados na clavícula, ao jeito brutamontes, e o matemático libertou um sopro fino de dor.

— O que estão a fazer? — interrogou incrédulo. Na resposta, duas pancadas leves na nuca com a cadência dos avisos lançaram as partículas de pó para um torvelinho à luz do candeeiro.

Que idade teria o pai Rousinol naquele dia? Estaria a dobrar os vinte anos, apesar de as bolsas sobre os olhos de pregas escuras acentuarem o cansaço e o arreguilo esbugalhado, de as vértebras dos joelhos tremerem como varas verdes, da garganta seca e de a penugem púbere junto ao lábio superior acumular suor, transmitindo sinais contraditórios de maturidade.

Num milagre de multiplicação que o assombro não lhe permitiu acompanhar, já circulavam na divisão cinco oficiais, movendo-se a trote à sua volta e deixando-o cada vez mais azamboado. Divisou, do lado direito perto da janela, o semblante malogrado da avó, num impasse entre o espanto e o terror e, se se abstraísse da andadura dos oficiais, da forma como manuseavam os seus apontamentos, sebatas e réguas de cálculo, escarafunchavam nas estantes, derribavam cartapácios no soalho, carimbando com impressões oleosas aquilo em que tocavam, poderia distinguir na sala ao lado, paredes meias, o diálogo tugdido que o avô Rousinol mantinha com uma voz desconhecida, de riso solto e forçado. A voz de um filho da puta.

— Ela quando chegou não passava de uma selvagem. Como poderíamos saber?

Quem? Esmeralda? O avô Rousinol a terminar as interrogativas com um falsete aflito que não lhe conhecia.

E Esmeralda? Onde estaria Esmeralda? Tinha de saber de Esmeralda.

— Vou ser preso? — Espantou-se com o fiozinho hesitante que lhe saiu da boca e com aquela preocupação, que afinal teria, no centro da poça de suor em que se transformava.

Por detrás da sua nuca, encontrou o esgar de dois que manuseavam inábeis as peças do tabuleiro de xadrez.

— Calma, rapaz — para, logo de seguida —, toma cabrão, fodi-te o rei. — O outro não teve tempo de protestar a manifesta violação das regras do jogo: levantou-se sobressaltando, esticando as pontas da farda.

Pareceu-lhe o bater frenético de um pardal anilhado, até o alvoroço de saias subir de volume no corredor e assomar à porta. Esmeralda largou um grito estrídulo antes de ser atirada ao chão pelo oficial mais alto. Aterrou de gatas, quase a cheirar-lhe as solas, com a cara coberta por mechas de cabelo e um arfar alarmado, numa composição anatómica muito próxima daquela em que o pai Rousinol a foi descobrir na capoeira.

Não se mexeu, ou por outra, julgou-se paralisado, tão hirto na cadeira como quando se sentou, incapaz de agarrar um daqueles magalas pelos colarinhos, desferir-lhe uma cabeçada, ver o incisivo do outro cair amortecido pelo sangue, soqueando maxilares convulsivamente até à exaustão. Ou socorrê-la, talvez socorrê-la, sacudir-lhe o pó dos joelhos e soprar-lhe para a cara, reanimando-a do susto.

Na verdade, houve o gesto irrefletido do pai Rousinol, aquele espasmo muscular, se não estou em erro, um deslizar suave do sapato, uma inclinação de corpo na direção da janela, no momento em que Esmeralda, a tatear o ar como uma cega, lhe procurou o tornozelo.

O da voz de filho da puta anunciou, ao entrar:

— Está tudo esclarecido. Venha, rapaz, vamos acender charutos. — Os outros respeitavam-no pelas estrelas que exhibia aos pares sobre as escápulas e apressaram-se, num bater de pala atabalhado.

O pai Rousinol levantou-se, trémulo, e ficou de pé a velar o corpo de Esmeralda, que colara o rosto ao soalho, em posição de escuta ou de guilhotina. Numa passada larga, que usamos para saltar campas, ultrapassou-a atabalhoadamente, pediu licença e saiu da biblioteca, dobrado em

salamaleques. O filho da puta — rapaz, rapaz — deu-lhe passagem e exibiu um sorriso tortuoso, imune à ortodontia.

Esmeralda foi transportada como animal de pasto para um campo de concentração em Alicante. Os militares alimentaram-lhe a esperança, mais do que o estômago, durante o caminho, mas, ao prostrar-se nua, de cócoras, em frente a uma mulher de trato boçal, compreendeu que a tinham considerado prisioneira política e, por isso, a manteriam numa ala de segurança máxima.

Os Rousinol só voltaram a ter notícias quando a barriga da mulher despontou. Por ter estado em solitária todos aqueles meses, e afastada a hipótese de consumação divina, a gravidez remontava ao tempo vivido na casa senhorial da Galiza. O avô Rousinol fechou-se na biblioteca, jogou xadrez sem tabuleiro nessa tarde, sentado, hirto, de têmporas latejantes e mãos pousadas em concha sobre os braços da poltrona de veludo. Antes do avanço da infantaria, decidiu acolher o neto quando este nascesse e, nas semanas seguintes, desfez-se em diligências, missivas e diplomacia para conseguir que Esmeralda fosse transferida para uma prisão que lhe garantisse refeições quentes e atempadas, menos horas de trabalhos forçados, um médico permanente e algum repouso.

Não consta que o pai Rousinol tenha rasurado o documento que urdia quando soube do nascimento do Sete e, na sequência deste, do falecimento da mulher. Finalmente, a constante G.

Rio sem nascente ou foz



NESTA ALTURA, AS MÁQUINAS DE PINBALL STAR eram um sucesso. Havia alguma proximidade entre mim e aquelas esferas de metal que faziam tabelas para evitarem o fosso e a mensagem game over no ecrã onde matávamos beatas. A viagem à Galiza na companhia de Camilo e do professor Rousinol foi um desses efeitos, só para continuar o meu movimento, uma tabela numa patilha iluminada, uma porta que fica a bater como as dos saloons do Velho Oeste, e que, vruuuuummmm, me empurraria para outro ponto.

— Nunca estive na Galiza — confessei. — Nunca saí de Itália.

— Então, está resolvido.

Camilo lançou-me o convite na sala de cinema do Odéon durante uma reposição de Annie Hall. No ecrã, o neurótico comediante Alvy Singer explicava à ligeiramente estrábica Annie como as relações se afundariam como paquetes, sem saltos quânticos que as mantivessem à tona.

— Partimos depois de amanhã — acrescentou. E silenciou-me uma pergunta com o indicador junto aos lábios. Tinha chegado a parte do beijo na tela.

Cheguei ao cais de embarque certo de que estava atrasado, com o

persistente perfume de Silvana no colarinho, aquele que ela usava para confundir as estações do ano. Encontrei Rousinol na gare, empoleirado num banco de descanso dos antigos guarda-freios e com o saco de viagem já muito delido junto aos sapatos impecavelmente engraxados. Estava rodeado por jornalistas com gravadores reluzentes e sorrisos ensonados. Tinha o cabelo mais alvoraçado do que o costume a emoldurar os papos escuros e, deliciado, era o foco da atenção de operários, escritvães, comerciantes que lhe contornavam a altivez na plataforma da estação, cobertos pela urbanidade desleixada dos subúrbios.

— Professor Rousinol, mas o que defende é que o conhecimento prévio não é útil à tomada de decisão? — perguntou uma jornalista de decote fundo e rosto magro, dominada por um qualquer encantamento.

Rousinol deu um gole numa garrafa de brandy de xerez, que devolveu ao bolso interior do casaco, e expetorou no seu lenço de bolso. As diatribes de Rousinol habituaram-me a mexer o corpo como no salto à corda para não ser vergastado. Esperei o pior, mas ele estava manso.

— O passado ou, por outras palavras, a memória é um centro gravitacional poderoso que, ao exercer uma força superior ao presente, induz o erro — disse, sem dissimular o olhar que pendia sobre o decote da jornalista, outro poderosíssimo centro gravitacional.

Parei para tomar o pulso a toda a situação. Tive de desenlaçar o nó da gravata, tanto rebuliço apanhou-me desprevenido àquela hora da manhã. Como se a minha vida morna, esta inércia a que me dedicava com algum escrúpulo, produzisse ondas de choque que eu não conseguia prever.

Camilo passeava vagaroso na extremidade da gare, fazendo desaparecer o pé esquerdo no fosso da linha com uma leve inflexão de joelho a cada passada, e olhava de viés — «arrogante», digo-lhe, «de baixo», responde-me — a trupe de gazetistas que inquiriam o tio. O movimento propalava ao longo dos carris a impaciência que se esforçava por manter nos eixos. Estava

aborrecido, levemente intratável, com os cantos dos lábios tensos e comprimidos.

— Não sabia que íamos ter uma comitiva à despedida. Teria vestido qualquer coisa melhorzinha — ironizei.

Camilo encolheu os ombros alongados pelo casaco-cristaleira e não alterou o percurso de trapezista.

— O meu tio desafiou um campeão de xadrez da Galiza — disse, parando na gare. — Já há uma bolsa de apostas e não nos é favorável. Estes... — ficou a olhar para os jornalistas à procura do melhor insulto, mas conformou-se.

Com o punho da camisa, limpou o suor da testa e tirou ao mesmo tempo uma publicação dobrada de dentro do bolso do casaco, que me passou para a mão. Confirmei de relance o que me dizia, surpreendido com a atenção mediática que Rousinol conseguia captar. Ele dominava superiormente as técnicas e os tempos, tinha as pausas estudadas, as inflexões aprendidas e objetivos precisos. Não era tanto o que dizia, mas como o dizia. Plantado no meio da gare, não deixava de alimentar uma secreta cumplicidade com o auditório, e surpreendi-o a distribuir olhares precários e insinuantes à sua volta. A sua cabeça, um novelo de cabelos emaranhados acima das outras cabeças era, agora que penso nisso, só por si um número primo.

— Pesos, correntes, que nos prendem ao leito de um rio enquanto, à superfície, vemos a água correr inexoravelmente — disse Rousinol, indulgente. É o caudal da História, esse rio sem nascente nem foz, que não se queda nem tarda à espera de ninguém — fez uma pausa antes de prosseguir. — O meu pai, por exemplo, agrilhado no fundo do rio, ajudou Hitler a perder a guerra.

O pé direito de Camilo resvalou e ele adotou uma configuração de garça para recuperar o equilíbrio, os jornalistas apequenaram-se dentro das suas gabardinas para acomodarem o mal-estar da chuva que começou a cair, e houve um apito de marcha do comboio que pontuou a afirmação de

Rousinol.

— É para hoje? Posso atrasar a partida se as princesas tiverem muitos afazeres — troçou o fiscal, cofiando o bigode, e eu agradeci-lhe.

Os dois rios



CAMILO FINGIA-SE SONOLENTO, de olhos semicerrados, num banco afastado da carruagem, para onde se mudou. Queixou-se dos cambiantes de baunilha e verbena do meu colarinho e abalou aferrolhado. Tinha um sósia a simular adormecimento a partir do vidro da janela e sob o filtro da sua face translúcida desferravam as cores argilosas e douradas da Toscana outonal, rolos de feno, vinhedos e ruínas da reforma agrária. A paisagem e a vida através do reflexo de Camilo, com a sua fisionomia por coador, pareceram-me suportáveis, menos berrantes, mas também menos soturnas: uma suavização cromática que não deixou de representar uma suavização de afetos.

— O que podemos pensar disto tudo? — exigiu Rousinol.

Estava sentado à minha frente e não se tinha desfeito do invólucro de palestrante. Ouvia-o absorto, lidando mal com o incómodo de manter uma conversa educada com um quase estranho dado à troça e à causticidade. Tinha a leve impressão de que qualquer conversa comezinha com Rousinol correria o risco de terminar numa sessão de pugilato. O comboio prosseguia a baixa velocidade, depois de um resfolegar cansado no início da marcha, que

preservava a estação para cá da linha do horizonte.

— Não faço ideia.

— Não esteve atento, jovem — censurou-me. E voltou à história que estava a contar, mas com mais delongas e detalhes.

Tudo se passaria abaixo do Equador, mas não muito abaixo, onde a divisão entre dois rios se assemelhava ao traço de um lápis a correr no limite de um esquadro. As águas claras de um encontravam no ocre do outro as suas balizas. Os caudais seguiriam em paralelo vinte quilómetros para poente.

— Não se misturam, mas respeitam a proximidade, como um velho casal — precisou Rousinol.

— Tem conhecimentos abastados sobre os hábitos das relações duradoiras?

Ele não se deu por achado. Fez apenas uma expressão de quem anda com os dedos dos pés apertados nos sapatos e prosseguiu do exato ponto onde parara.

— Na margem direita, crescia uma comunidade de índios pardos que nunca foram tomados por canibais, trabalhavam o látex e avermelhavam as orlas dos olhos com plantas tintureiras. À noite, com a lenha a crepitar, o pajé extraía zunidos à comunidade que o ouvia. Contava que o rio mais translúcido e mais lento fora o dorso de uma branca de jeitos cândidos, esposa de um desembargador. Já o rio escuro, a musculatura calcinada de um índio negro a correr veloz e com ardência. Enamorados, ambos foram transformados em líquido pelo ciúme do desembargador, marido da branca, que para o efeito acordara os serviços de uma feiticeira. Não lhe sobrando compaixão, fê-los correr em leito lado a lado, sem se poderem misturar, enquanto se recordassem um do outro. Os rios estão separados por aquilo que afasta os homens: a origem, a temperatura, ou, se preferirmos, o temperamento, a velocidade e a memória.

— Estou a ver — zunzunei.

— Há outra versão da história, que é a aquela que eu prefiro — informou-me Rousinol. E sem confirmar se eu estaria interessado em mais detalhes, pousou os pés muito engraxados no banco em frente, expondo os tornozelos descarnados, como que a pôr-se confortável para a revelação.

— Os dois rios são as duas versões de uma mesma história, contadas por dois homens que assistiram aos factos ao mesmo tempo e que fizeram prova de memória.

Desencostou-se, a exigir atenção, e atirou-me um olhar inesperado.

— Faziam o mesmo percurso e aparentemente corriam na mesma direção, mas nunca se tocavam. Até que um matou o outro e passaram a correr num leito cor de sangue. Verdade e memória correm lado a lado. A verdade é morta pela memória, que se sobrepõe.

Estrambótico, passeou-se pelas minhas calças mal vincadas, o nó desfeito da gravata e o saco de papel que permanecia ao meu lado com meia dúzia de pares de cuecas por estrear, que Silvana, simpática, me comprara, para voltar a encarar-me com agressividade. Tinha acabado de reunir um conjunto de juízos de valor sobre mim. Nada que me alegrasse.

— Já percebi — acrescentei.

Parámos numa primeira estação após um solavanco e a carruagem foi assaltada pelos agudos do choro indeciso de uma criança de colo. Camilo desencostou a cabeça da janela, incomodado, e o filtro ruiu. Aconteceu mais vezes nos anos que se seguiram. Dois velhos, sentados no banco da gare, jogavam à bisca por baixo do relógio atrasado. A constatação de um relógio de estação atrasado tirou-me qualquer sentimento de esperança que pudesse ter.

— Agradeço que me tenha contado essa história, professor Rousinol — disse, de forma respeitosa. — Mas, se me permite, não compreendo o que isso tem a ver com o seu pai, Hitler e a Segunda Guerra Mundial?

A pergunta foi comporta para a sua verborreia ácida de pegureiro

evangélico e injetou-lhe nos olhos uma substância atreita à mágoa. Pôs-se a fitar a porta do comboio e depois todo o compartimento. Havia um tipo de pânico a cobrir-lhe os pés e a subir de nível lentamente. Era, para já, um fluxo suave numa boca diligente e cheia de verbo. Passou-me pela cabeça que se pudesse atirar para a linha.

— E aquela repórter — atalhou, para disfarçar. — Que categoria! — Pousou a atenção sobre o jornal aberto no assento do lado e depois sobre a paisagem exterior e novamente sobre o jornal. — Vinha-me para aquelas mamas três vezes na mesma noite.

A mãe e a criança ocuparam um lugar na carruagem em frente e a mulher respondia ao choro do filho com biologia, dando-lhe o peito para aleitamento. Via-os quando as junções do comboio oscilavam nas curvas dos carris e as carruagens ficavam desencontradas.

— Podemos falar, se preferir, do jogo de xadrez com o campeão da Galiza — tentei encurtar o meu silêncio para mascarar o desconforto.

Ele pôs-se sério e, em seguida, brindou-me com uma gargalhada extensa. Sem me responder, ergueu entre nós uma cortina de notícias mal impressas. Confirmei que Camilo voltara a adormecer e fechei também os olhos.

A pergunta que é um veredito



DEPOIS DA ESTAÇÃO DE MILÃO, sentei-me no banco à frente de Camilo. Ele já não simulava qualquer sonolência, adormecera profundamente. Cabeça ligeiramente descaída, os lábios descolados, a respiração perturbada pelos cambiantes de verbena.

Nunca tive sexo com Silvana, mas essa possibilidade incomodara-o. Um coice interno que nos altera o equilíbrio. Nestas ocasiões, quando uma mera sensação física se impunha e não o deixava pensar, Camilo afastava-se e só regressava depois de ter teorizado sobre o sucedido. Foi o que fizera. Primeiro o verbo. São as palavras que lhe ordenam as emoções, e não o contrário. Como se o mapa precedesse a cidade.

Ainda vendem, numa drogaria antiga na Tornabuoni, aquela combinação estranha de aromas que me remetem para o colchão da Pensão Cittadella. Poderia passar por lá numa tarde destas, sentir a respiração áspera do sique que costuma atender ao balcão e sair da loja com as narinas vedadas por chumaços de amoníaco, cânfora e cera acrílica. Há um autocarro direto, para a duzentos metros, mas Camilo não notaria o perfume na gola da camisa ou junto ao punho do casaco. Tem fumado bastante nos últimos anos para a

frincha da janela da marquise e condenado o olfato, amortecendo silêncios nas passas de cigarros clandestinos. Camilo, agora, não perderia o equilíbrio se sentisse verbena, lima, cambiantes de baunilha ou o hálito do pub da esquina. O coração não lhe dá coices, o coração saiu-lhe dos eixos após um coice mais forte. Irreparável.

— Irreparável — confirmou o fiscal dentro da farda cor de rato dos caminhos de ferro italianos. Estava apequenado pelas ameaças de Rousinol, que se impunha como a pata de um gato acometendo a presa. A divisão de papéis naquela contenda era bem visível, não havendo dúvidas sobre quem caçaria quem. As veias túrgidas do pescoço do professor exigiam soluções, assunção de responsabilidades, conversas com superiores, diligências, despedimentos catárticos.

— Us-ted es un i-nú-til de mier-da — soletrou Rousinol.

Quando não estava em cima do pobre homem cinzento rato, percorria o corredor com passadas largas esperançado, talvez, de que a sua vontade fosse corrente bastante para desfibrilhar a locomotiva. O comboio, não tendo descarrilado, dava poucos sinais de que se fosse mover. Em causa, um problema elétrico, sem origem precisa, mas que se propalou por todo o circuito envelhecido, precipitando-o para um permanente apagão.

Camilo acordou e endireitou-se no banco. Assemelhava-se às cordas de uma guitarra a ressoar um desconforto que lhe tinha entoadado no sono. Demorou alguns segundos a compreender o que se passava à sua volta e o seu primeiro gesto foi o de recolher para dentro da algibeira do casaco um caderno escuro e de margens alombadas que surpreendeu no assento do lado. Ter-lhe-ia caído enquanto dormia? Li-lhe a pergunta nas sobrancelhas. Murmurou uma saudação evasiva e ergueu-se para fazer descer o vidro da janela. Confirmou, de cabeça de fora, o infortúnio de ali estarmos imobilizados.

— Cheira a queimado — disse, com desalento.

O horizonte raso e desértico representava um desconsolo inquestionável, mas as pregas das calças caqui de Camilo permaneciam esticadas por um volume oculto à altura da sua bacia e dos meus olhos. Nem tudo no seu corpo era abatimento e prostração, ele estava excitado.

Transposta a porta do comboio, verificado o carreiro estreito de cascalho ao longo da linha na direção norte, concluída análise semelhante a sul, dificilmente um homem desmemoriado poderia escolher, sem se sujeitar às leis do acaso, o melhor caminho a seguir. Um homem desmemoriado ou outro adormecido que desconhecesse que passáramos por uma estação secundária há menos de cinco minutos, onde o colorido de detalhadas buganvílias ornamentava as floreiras de um restaurante de aspeto asseado. Bom poiso para esperas inesperadas. Pigarreei antes de sugerir uma curta caminhada.

Camilo tornou a sentar-se e olhou-me.

— Era capaz de matar por um cigarro. Vamos?

— Vamos aonde? — perguntei.

Muitos verbos de Camilo ficaram sem complemento, lembrando-me que, entre as minhas prerrogativas, não estaria o direito de avaliar uma proposta, sendo cada pergunta uma configuração educada de um veredito. Fui no seu encalço entre os bancos. Lá para trás, o rato acinzentado apequenava-se mais perante a exibição sinistra de Rousinol.

Muros virgens antes do próximo fuzilamento



ESQUECER PARA DECIDIR. A toada de Rousinol ter-me-ia dado jeito nos últimos anos. A mim, ao mundo, às relações institucionais entre Estados que se movem em guerras de Caim e Abel para se aliarem na iminência de um inimigo comum, a uma quantidade de tipos bem-falantes que no ecrã da televisão recordam os lapsos alheios para justificarem os tropeções presentes, até a Deus, que testa a santidade nos rosários de pecados a que empresta os ouvidos. Não estaria Deus melhor se pudesse esquecer em vez de perdoar? Ou aquele tipo palestinião do jornal da noite que perdeu a família num raide aéreo israelita? Ou eu, que me pergunto tantas vezes como é que chegámos a esta merda, Camilo?

De quando em vez, como quem despeja restos, leva o lixo para a rua, limpávamos memórias, ensacávamos ressentimentos, dúvidas que sacolejavam nas vísceras, ganhávamos a tranquilidade que as conversas de café atribuem aos peixes de escamas douradas nas suas águas limosas, embevecidos pela refração da luz nas paredes de vidro de estreitos aquários, a formar arco-íris renovados a esparsos intervalos temporais. Quando o desmazelo imperasse, a limpeza de manutenção ficasse aquém das

necessidades, empunharíamos o tubo de aspiração, faríamos pontaria aos desconfortos, passaríamos a estar disponíveis para sermos magoados de forma semelhante sem cuidar de proteger hematomas ou cobrir feridas que partilhavam, por ora, o depósito com números de telefone que nunca voltaremos a utilizar, um consulta no médico a que faltámos, o sobrenome daquele poeta bretão que trata de forma exemplar as raízes da mitologia irlandesa. Não estaríamos todos melhor se pudéssemos esquecer em vez de perdoar? Prontos para sermos fodidos de fresco. Muros virgens antes do próximo fuzilamento.

Como é que ficámos assim, Camilo? Como é que chegámos a esta merda? Se tu, de pé à minha frente, debruçado na janela do comboio, tinhas, à altura da bacia, as pregas das tuas calças caqui bem esticadas. E eu, trémulo, segui-te entre os bancos do comboio.

Há uns meses, Camilo começou a urinar sangue e deixámos de foder. Isso aconteceu pouco tempo depois de eu ter conseguido o único emprego estável que alguma vez tivera. Uma avença de tradutor e intérprete com a Comissão Europeia que me faria viajar duas vezes por mês a Bruxelas.

— Em Bruxelas estão menos três. Preciso das luvas de camurça, Camilo.

A dobrar os quarenta e nas pontas dos dedos o formigueiro do primeiro emprego. Não me ouviu. Tínhamos mudado para o apartamento onde ainda moramos, num condomínio que ele considerou adequado ao estatuto que preferia projetar, e eu deixei de poder ajudar na prestação. A goteira da sala na casa velha, a madeira das janelas inchada com o calor, o passador em que se tornou o telheiro, os subúrbios que nos entravam pela casa em forma de para-arranca de final de tarde, entranhando os vapores de tubo de escape nos estofos do sofá, o riso solto a cada cabeçada no esconso para onde arrastámos a cama, os gatos vadios que dormiam nas escadas de incêndio e que batizávamos com nomes de ditadores, assassinos em série, sociopatas — pelo gozo que nos dava os rostos perplexos das visitas quando os chamávamos

para a razão —, os telefonemas da vizinha da frente para a polícia porque tomávamos duche de janela aberta não o projetavam condignamente. Já o novo apartamento é uma galeria de arte daquelas de parede, soalho, vão, porta, puxador em cores uniformes, sem juntas ou vértices. Até o som se engana nos caminhos entre as divisões semelhantes e não alcança o outro quando gritamos por ele. Até o som.

Encontrei Camilo na casa de banho com as calças sobre os atacadores e os olhos perlados de medo a olhar a sanita.

Puxou o autoclismo, entalou as pontas da camisa e sentou-se na sala. A sua cabeça redonda a assomar acima das linhas direitas do nosso sofá de seda italiana tinha qualquer coisa de Humpty Dumpty, ocupado com o seu equilíbrio eterno. Posso ter feito uma piada sobre a sua calvície, sem me aperceber de que se mantinha também num equilíbrio difícil. Tossiu em vez de me insultar para travar um soluço e eu ocupei um lugar no sofá. Ficámos, em silêncio, a ver os números do relógio digital crescerem à medida que os minutos avançavam. Reparei que sobre o relógio estavam pousadas as minhas luvas de camurça para o frio de Bruxelas.

— Os objetos perdem-se para nos enviarem avisos — disse.

Quando fechamos os olhos, o mundo desaparece de cima para baixo. Na morte, o mundo desaparece de cima para baixo: as pálpebras pendem e o final da vida é amortecido pelo toque das pestanas na pele. Já os dias morrem de baixo para cima. As sombras crescem do chão à medida que o Sol se esconde e, como no mito do rei Nabucodonosor, o dia mantém a sua glória dourada assente sobre uns frágeis pés de barro.

Homens e dias morrem de forma oposta, o que é um mau princípio para que haja algum entendimento entre os dois.

Os móveis que Camilo comprou na feira de Milão foram conquistados a pouco e pouco pelas sombras — de baixo para cima — e nas fachadas dos prédios as famílias tradicionais sentaram-se à mesa para jantar, deixando os

passeios ocupados pelos meneios das putas e ficando emolduradas pela caixilharia das janelas como nos retratos. Nos retratos, somos um pouco mais felizes.

— Pagamos um balúrdio de condomínio e temos putas à porta — disse Camilo.

Estava parado de costas junto à vidraça da nossa sala. Uma caixilharia notável com um vão de mais de cinco metros que dá dignidade a qualquer retrato.

— As putas não querem saber quanto pagas de condomínio — respondi.

Espalham-se pelas esquinas, pelas portas das empresas, à luz dos candeeiros de rua com um mapeamento tão preciso como a distribuição dos estacionamento na garagem do prédio. Têm horário certo e aparecem quando as luzes dos carros refletem nas lantejoulas dos vestidos curtos. Não precisam de caixilharia para ficarem atraentes aos olhos dos homens que as querem.

— Que horas são? E estas putas... — insistiu.

Daqui por umas horas, o avião para Bruxelas partirá com atraso do Aeroporto di Firenze, Camilo servirá a segunda bandeja de aperitivos no jantar dos clínicos e eu posarei para o retrato, no vão da nossa janela, com as luvas de camurça enfiadas.

— Já nem darás pelas putas — garanti-lhe.

Palavras disfarçadas por números



TAMBÉM DEI UMA PASSA NO CIGARRO. Não me apetecia, mas tive de tirar da boca o sabor a estrumeira. Estávamos nos vagões de mercadorias do comboio. Chegámos até ali a andar entre cabines e espreitando para dentro de compartimentos. Vimos dois pares de gémeos, mães a repreenderem crianças vermelhas de choro e uma mulher a chupar um tipo de charuto, enquanto a cinza lhe caía sobre os cabelos, muitos passageiros adormecidos, mas nenhum lugar onde desse para puxar do maço. Até que Camilo se meteu pelos vagões das mercadorias, arranjou um esconderijo entre os fertilizantes e o nosso olfato foi tomado por um cheiro mastigável a merda.

O calendário antigo de uma casa de apostas, pendurado na carruagem, publicitava um novo jackpot. Também havia um extintor fora de prazo e autocolantes de oficinas de peças colados às paredes. Os nossos olhares uniram-se na promessa APOSTE E SEJA MILIONÁRIO.

— O que achas do Sete? — perguntou Camilo, a matar uma beata debaixo do prémio máximo da lotaria.

— Do sete? O número? — encolhi os ombros. — Não acho nada — fiz uma pausa antes de prosseguir. — Eu cá não jogo. Não tenho sorte ao jogo.

Ou ao amor. Não tenho sorte a porcaria nenhuma. E quando digo sorte não quero dizer fortuna. Quero dizer sors, que os romanos consideravam a parte, a porção, o que cabe a cada um. Mas para sabermos a que temos direito temos de saber quem somos. Não é verdade?

Até a meus olhos, esta necessidade de o impressionar com reflexões sagazes era embaraçosa, mas não conseguia refrear-me. Quando dava por mim, metade da frase já estava cá fora.

Camilo queimava com o isqueiro uns fiozitos de serapilheira que sobravam da saca onde se tinha sentado para fumar. Atrás da sua cabeça, entortado na parede da carruagem, estava um sinal de perigo a avisar da presença de produtos inflamáveis. Mais acima, outro com o desenho de um fósforo aceso traçado na diagonal por um risco preto e grosso. Ele parecia não se importar com os alertas, apesar de os ter analisado durante alguns segundos.

— Rousinol nem sempre foi Jorge Rousinol. Até cinco de agosto de mil novecentos e quarenta e cinco, foi o Sete, um número primo — rezou baixinho.

— Não entendo — respondi.

— Foi o meu bisavô que o chamou assim. Sete. O tio Rousinol nasceu para ser número primo.

— Isso é a sério? Deu-lhe nome de algarismo?

— Exatamente.

O tom de indisfarçável mesura — pensei, por um momento, que se levantaria para bater continência — confundiu-me e fiz um esforço para me lembrar porque me encontrava num comboio avariado, cercado de estrume de animal. A verdade é que não estaria melhor a acordar no meu quarto arrendado, pronto para vestir roupa interior por lavar.

No ramerrão dos dias, essa melodia chuvosa, temos de nos distinguir das pedras. O meu corpo habituara-se às sovas na entrada do bar: a dor viva dos

socos prolongava-se cada vez menos para ser tomada pelo mal-estar dormiente dos hematomas, tão semelhante ao da rotina das semanas. Esta viagem proporcionava-me outros ringues de luta. Seguia um jogador de xadrez sem tabuleiro a caminho de um torneio, exibindo truques como o mágico de um circo itinerante. Seguia um futuro médico, bem-falante, de carruagem em carruagem. A leve esperança de que me tomassem por boa companhia, ou de que não se importassem de me ter por perto, pagar-me-ia cerveja barata por essa Europa fora.

— Não te chateies — arrisquei. — Mas não percebo como é que ter um número de batismo, primo ou não, possa ser especial?

— Tens de saber ao que vens — aconselhou-me.

A voz de Camilo é tépida, flui e não se eleva a temperaturas extremas. Só a expressão nos ajuda a colocar-lhe intenções nas frases, mas ele falava-me de lado, sem me olhar para a cara — as sacas empilhadas até ao teto cobriam as janelas e fatiavam a luz exterior, adensando as sombras. Fiquei sem saber se o aviso era sério.

Ouvimos tiros ao longe. Estávamos em época de caça, naquela parte da Toscana. Camilo saltou da saca e pôs-se novamente a deslizar carruagem fora, ainda a libertar fumo branco pela boca, como um pacote de Génova. Com o tabaco nos pulmões conseguia recitar a primeira quintilha da Odisseia e ainda lhe sobrava fôlego. Era perturbador. Voltou a sentar-se num canto do vagão onde ainda fedia mas havia espaço para nos deitarmos lado a lado, esticar as costas, se nos apetecesse, e uma nesga de luz entre os volumes das mercadorias devolveu-lhe ao rosto as intenções.

Escolheu o tom e prosseguiu. Falou-me dos olhos azuis de Rousinol, os que tudo espelhavam. Quando nasceu, os olhos de Rousinol eram navegáveis. Se nos lançássemos em caravelas, descobriríamos o umbigo do Universo por detrás daquele mar chão, garantiu-me Camilo.

— O teu bisavô não decorava os nomes dos netos?

— A partir de certa altura, preferiu numerá-los.

— Estranho.

— Não é — garantiu-me. — Um número é a soma da unidade. Uma pessoa é uma unidade, na medida em que é única e indivisível. Um número define-nos melhor do que qualquer nome próprio — argumentou.

— Estranho — repeti.

— Utilizar números sequenciais não é estranho. É um método eficaz — atalhou.

Camilo deitou-se e obrigou-me a repousar a cabeça sobre o cotovelo para o poder olhar de frente.

— Mas saltar um número na ordem exata de nascimentos já a família achou estranho — prosseguiu.

— Isso aconteceu? — perguntei, com pouca convicção.

A exposição prolongada àquele cheiro não o tornava mais suportável; pelo contrário, fazia com que o corpo inventasse novos sintomas de repulsa. Enjoo, cefaleia, tonturas, zumbidos. Já em Camilo o efeito era diferente: levava-o, aparentemente, a aprofundar o diálogo nodoso. Talvez por pressentir a urgência do que me dizia, anuí em escutá-lo mais de perto. As suas sibilantes entravam-me pelas narinas como a água salgada num cadáver apanhado na rebentação. Sentia-me inundado por Camilo e por toda a família Rousinol.

— Rousinol foi o sexto neto a nascer, mas o avô Rousinol chamou-lhe Sete, um número primo. O pai Rousinol ficou indignado com o favorecimento.

— Favorecimento?

— Um matemático presta mais atenção a um número do que a um familiar.

Refleti um pouco antes de arriscar um novo comentário.

— Rousinol diz que o pai ajudou Hitler a perder a guerra. O teu tio não

está bom da cabeça, pois não?

Camilo segurou uma mecha do meu cabelo entre os dedos e, a respirar perto, perguntou-me muito sério se sabia o que era um código criptografado. Encolhi os ombros e a locomotiva chiou, alarmada, mas voltou a emudecer após um gemido demorado de carris.

Se me fizessem agora a mesma pergunta, responderia como um bom aluno. Um código criptografado é Camilo ao pequeno-almoço, a caneca entre as mãos, os olhos perdidos no leite e ele perdido num lugar desconhecido para mim. À época, ignorava que duas pessoas pudessem desencontrar-se, estando ao mesmo tempo na mesma divisão do mesmo apartamento, por isso seguiu-se a explicação.

— Uma das maneiras de se gerar um código criptográfico começa na escolha de dois números primos, que são multiplicados, dando origem a um grande algarismo composto — garantiu-me com voz doutoral.

Cada vez tinha mais dificuldade em ouvir Camilo. A minha atenção ficava presa aos silêncios que se intercalavam com as suas palavras, ao ciciar do exterior, a um movimento impercetível de garganta que o fazia engolir a saliva apressadamente, e ao caminho que o corpo dele percorria ao encontro do meu.

Há palavras que não se confundem com determinados gestos. São palavras untuosas e bojudas, para serem atiradas do cimo de púlpitos, mantêm-se como uma enorme bolha de gordura à superfície, sem se misturarem, por exemplo, com uma carícia. Se eu sentia o toque de Camilo, compreende-se que não o pudesse ouvir. Apercebendo-se disso, calou-se e depois:

— Tens de saber ao que vens — e riu-se.

A origem da frase de Rousinol — «O meu pai ajudou Hitler a perder a guerra» — era, afinal, de uma simplicidade que poderemos considerar infantil. O pai Rousinol indignou-se perante o desrespeito pela matemática

elementar e arredou o sete dos seus processos de cifra. O cinco ou o onze passaram a ser recorrentes e o disfarce das informações trocadas entre forças do Eixo ao serviço da Alemanha nazi. Esta mudança terá enfraquecido o código e feito com que os aliados decifrassem algumas mensagens, como aquela que levou à captura de um navio alemão a norte de Antuérpia em 1942, um duro golpe para o Governo de Hitler, e remeteu o pai Rousinol a uma iliteracia de cálculo que espantaria o mais imberbe aluno.

— Cometeu um erro — constatou Camilo. — Deixou que as memórias naturais fora da contemplação direta o afetassem.

— E por isso mudou todo o código de criptografia utilizado pela Alemanha durante a guerra?

Camilo anuiu e eu soltei uma gargalhada.

— Não lhe bastava deixar de apostar no sete na lotaria?

— Nem ele conseguiu deixar de sorrir.

— Não poderemos saber como o sete poderia ter mudado o desfecho da guerra — disse, enganchando os seus dedos na minha cabeleira. A luz ténue e virulenta do compartimento mantinha-nos próximos.

— Cinco, sete, onze. Palavras disfarçadas por números. Como as carreiras dos autocarros que nos levam a terras com nomes.

— Os códigos não servem para juntar — corrigiu-me Camilo.

Permaneci em silêncio. Tinha poucas objeções à forma como a Segunda Guerra Mundial terminara e, se o ressentimento do pai Rousinol ajudou no seu desfecho, provava-se que a memória, sendo martírio do homem, é aliada da Humanidade.

Fiz bem em nada dizer. Camilo deitou-se sobre mim, beijou-me e o cheiro do estrume diluiu-se na sua saliva. Foi um contacto terno e quente, como o trautear de uma canção familiar sem palavras. O nosso refrão ainda não tinha letra, era apenas uma balada lenta.

Beijar Camilo com sabor a adubo na boca pareceu-me castigo bastante,

mas foi aí que ele disse:

— Não te atrevas a chamar-me amante. Chama-me passageiro. És uma viagem temporária.

Levantámo-nos de forma atabalhada a limpar o pó da fazenda das calças. O comboio sacudiu-se e atirou-nos um para os braços do outro, antes de reiniciar a marcha.

— Cheira mal aqui, não cheira?

Soldado desconhecido



A SEGUNDA VEZ QUE ENTREI NA SALA DE ROUSINOL, estranhei aquele espaço, como se nunca ali tivesse estado. Ele, agachado a um dos cantos, junto a uma salamandra de cobre, estava tapado por dois cadeirões indianos. Os raios da cadeira de rodas tombada ainda ciciavam, mas o movimento nos eixos era quase impercetível. Tudo indicava que fora o próprio Rousinol a forçar a queda, atirando-se para o chão. Os meus olhos puderam vaguear pela divisão alguns segundos sem que a minha presença muda fosse vista como indelicada.

Chamou-me a atenção a pouca opulência, hábito de família de não deixar o raciocínio entreter-se com vírgulas estéticas. Dois tabuleiros de xadrez, junto à janela, mantinham as peças dispostas e, à parte, a fila de peões capitulados aguardava a meio do jogo em reticências. Pouca papelada, mobília austera, paredes nuas, um único quadro pendurado, uma tela psicadélica que, naquele espaço, se tornava uma gargalhada silenciosa. Reparei ainda na presença persistente do nome de Rousinol, não apenas nos diplomas ou nas lombadas dos livros. O nome Jorge Rousinol estava espalhado pela superfície de todos os objetos da sala, talhado ou escrito em

madeiras, vidros, porcelanas e também no linho da tela que ria a partir da parede. Naquele preciso momento, Rousinol esculpia a curva de um S com a ponta de um espeto de atíçar brasas. De joelhos, dobrado em dois, colonizava o mogno de uma estante de sobro. Num primeiro momento pensei que o professor fazia prova de propriedade de todos aqueles objetos, numa preocupação quase canídea de marcar território, sendo o nome próprio aquilo que homem tem de mais semelhante ao odor da urina dos bichos. Mas, quando Rousinol falou, deduzi que aquele comportamento era antes uma prova de vida. O homem realiza-se na obra a que dá nome e, por certo, não teria impulso criativo se não pudesse assinar a criação. O mundo pouco avançaria se fôssemos todos inominados.

— O que está a fazer?

Ficou apalermado a olhar para mim. Acompanhei o esforço interior que fazia para me reconhecer.

— Se todas as rosas do mundo desaparecessem, ainda assim o nome «rosa» continuaria a ter significado — disse, de súbito. — Os nomes persistem para além das coisas, o contrário não ocorre. O que seria de um defunto sem nome? Como poderia ser lembrado?

Vagueei novamente com o olhar e caminhei na sua direção.

— Um defunto desconhecido — respondi, hesitante. — Está a ficar calor.

— Um soldado. Seria um soldado desconhecido, porque a vida alista-nos, quer queiramos quer não.

— Compreendo — disse, enquanto o auxiliava no esforço de se levantar. — Não quer beber alguma coisa? Sirvo-lhe um whiskey o melhor que sei.

Recusou a cadeira de rodas, que permaneceu derrubada, e caminhou devagar para uma poltrona de braços marcada pelo peso de um homem, onde se sentou.

— E um soldado com nome, que soube servir: como poderia ser lembrado? Como herói. Um soldado honrado e com nome é um herói —

sustentou, numa espécie de prece.

— Eu também já bebia qualquer coisa, para ser sincero. Você não tem gim, pois não? Mal de família.

Talvez o tenha olhado com um arquear cético de sobrolho, porque ele teve necessidade de se justificar.

— Sei do que falo. Fui soldado desconhecido até aos seis anos de idade. Ora sente-se, palerma.

— Pronto: um whiskey e não se fale mais nisso. Single malt ou blended, tanto me faz.

Esta parte da história já a conhecemos. Jorge Rousinol nem sempre foi Jorge Rousinol. Até 5 de agosto de 1945, à beira de completar seis anos, era o Sete, um número primo.

Pequeno exército fiel e servil



JORGE ROUSINOL NEM SEMPRE FOI JORGE ROUSINOL. Foi como Sete que acompanhou a transladação do corpo de Esmeralda para o jazigo da família Rousinol, enquanto caminhava dois passos à frente do avô pela estrada de ciprestes a serpentear entre campas e lápides. Estava particularmente calado naquele dia, o que, no caso do Sete, era motivo para preocupações.

O Sete desenvolvera um feitio especial, era assim que a avó se referia à maldade de Rousinol. O seu comportamento estava nos antípodas da placidez cobarde do pai. Os membros inferiores tinham-se-lhe desenvolvido de forma desproporcional para a idade e trepava árvores e cercas com grande agilidade. Também estava treinado na pontaria: escolhia as pedras mais achatadas e pontiagudas do meio dos carris antes da bifurcação para Tui ou junto à pedreira de Pontevedra. Nunca andava sem três ou quatro nas algibeiras, para as ocasiões inesperadas. Havia dois gangues de miúdos que atacavam naquela zona, filhos de homens alistados na guerra, e o Sete não pertencia a nenhum, atuava sozinho, mas trabalhava para ambos.

O caminho da linha de comboio tinha sido desminado, não a tempo de as pernas das crianças do orfanato da vila serem poupadas, ou de a criada mais

velha da avó voltar para a casa senhorial sã e salva, depois de esbofetear o marido bêbado largado numa sarjeta junto aos correios. Ainda assim, fora um trabalho perigoso e lento, que valeu a reeleição do presidente da província.

Com minas ou sem minas, a estrada encurtava em quarenta minutos a caminhada até à vila, que, de outra forma, só era alcançada pelo trilho que contornava o vale sem o atravessar. Muitos deram a vida por quarenta minutos, outros pouparam quarenta minutos e fizeram-se à vida antes dos mais ponderados, que optavam pelo caminho seguro. Morrer, por aqueles dias, não era uma grande extravagância. Estava a acontecer a toda a hora. Com o fim da guerra civil, começou a guerra alemã, e os que costumavam morrer perto passaram a morrer longe. Pouparam-se os braços daqueles que ficavam, que tinham menos covas para abrir.

Retiradas as minas, chegaram os bandos de miúdos rufiões e o atalho da linha de comboio tornou-se o principal ponto de assaltos da região. Como já acontecera antes, muitos — cada vez mais — continuaram a considerar que o encurtar da distância valeria o risco, e por ali passavam todos os dias sacas de cereais para o mercado, cheques para descontar, pagamentos de jornas entalados nas presilhas das calças e as sobras do jogo clandestino nas traseiras do armazém do porto de pesca.

Com o consentimento do avô, Rousinol abandonava a lição mais cedo dois dias por semana para se acomodar num dos ramos do sobreiro junto à estrada. A localização da árvore permitia-lhe ver toda a orla da mata, identificar quem vinha sem ser visto e misturar o assobio com o ciciar da folhagem. Era assim que avisava os miúdos que esperavam sentados nos carris o próximo assalto: um assobio longo para homem, um curto para mulher, repetidos consoante o número dos que se aproximavam.

O préstimo de Rousinol ia muito para lá das suas qualidades de vigia. Sem armas de fogo, os miúdos, que mais não eram do que crianças imberbes espevitadas na maldade pelas privações do estômago, não se livravam da luta

corpo a corpo, usando como arma um pau que aguçavam nos tempos mortos ou uma velha foice. Muitos descalços, outros de botas de atilhos cambadas, pouco preparados para o frio com uma camisola de lã puída que também usavam nos dias de calor, quando não se apresentavam em tronco nu. Comparado com eles, Rousinol era um fidalgoito enfarpelado com três camadas de roupa entre a pele e as temperaturas negativas.

As notícias da guerra mostravam que, antes de retirar os homens das trincheiras, mandava-se a esquadrilha atacar, a partir dos céus, as linhas inimigas. Assim fazia Rousinol da sua posição privilegiada. Mal avistava o incauto seguinte, levava os dedos à boca e ciciava o código combinado. Os miúdos erguiam-se e aprontavam-se, testando as articulações e erguendo os braços, e compunham no espaço uma configuração de ataque que tinha tanto de ameaçador como de desconcertante. Cada um sabia o que teria a fazer e, no final, o saque seria dividido segundo regras que todos respeitavam. Rousinol nunca aceitou a sua parte, mas tinha ali um pequeno exército fiel e servil que poderia invocar.

Desprevenidos, os transeuntes estacavam mal viam o grupo a bloquear o caminho e, antes que estivessem refeitos da surpresa, Rousinol arremessava certo as pedras que, atingindo as nuças como uma lâmina, os punha prostrados de joelhos a gotejar sangue para o cascalho da estrada. Alguns vomitavam no imediato e essa correlação, entre uma ferida no cérebro e um impulso violento, fascinava Rousinol. Com o tempo, compreendeu que, aperfeiçoando a pontaria, conseguiria condicionar o efeito imediato: vômitos, mas também choro, gritos, desmaios, em função do local exato onde a pedra atingia a nuca. Os miúdos mais pequenos aproveitavam estes momentos para surripiarem qualquer valor, fugir com sacas ou vasculhar algibeiras e, se houvesse resistência, entrariam em ação os maiores, com crueldade.

— Sete, sê um bom menino e vai caminhando à frente — disse o avô Rousinol, colocando uma nota no bolso do casaco de malha do coveiro. —

Preciso de conversar uns minutos com este senhor.

Houve duas razões para ter tardado a mudança do cadáver da mãe de Rousinol para o jazigo da família. Franco não pagava a traidores, ou, por outras palavras, só com muitas diligências se conseguira recuperar o corpo de um preso político que tivesse morrido em cativeiro. Esmeralda tinha ido parar a uma cova próxima do que se poderia considerar uma vala comum. Ainda assim, o avô mantinha uma teia de relações que transformava muitos homens de casaca em cangalheiros dispostos a remexer em carne putrefeita para o agradar.

Foram as obras de alargamento do jazigo a causa primeira da delonga, o que permitiu que Rousinol já crescidinho pudesse acompanhar os avanços da urna da mãe naquele jardim rendilhado de pedra mortuária.

Rousinol aproximou-se da grade do jazigo da família, encimado pelo brasão, e observou o interior. Ainda cheirava a tinta fresca. A luz era parca, dois feixes que se projetavam a partir do teto, mas conseguiu distinguir com clareza quatro pequenas urnas colocadas lado a lado sobre uma toalha de linho, sem nenhum sinal que lhes hierarquizasse a importância. Por ordem de nascimento, no interior daqueles potes estariam as cinzas de Donato Rousinol, Heitor Rousinol, Iago Rousinol e Sidre Rousinol, o primeiro, segundo, terceiro e quinto netos do avô Rousinol. Donato, Heitor e Sidre tinham morrido abraçados e deitados na mesma cama que a mãe, durante um bombardeamento em Vilar de Canes. Iago morrera um ano antes, depois de tomar banho numa cisterna de águas residuais, para fazer prova de coragem, e de duas semanas de febres altas.

Rousinol acariciou a fazenda das calças junto às algibeiras. Vinha bem munido. Estava sempre preparado para o acaso e ali estava um momento em que o acaso lhe batia à porta. Poucas vezes acontecia, quando o acaso chegava ele já o tinha previsto porque, ao contrário da maioria das crianças que vivem o presente absoluto, ele passava largo tempo a planear o futuro.

A tarefa mostrava-se tão fácil como abrir o crânio mole de uma velha ou de um recém-nascido; porém, precisava de ser exímio. Não podia correr o risco de, fazendo tombar um pote, levar outro de arrasto. Escolheu quatro pedras equilibradas em tamanhos, achatadas e com sulcos e ensaiou meia circunferência no ar, entre as grades, com o braço direito, uma e outra vez, no arremedo do lançamento. Ia ser canja.

Fechou os olhos, visualizou o arco do projétil e sorriu quando ouviu o primeiro barulho seco do impacto e os tinidos dos estilhaços a caírem no chão. Seguiram-se outros três arremessos com efeitos idênticos e, quando descolou as pestanas, ainda foi a tempo de ver o rodopio das cinzas das urnas pairando nos feixes de luz.

— Sete.

— Agora que estão todos misturados, os nomes já não lhes servem para nada — disse Rousinol, ao sentir a mão do avô sobre o ombro.

Crescer do teto para o sol



O QUE FARÁ UM HOMEM que sempre defendeu o esquecimento querer, agora velho, lembrar? Deitei-me tarde, à volta com o dilema.

Camilo dormia a meu lado um sono pesado, quando cheguei à cama. Talvez tenha estado uns dez minutos, uma hora, duas no máximo, junto à janela a descobrir formas na figueira providencial (nessa noite, compunha a figura do anjo Gabriel, o da anunciação), enquanto esvaziava o fundo de uma garrafa.

Aninhei-me em Camilo, envolvi-o e aproximei-me do seu ouvido para lhe dar qualquer boa nova que se infiltrasse no sono, lhe pintasse no sonho um pássaro gracioso.

— Estiveste a beber? — perguntou. — Amanhã tenho uma cirurgia cedo.

Remexeu-se e afastou-me o maxilar com uma ondulação de ombro. De seguida, o bocejo que nos transportou para um abrigo pouco preparado de montanha.

Às vezes penso que teríamos durado mais tempo se fôssemos um casal heterossexual. As mulheres conservam um calor interior, têm à volta do coração uma gordura natural que o impede de arrefecer, por muito hostil que

seja a temperatura. Acredito que tal característica esteja associada à sua capacidade de gerar uma criança no ventre, alguém que amarão mesmo que nasça de entre as suas pernas um glaciador, a quem aceitarão como seu, mesmo se anunciado por um anjo e se tiver crescido, roubando-lhes espaço às vísceras, pressionando-lhes os órgãos, apropriando-se dos seus nutrientes, sem ser concebido pela sua vontade.

No dia seguinte, apareci cedo e Rousinol estava quase irreconhecível. Comportava-se como se tivesse tomado um tónico que o rejuvenescesse de forma inesperada. Aquela figura era o original da sombra com quem privara nas semanas anteriores.

A porta da propriedade estava entreaberta para que a minha chegada não fosse incómoda para ninguém. É isso que se quer de um biógrafo oficial, pensei. Que entre nos espaços sem alaridos, sem mudar os objetos do sítio nem alterar estados de espírito. Um copo de água que tomamos por sobrevivência e que não está suficientemente fria para ser refrescante, nem choca para ser desagradável.

— Porque quer ter uma biografia? Se a vida toda defendeu o esquecimento.

Rousinol respondeu de forma brusca, mas pouco convincente, e insistiu.

— E o que quer você que eu decida com esta idade, palerma?

Tínhamos estado toda a manhã a passar a pente fino as citações em revistas, as homenagens, os prémios académicos que conquistara nos últimos anos, e eu mostrava-me menos enérgico do que ele. Ocupara uma poltrona de braços ao sol junto à janela, enquanto Rousinol caminhava pela divisão a manobrar a bengala de punho de prata como se se tratasse de um espadachim. Não havia sinal da cadeira de rodas ou dos corredores entre os móveis por onde a sua passagem fora desenhada. Tudo estava no lugar devido e correto, embora me parecesse uma disposição artificial.

— Depois dos agradecimentos habituais — contou Rousinol — disse:

caros colegas, sabem quantos neurocientistas são precisos para mudar uma lâmpada? A cara dos tipos! Acharam que, a partir dali, iria encher o discurso de putaria.

Rousinol repisava as semanas que tinham antecedido a atribuição do título de doutor honoris causa na Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos. Fora homenageado pelos contributos dados na compreensão dos desafios à proliferação de suportes externos de memórias, assim rezava nas notícias.

A forma como iniciara a sua intervenção no adro da universidade, perante um auditório de catedráticos e de figuras que poderiam considerar-se seus pares, fora envergando vestes de estrangeiro. Para as convenções académicas, Rousinol agia como um estrangeiro, falava como um estrangeiro, exibia-se e alimentava uma relação com a imprensa que era um dialético alofilo para os académicos. Da mesma forma, era visto, avaliado e julgado como estrangeiro, o que — a bem da verdade — lhe conferia um estatuto complacente de refugiado no exigente país da cátedra. A mesma complacência que protegeu a mãe de Rousinol anos antes na casa senhorial, por ser — aos olhos da família — uma selvagem com talentos. Deste ponto de vista, o título que o envaidecia, mais do que uma homenagem, era uma atitude caridosa face a um desvalido descoberto num galinheiro.

— Ele não vai aceitar o título, vais ver. Não vai aparecer. Escreve o que te digo — garantiu-me Camilo.

Se formos exatos, os postulados teóricos de Rousinol nunca foram considerados pela Academia e, depois da viagem à Galiza, ganhou a vida a escrever livros alarmistas destinados, na sua maioria, ao mercado americano. Foi um estudo sobre inteligência artificial feito por um físico e matemático inglês, uma estrela em ascensão no meio científico, que trouxe o axioma do esquecimento corretivo novamente para as notas de rodapé dos artigos académicos. Depois de uma época de otimismo irrealista, olhava-se com

desconfiança para as capacidades teoricamente ilimitadas de armazenamento de informação das máquinas e para a forma como o ser humano transferia conhecimento.

— O carácter de respostas já dadas pelo suporte internet poderão tornar o conhecimento numa técnica de busca e não numa reflexão interior — lia Rousinol, cumprindo movimentos pendulares no soalho —, com a agravante de que as máquinas também erram ao ativarem respostas padronizadas por experiências e conhecimentos anteriores. A resposta da máquina é apenas fruto da memória. Aqui, poderemos citar — aclarou a voz nesta parte, parando, de indicador tenso — Jorge Rousinol e analogamente referir que também para as máquinas será conveniente um processo de esquecimento corretivo.

Duas linhas que lhe valeram um relambório de elogios e aplausos no adro da Academia de Ciências. Satisfeito, pousou a revista e, deixando para trás a bengala, serviu-nos dois copos de whiskey.

— Aqui tens, aqui tens, meu palerma.

No dia em que Rousinol recebeu o título de doutor honoris causa, a minha vida com Camilo também mudou. Camilo apareceu em casa mais cedo, encenando um entusiasmo fraudulento, não tocou no assunto, levou-me para o quarto e quis despir-me com gestos atrapalhados. Sem conseguir uma ereção, soluçou para as mãos um bom quarto de hora na borda da cama.

— Ligaste ao teu tio? — quis saber. Não me respondeu e, nos meses seguintes dedicou-se a reescrever a história, forjando, quando lhe perguntavam pela saúde de Rousinol, um distanciamento precedido de desavenças sobre heranças.

Camilo já se afastara do tio muitos anos antes, foi um corte progressivo depois de voltarmos da Galiza. Mas, naquele dia, senti que tinha cometido um crime. Um assassinato doloroso e interior, que o prostrou na cova do sofá umas horas, até a fervura do sangue baixar e as pupilas irrigadas darem vez ao

olhar desorientado e hesitante de borrego manso. Nas artes marciais do Oriente há o provérbio que assegura que o melhor discípulo é aquele que vai matar o mestre. Com o desaparecimento de Rousinol, foi o aprendiz que perdeu a força, o clarão de arrogância — a raiar a má-criação — que fazia emudecer o interlocutor em qualquer jantar, a obsessão por debater todos os temas, a manipulação lapidar nas discussões domésticas. Ao meu lado na cama passou a deitar-se um médico pacato e eficiente, ligeiramente marreco e de papo enfunado, com ambições carreiristas e tendência genética para a gota.

— Já chega por hoje — anunciou Rousinol. — Pira-te, que tenho mais que fazer.

Divisei o corpo da mulher de Rousinol para lá da janela de guilhotina. Estava debruçada sobre um canteiro de acácias, encoberta pela folhagem. A camisola subida ligeiramente e o cós das calças instilado numa meia-lua. Trazia o sorriso de Vénus nas costas, claro e luminoso, apenas convidativo. Posso tê-la desejado.

— Porque é que quer ver a sua história escrita, agora? — insisti.

— Outra vez essa conversa?

— Ainda não me respondeu.

— Olha, por causa dela.

— Dela? Foi a sua mulher que lhe pediu?

Observei a mulher novamente. As calças de jardinagem subiam quando se agachava e junto à bainha aparecia o maléolo, o osso sobressaía elegante como a pedra preciosa na gargantilha do tornozelo fino.

— Não. Dela.

— De outra mulher?

— Não diga disparates. Ela não era uma mulher. Ela era uma alga.

— Terá de fazer o favor de se explicar melhor.

— Uma alga que movia pedra.

— Metaforicamente falando, quer dizer.

— Nem pense nisso.

Rousinol dirigiu-se à estante e, sem indecisões, escolheu um volume. Pareceu-me um livro de botânica.

— Vá até à América do Sul para ver. Algas que movem estalactites e que as arrebitam como os cornos dos búfalos.

— Estalactites? Das que crescem nos tetos das grutas em direção ao chão?

— Estas não.

— Está a gozar comigo? Mas não é assim a sua condição? Do teto para o chão.

— A minha condição e a sua talvez, do teto para o chão. Como estalactites, sedimentamos lágrimas e assim envelhecemos até nos fundirmos com a terra. Esta mulher de que lhe falo cresce do teto para o sol, como as algas sul-americanas que entortam a pedra e as apontam para o céu — fez uma pausa e indicou uma das entradas do livro —, cá está. Ora veja.

— Que provas tem de que essa mulher mova pedras? — perguntei sem me mexer.

— Olhe para mim — disse Rousinol. — Não lhe pareço maciço o suficiente?

A morte planeada das células



CAMILO SEGURA AS NOZES ENTRE OS DEDOS e observa-as a uma distância clínica, semelhante à que usamos para examinar radiografias. Têm tamanhos semelhantes, rugosidades idênticas, cores homogêneas. Coloca-as, de seguida, aos pares sobre uma tábua e, com uma pancada firme do martelo da cozinha, esmigalha-as sequencialmente. Parte do interior fica reduzida a pó, mas entre os escombros de cascas reluz o miolo: num dos casos castanho e lustroso, no outro preto e raquítico. Camilo observa as nozes despedaçadas como se estivesse à procura de uma resposta naquela mistura de organismos saudáveis com outros apodrecidos. Vejo na forma como enrugam a testa e comprime os lábios que aquela composição se assemelha a outra imagem que já teria visto antes — a do seu próprio rim. Saúde e doença a formarem a mesma unidade.

Depois da conversa sobre a outra mulher — a mulher-alga —, Rousinol manteve-me afastado da propriedade durante algumas semanas, enviando recados pela mulher-esposa sobre a inconveniência que representaria uma visita. Aproveitei o tempo livre para empurrar Camilo de consulta em consulta, de exame em exame. Camilo não quis deixar de trabalhar, mas reduziu o número de cirurgias e optava por aquelas que o mantinham menos

tempo de pé no bloco operatório e mais disponível para ir à casa de banho com a frequência necessária.

A sabedoria popular já teorizou sobre a desconsideração a que os especialistas vetam os seus ofícios quando têm, por uma razão ou por outra, de se sujeitar às leis que sempre aplicaram aos outros. Esta verdade torna-se mais cristalina no caso dos médicos. Nas consultas, a postura de Camilo variava entre a impaciência e o alheamento. Olhava os próprios exames com mais desprendimento do que aquele que colocava na observação dos seus pacientes. Não tinha a obrigação de se mostrar esperançado, deixava esse papel para o clínico — ou para mim.

— Um tumor numa ecografia não diz muito sobre o homem que o transporta. O tumor de um homem extremamente atraente é em tudo semelhante ao de um sem-abrigo. Ninguém parte em vantagem.

— Eh, pá, ó Camilo! — exclamou o médico a afagar o capachinho. Reconheci-o dos jantares de clínicos. Entornava copos de whiskey pela goela com desenvoltura. — Não vamos desanimar, pá. Ainda há muito caminho para andar.

E ele deixava-se guiar, resignado e plácido, pelos caminhos ínvios do diagnóstico médico. Primeiro, é necessário despistar os fundamentos mais temidos, apesar de não serem os mais prováveis, como se tivéssemos de percorrer o caminho mais acidentado para concluirmos que não é o certo para alcançarmos o nosso destino. Fomos de alívio em alívio, até ao diagnóstico final.

Na cozinha, Camilo repete o processo uma e outra vez. Duas nozes, aparentemente iguais, são examinadas em pares e esmagadas lado a lado. Com algum cuidado, separa os elementos saudáveis, e por isso comestíveis, dos restantes e, resignado, confirma que as sobras de pouco lhe servem. Despeja tudo no caixote do lixo, atira o martelo para o lava-loiças e vai ao frigorífico buscar um iogurte.

Observo-o da porta e em nenhum momento Camilo denuncia que esteja a par da minha presença, até que começa a falar para dizer que seria muito tentador comparar-se àquelas nozes, hospedeiro de um mal que o apodrece por dentro, um inimigo externo que, valendo-se de um cavalo de Troia — os nutrientes a partir dos quais se alimenta, por exemplo —, ter-se-á alojado no seu interior. Porém, no seu caso, não existe nenhum saqueador externo a culpar, a razão da sua doença está nele. O seu corpo adoecera por sua própria decisão. Fico atento aos atacadores e não lhe respondo.

— Quando é que me vais dizer? — pergunta, interpelando-me de frente.

Descolei-me da ombreira e fui segurar no martelo, sem compreender a razão por que o fazia. Senti-lhe o peso, era um instrumento, por si só não poderia ser considerado uma arma porque lhe faltava intenção. Ao contrário do homem, um martelo não tem a morte ou a autofagia em si. A morte planeada das células humanas é essencial para o funcionamento do ser humano. O suicídio das células é a garantia de que não se transformam em tumores. Morremos pouco a pouco, desistimos de partes de nós que já não são úteis, para nos mantermos saudáveis, por sobrevivência. Como nos casamentos duradouros, talvez. Quando abdicamos de traços de individualidade para funcionarmos a pares.

— Já é altura de me dizeres que estás a escrever sobre o Rousinol — detetei um certo embargo na voz de Camilo, o que me embaraçou.

Quando as células perdem a capacidade de se autodestruir, deixando de ser autofágicas, amotinam-se contra todo o organismo, colonizando-o com a doença. Quando perdemos a capacidade de nos autodestruirmos, deixando de sofrer anulações microscópicas para que o par permaneça funcional, condenamos o casamento. Assim estava o rim de Camilo e assim estávamos nós.

— Estou a escrever sobre Rousinol.

— Obrigado por me dizeres — agradeceu Camilo. Acho que estava a ser

sincero.

A biologia dos números



CINCO DE AGOSTO DE 1945. Harry S. Truman, na presidência dos Estados Unidos por morte de Roosevelt, prepara-se para jantar na sua cabine a bordo de um navio da marinha americana. Fumou um charuto que lhe abriu o apetite, enquanto aguardava a informação sobre o lançamento da bomba atômica, na manhã japonesa de 6 de agosto de 1945. Tossiu violentamente. Churchill tinha razão quando o ridicularizava nos encontros. Fumar charuto implica uma gestão inteligente do fumo, não deixar que este colonize os pulmões, mas que entre e saia do organismo com aparente liberdade. Os ingleses sempre foram melhores do que os americanos na gestão de autonomias: atentemos à forma como lidavam com as suas colónias. E ele não era do tipo paciente. Basta ler a carta que dirigiu à futura mulher a partir de França, onde serviu o império na Primeira Guerra Mundial, sugerindo, perante a capitulação alemã, a amputação de crianças germânicas e o escalpamento de idosos. Um homem de tal fibra sentia-se mais ameaçado no domínio de um charuto do que pelo impacto de uma arma nuclear.

Na mesma noite, o avô Rousinol iniciou uma carta. Já tinha àquela hora preenchido o cabeçalho com a data — 5 de agosto de 1945 — e o destinatário

— Exmo. Senhor Diretor do Sanatório de Munique. Parou com a ponta da esferográfica suspensa. Estava tão habituado a filtrar a semântica subjetiva das mensagens através de um código exato de criptografia, tornando-as rigorosas e quase telegráficas, que já não sabia manipular essas entidades de fronteiras ambíguas que são as palavras. Fez nova tentativa: Foi com pesar que recebi a sua carta com notícias do meu filho. Sublinhou a palavra «pesar». Não estaria a ser cerebral?, era disso que a mulher o acusava ultimamente. Riscou-a. Encavalitou a palavra «tristeza» sobre a frase. Foi com tristeza que recebi a sua carta com notícias do meu filho. Ao menos houvesse um número que significasse aquilo que gostaria de transmitir, os números não têm meias-tintas como as palavras, nunca se viu um número irónico, um número que, usado numa equação, quisesse representar exatamente o contrário do que exibía. As palavras são trapaceiras, os números são confiáveis. Riscou «tristeza» e escreveu «desalento». Ficou satisfeito. O termo, para além de incluir a amplitude semântica das palavras anteriores, ainda abrangia uma segunda dimensão: o sentimento de impotência perante a condição do filho.

Estava exausto. Tinha escrito apenas duas linhas e estava exausto. Nunca se sentira assim depois de resolver os problemas lógicos mais indecifráveis. Manipulava peças de xadrez num tabuleiro imaginário, mas eram as palavras que o deixavam sem ver. O pouco jeito para os sentidos das palavras era, preocupantemente, apenas um sintoma de uma doença mais grave. Ele estava cego aos sentimentos, uma cegueira implacável que foi acompanhada por uma intensa dor de cabeça. Uma dor tão forte e incapacitante que o deixava prostrado na cama dias inteiros. O diagnóstico fora feito pela mulher nos dias anteriores, quando a carta do Sanatório de Munique foi entregue em mãos por um estafeta.

A avó Rousinol entrou na biblioteca e viu a missiva aberta sobre o giradiscos, a rodar no prato. Mas, tal como um homem sem sentimentos, não emitia qualquer som. Tudo parecia no lugar devido, o marido estava ocupado

a catalogar pautas de música, as portadas das janelas tinham sido recolhidas porque havia ameaça de tempestade, as flores nas jarras conservavam o viço, tudo parecia no lugar devido à exceção do movimento daquelas folhas de papel vincadas à medida de um envelope sobre o prato do gira-discos. Num impulso, segurou a carta entre as mãos e iniciou a leitura. O movimento, por ser distinto dos movimentos habituais da avó Rousinol na biblioteca, incomodou o avô, que a olhou, espantado. Os movimentos da mulher eram uma melodia conhecida — pousar o tabuleiro do almoço, amparar-lhe as costas com uma almofada, acender o candeeiro ao anoitecer — que se tornava um som de fundo, um som tão conhecido que poderia ser interno ou externo à cabeça do avô. O gesto de segurar a carta tinha atingido a estridência e obrigara o avô Rousinol a interromper o que estava a fazer e a olhar para a mulher. Não era hábito olhar para a mulher e quando o fazia era como se passasse à frente de uma vitrine: parecia interessado no conteúdo da montra, mas, na verdade, analisava o próprio reflexo. Aquela mulher projetava a imagem que tinha de si?, era a pergunta que o assaltava.

Recorrendo a uma reserva de forças que não conhecia, voltou a segurar a caneta. Tinha de cumprir o seu objetivo: o de dar um cunho racional à aparente loucura do filho. A carta do sanatório relatava o estado mental do paciente através de uma sequência de acontecimentos alarmantes para qualquer familiar. Alarmaram a mulher, que levou a mão à boca para abafar um carpido, alarmá-lo-iam de igual forma, se não padecesse de cegueira aos sentimentos.

Debilitado nas suas capacidades sociais, o pai Rousinol, gostava de estar sozinho. Esta situação agravara-se após a captura de um navio alemão pelas forças aliadas, uma derrota que ultrapassou aquele dia e aquele local precisos, como o bater de asas de uma borboleta gigante numa poça de orvalho. Para o pai Rousinol foi o início da dúvida e, por consequência, o início do medo. O medo incapacitante que se alimenta da memória e que o prendeu ao leito do

rio da história, aquele que corre inexoravelmente sem nascente nem foz. Sem memória, seríamos todos corajosos, escreveu o avô Rousinol.

Quando o encontraram no seu quarto em Munique, o pai Rousinol estava debaixo da cama e tinha colonizado as paredes à sua volta com tentativas de demonstrar a função $a(r,m,7,t)=x$.

Por insistência da avó, e num dia em que a dor de cabeça atingira níveis insuportáveis, o avô Rousinol aceitou ser visto por um médico. O clínico, amigo da família, inferiu quase de imediato sobre a inutilidade de sujeitar o paciente a um processo de diagnóstico convencional. Optou por entabular uma conversa e, ao vê-los com um serviço de chá entre eles, não se diria que era mais do que isso o que ali se passava. Bastou uma hora para confirmar que as suspeitas da avó estavam certas. O avô Rousinol estava cego aos sentimentos, mas também estava cego a ameaças, a receios, a conquistas. O seu cérebro esquecera como reagir às mais distintas situações e estímulos. A informação entrava e era entendida, mas não originava qualquer resposta adequada. Era como se, ao ver um copo tombar da borda de uma mesa, não tivesse o instinto de o agarrar no ar antes que se partisse.

O avô Rousinol ficou satisfeito por saber que era um defeito no seu cérebro que provocava a ausência de manifestações emocionais. No seu entender, a biologia era da ordem dos números e as emoções da ordem das palavras. Sempre suspeitara que fosse a biologia a pôr ordem nas palavras. Porém, o diagnóstico não lhe resolvia o problema. Pensou um pouco e compreendeu que, a partir daquele dia, teria de sujeitar os estímulos quotidianos a um processo de criptografia semelhante ao que utilizava nas mensagens. Faria com que cada situação fosse filtrada por um código de conduta socialmente aceite e expectável e reagiria em conformidade. Faria de forma deliberada aquilo que um cérebro saudável fazia de forma automática. Era um processo cansativo e desgastante — como usar em consciência os sapatos trocados nos pés —, mas agradava-lhe saber que nenhuma reação que

se adivinhasse sairia do seu controlo. O resultado foi libertador, apesar da exaustão física que sentia, por exemplo, a responder à carta do sanatório.

Há um teorema de aparente simplicidade, com mais de trezentos anos, mas que nunca foi demonstrado, escreveu o avô Rousinol — o olho de Fermat. O olho de Fermat é aquele que se aloja na nuca, suficientemente perto para se ter a ilusão do seu alcance, suficientemente inacessível para se transformar num espectro temido. É a informação que se aboleta numa zona oculta da mente, separada pelo lençol branco do consciente e onde se projetam as sombras dos pensamentos quotidianos. O Sete é o olho de Fermat do meu filho, concluiu o avô Rousinol. Essa constatação não me inocenta. Eu sou o autor do dilema.

Quando terminou a missiva, dobrou as folhas em três e chamou a mulher.

— É urgente dar nome à criança — disse. — Temos de dar nome ao Sete.

Àquela hora, Harry S. Truman já terminara o jantar e recebera a notícia de que o lançamento da bomba atómica correra como planeado. Fumou um charuto, sem se engasgar, no convés do navio. Foi a maior vitória daquela noite.

O eco dos patos



NAQUELA TARDE, tinham começado as vindimas nas encostas mais íngremes da Ligúria, as cores maduras dos cachos rendilhavam no horizonte uma manta de xadrez, e o professor teimou em querer cheirar de perto as uvas.

— Os velhos cheiram a morte e as uvas a poda — disse. — A natureza sabe o que faz. As uvas negoceiam com o sol a apanha e nós negociamos com a morte mais tempo na videira.

Subimos a uns setecentos metros acima do nível do mar por um trilho acidentado e pobre em vegetação. Rousinol tomou a dianteira, ameaçado pelas vertigens, passos incertos na terra ardente. Para trás, o vinhedo, o olival, o barulho do mercado de domingo, o padroeiro a dobrar os sinos da capela de Manarola.

Eu, atordado por um calor fora de época. Ele no seu casaco de malha que vestia sempre. No topo, ou pelo menos no local que ele considerou ser o topo, ajoelhou-se de costas para o mar, com os sapatos no limite do precipício, e começou a desenhar na terra com um galho que quebrou de um arbusto.

Recuperei o fôlego, fingindo um interesse melancólico pelo horizonte, demorando-me na rebentação que embatia com violência nas escarpas.

Marinava no próprio suor, a controlar a asma sem dar parte fraca perante a sua concentração metódica que me envergonhava. Deu por terminada uma matriz alfanumérica e obrigou-me a ajoelhar-me a seu lado para conferir o que tinha acabado de fazer. Não me senti mais sabedor do que um miúdo do ensino básico.

Tratava-se, garantiu-me, da matriz do código cifrado das cartas trocadas entre o avô Rousinol e o pai Rousinol. Acabou por a aprender, já depois da morte de ambos.

No chão, dispunha-se uma complexa correspondência entre letras, feita com base na aplicação de um enunciado de números igualmente complexo. As pares de números e letras saltitavam aos meus olhos como casais de dançarinos observados de cima. Era impossível acompanhar-lhes os movimentos.

A meio de uma frase, de súbito, caiu de bruços sobre o desenho, espalhando a terra e levantando pó. Respirava, confirmei-o, mas tinha o corpo maleável de uma corda. Não se tratava de um desmaio, porque estava de olhos abertos e lúcidos, os mesmos que espelhavam o mundo. Também me vi refletido nas suas bacias de água.

Voltei à casa e encontrei a mulher de Rousinol agachada na cozinha, na posição em que o sorriso de Vénus se lhe revelava no cóc das costas. Ajudou-me a deitá-lo na cama, a tirar-lhe as botas e a despir-lhe as calças. Tinha manchas brancas nas pernas que pareciam rastos de lágrimas de tinta de esmalte. Adormeceu de olhos abertos. Fiquei algum tempo a vigiar-lhe a respiração e depois percorri o trilho até ao local onde nos quedámos. Ajoelhei-me e tirei com o telemóvel várias fotografias à matriz alfanumérica desenhada na terra. Moveu-me o instinto, racionalmente não sabia o que iria fazer com elas. Mesmo que encontrasse qualquer troca de correspondência entre a família Rousinol, não seria capaz de a decifrar recorrendo a uma nebulosa de números e letras. Vi naquilo um trunfo para a vida eterna.

Quando estava a terminar a licenciatura, conheci um poeta judeu, vivaço e boémio: usava as calças vincadas quando a maioria as tinha remendadas. Batia os nós dos dedos nas costas do baralho antes de distribuir jogo e perdia sempre com pose de vencedor. Quando lhe deram seis meses de vida, depois de um acidente, converteu-se ao catolicismo, que lhe garantia a eternidade do paraíso. Os judeus veem na morte o fim, a Igreja Católica é mais benévola para os sentenciados. Confrontaram-no e ele respondeu o que posso eu dizer, tenho medo. E assim também morreu com pose de vencedor, a jogar à sueca com o purgatório, na mão o trunfo da vida eterna.

Ao despir o professor e ao colocá-lo na cama, chegou a voz: o que posso eu dizer, tenho medo. O esquecimento não é benévolo na morte, lembrar é a única forma de aceitar o fim. O medo fará um homem que sempre defendeu o esquecimento querer, achando-se velho, ser lembrado, mudar de religião e ganhar um trunfo, como um judeu que se vende à ressurreição dos cristãos.

— Estás errado — refutou a mulher de Rousinol —, não é por medo da morte que ele quer que lhes escrevas a biografia.

Estremeci. Não sabia há quanto tempo estaria a pensar em voz alta. A fala exerce sobre o pensamento uma ordenação narrativa. Pensar e falar são formações tão distintas como um texto em prosa e um texto em verso. O pensamento evolui por dilatação, a partir de uma ideia primordial, fazendo proliferar episódios a partir de episódios, criando novas simetrias e novos contrastes, como duas personagens que se encontram e a narração, que estava a seguir a primeira, afasta-se desta para acompanhar a segunda. Falar em voz alta é como andar perdido dentro do armário que é a nossa cabeça.

— Assustei-te — perguntou-me.

— Não. Acho que estava a pensar em voz alta.

— Se estavas, estavas a pensar mal — disse, sentando-se na cama. Tinha um pendente sobre as costas que apontava para o sorriso de Vénus, o mesmo que descobri entre as roseiras.

— O que sugeres?

— Que o oiças. Ele diz que este trabalho todo é por causa de uma mulher, não diz?

— Uma mulher-alga — precisei.

— Cá para mim, é uma mulher-mancenilheira.

— Mancenilheira?

— A árvore mais tóxica do mundo. — Vestiu uma camisola de lã diretamente sobre a pele e virou-se já com o peito coberto. — Tem frutos que se assemelham a maçãs, mas podemos ficar cegos se nos protegemos de uma chuvada debaixo da sua copa. Só por apanharmos com a água que lhe escorre das folhas, Nino. Os índios das Caraíbas usavam a seiva das mancenilheiras nas setas e provocavam uma morte lenta aos inimigos. É o que encontro na natureza mais parecido com essa mulher.

— Conheces bem a mulher?

— Não preciso de a conhecer para saber que é tóxica.

Ela levantou-se e caminhou até à casa de banho. Tinha um bamboleio estranho de pato e as pernas finas e curtas.

É sabido que o grasnar dos patos não produz eco, como não produzia eco a luz do sorriso de Vénus no restante corpo baço. Vestida da cintura para cima e nua da cintura para baixo, é o que encontro na natureza mais parecido com esta mulher.

Dar carne em troca de apaziguamentos



ACORDEI COM O TELEFONE A TOCAR. Olhei para o lado e Camilo já não estava na cama. Nada de anormal. Ao despertar, eram as gotinhas na cortina no duche e uma taça de cereais suja no lava-loiças que me garantiam que ainda vivíamos juntos. Atendi e do outro lado ouvi Silvana. Estava exaltada.

— O que é que tu foste fazer, Nino?

Não percebi de imediato o que se passava, mas aparentemente Rousinol desistira da biografia.

— Posso ficar com o dinheiro?

— Sei lá se podes ficar com o dinheiro. Eu quero é saber o que é que se passou.

Estava de pé, no meio do corredor, ainda em pijama e descalço. Cocei a cabeça e analisei o recorte irregular das minhas unhas dos pés. Eram unhas de velho, que ganhavam, nos cantos, uma tonalidade doente. Homens com unhas destas, já encavalitadas entre o médio e o anelar, costumam ser sábios. Mais sábios.

— Não sei o que se passou — respondi.

Silvana desligou, ameaçando com uma visita. Não adiantou argumentar

que não estava com vontade de ver seres humanos.

— Cresce, Nino! Cresce! — ordenou, cortando a ligação.

Mal o auscultador pousou no gancho, o telefone voltou a tocar. Era Camilo.

— Já estás acordado?

— Tudo indica que sim.

— Mudámos de operadora de telefones? Tentei ligar e passou para o atendedor de chamadas. A linha estava interrompida — disse. — Mudámos de operadora de telefones?

Como eu não respondia, insistiu.

— Nino?

— Sim.

— Podes dizer-me se mudámos de operadora de telefones?

— Não sei. Esteve cá um tipo há uns dias e eu, só para o despachar, assinei uns papéis quaisquer.

O tipo da empresa de telecomunicações fez-me rir, o que não acontecia há demasiado tempo. Os deuses estavam irados nesse dia, uma ventania de arrancar chapéus e a figueira batia na janela impaciente, como se à espera para entrar. Deitei-me a meio da tarde para uma sesta. Escureci o quarto e, depois de cair no sono, a figueira outra vez. Abri os olhos e não ganhei para o susto. Na penumbra, a máquina de hemodiálise de Camilo parecia um homem-de-barro da Papua Nova Guiné, com os dedos de bambu afiados na minha direção.

As máscaras dos homens-de-barro têm bocas deformadas, narizes como focinhos de porco e chifres de animais. As máquinas de hemodiálise têm ecrãs com números que nos afrontam a ignorância, tubos, válvulas, filtros, monitores de pressão, fios, agulhas igualmente pontiagudas e reservatórios. Ambas são usadas em tempos de guerra.

O hospital tinha instalado a máquina entre a mesinha de cabeceira e a casa

de banho, ficámos quase sem espaço de passagem, e Camilo adiou durante uma semana a primeira sessão. Batemos com o mindinho no rodado umas quantas vezes a caminho da sanita durante a noite, até Camilo aceitar que lhe ligasse o tubo. «Liga-me o tubo», disse ele. Esta frase significava que tinha reunido a coragem necessária para estar algumas horas a ver o próprio sangue a passar por um canal transparente, deixando a máquina fazer o trabalho que o rim recusava, antes de reentrar nas veias. Como se o corpo de Camilo fosse um pugilista sem capacidade de segurar as luvas junto ao rosto e expulsar do ringue o adversário.

A hemodiálise é um trabalho de equipa, explicou a enfermeira muito gorda do hospital, enternecida connosco. Suspeitei que, quando chegasse a casa, contasse aos gatos a história daquele casal homossexual de meia-idade que reforçava laços na doença, como o amor deve ser. Terá de ter cuidado ao colocar o tubo, avisou-me, pense que está a colocar a aliança no dedo do seu companheiro, e ria-se muito.

A hemodiálise é um trabalho de equipa, mas um dos jogadores soçobrou ao ponto de ser Camilo a dar-me algum ânimo. Os homens-de-barro lutam por terras, mulheres e porcos e estão cientes do preço das derrotas: 175 porcos vivos. Tinha a agulha na mão, mas não conseguia parar de tremer. Nós não fazemos ideia das razões da nossa luta. Eles pintam a cara de barro, mas por baixo são humanos, nós aparentamos humanidade, mas temos por dentro a consistência do barro mole.

— Não consigo, não consigo — sempre odiei agulhas. — Se é para isto prefiro dar-te um rim.

Cristo terá dado o corpo todo. Abrão prontificou-se a sacrificar o filho. Dar carne em troca de apaziguamentos futuros e passados parece ser uma prática que está tão inculcada no homem como uma canção antiga soprada atrás da cabeça, que nos segue como uma assombração.

— Isso seria... Isso seria uma verdadeira aliança de casamento — disse

Camilo, depois de um olhar intenso. Estava comovido.

Um cheiro subtil a gás



ACENDI A LUZ E PREDISPUSE-ME a arrastar a máquina de hemodiálise de Camilo para a despensa, junto à cozinha. Para que deixasse de nos velar os sonhos. Talvez, adivinhando, quando lhe toquei desatou aos apitos. Procurei nas gavetas da mesinha de cabeceira de Camilo o livro de instruções. Um gesto meramente mecânico e desesperado, porque nunca encontro nada na ordem luterana de Camilo — as cores das meias a casarem com as listras das gravatas — e porque nunca li um livro de instruções.

A máquina não se calava, os apitos pareciam intensificar-se. Tinha medo de arrancar as fichas da tomada e levar todo o sistema à inoperacionalidade permanente. Continuei à procura. Passei para a cómoda, da cómoda para a secretária de Camilo e poderia ter continuado, vasculhando todos os cantos do quarto, mas, por baixo de um compêndio de medicina reconheci o envelope de um escritório de advogados. Tratava-se do mesmo símbolo que encimava o meu contrato de edição da biografia de Rousinol. A máquina parou de apitar e a figueira tornou a bater na vidraça da janela. Nem Hitchcock, com ao seu amor à dramaturgia, se lembraria destes arranjos sonoros.

Aparentemente, enquanto eu me preparava para oferecer um órgão a Camilo, ele alinhavava com o seu representante jurídico uma solução de separação que não me deixasse na miséria.

Sentei-me, à espera. Já não me acontecia há algum tempo, mas aquela era uma situação propícia a um surto de pensamento do avesso. Nada. Estava tão vazio que me senti obrigado a ligar o rádio e a macular o silêncio. O mesmo ímpeto com que uma mulher deixa a impressão dos lábios num guardanapo desconhecido e o devolve secretamente à forma original a flanquear o prato, afastando-se.

Tocaram à porta e fui até à entrada para ver quem era. Observei a inquietação muscular do tipo no patamar e abri a porta.

— Tenho aqui exatamente aquilo de que o amigo precisa — disse, sorridente.

— Vamos lá ver isso. Toca a entrar. Quer um whiskey? Só tenho whiskey em casa.

— Podias ter-me dito que mudaste o contrato do telefone — desabafou Camilo.

— Por acaso, já que falas nisso, acho que ficámos com mais canais de televisão. Vi no outro dia um programa sobre os homens-de-barro da Papua Nova Guiné. Um documentário.

— Isso não interessa agora. Tenho boas notícias — disse. Estava entusiasmado.

— Conta.

— O doutor Florêncio ligou — fez uma pausa dramática, a mesma que as gotas do telheiro ensaiam antes de caírem. — Já marcaram o transplante. O teu rim foi dado como apto!

— Isso é maravilhoso — respondi.

Um cheiro subtil a gás alastrou-se pela divisão, sem origem precisa. Fui até à cozinha, sempre com Camilo ao telefone. O cheiro não era mais intenso,

apesar de persistente. Verifiquei os bicos do fogão e o esquentador. Tudo parecia em segurança.

— Fiz bem em chatear-me contigo por causa do álcool. Estás saudável — disse Camilo.

O cheiro a gás intensificou-se. Sem grande reflexão, segurei a caixa de fósforos que pousamos por hábito sobre o exaustor. Fi-lo pela mesma razão por que nas lombas das estradas saímos da nossa faixa, cruzamos o traço contínuo e seguimos em contramão, desconhecendo o que nos espera depois da linha do horizonte. Uma ribanceira? A buzina da morte? A chama azul devolveu-me à minha faixa de rodagem.

— Nino, agora vais curar-me — largou uma gargalhada que mais parecia cascalho a rebolar por uma vereda. Não acreditava naquilo que dizia.

Depois de desligar, vesti o sobretudo por cima do pijama e esperei na rua que o bar da esquina abrisse. O nosso bairro é demasiado janota para ter lojas de conveniência paquistanesas, onde se pode comprar bebida a qualquer hora. Nos aeroportos e nas lojas dos paquistaneses nunca é tarde nem cedo para beber, são lugares sem relógio, onde o tempo é feito à medida de cada um. O cruzamento entre todos os fusos horários do mundo.

— Dê-me um gim, se faz favor. Duas pedras de gelo.

Sementes que não germinam são cadáveres



ESTÁVAMOS OS TRÊS À MESA DO CAFÉ do aeroporto — eu, Camilo e o professor —, mas, como nas pinturas de Hopper, não havia um vínculo entre nós. Hopper faz isso de forma esplêndida nas telas, desencontrando olhares. Nós desencontrávamos intenções, ou, pelo menos, atenções. Eu, como quase sempre naquela altura, tinha os olhos pousados em Camilo, ansiando por lhe adivinhar o próximo gesto, posicionar-me pelo dialeto ou pelo comportamento para que fosse notado, como um rasgo no passeio que nos surpreende e por onde enfiamos o pé. Depois do vagão das mercadorias, queria ficar com Camilo nem que fosse por acidente. Ele observava um casal sentado um pouco atrás, tinha os olhos reduzidos a duas fendas escuras. Rousinol serviu-se do bule e levou a chávena à boca. — Merda, que está quente!

O nosso voo, no ecrã das ligações aéreas, ainda não tinha atribuída a porta de embarque. Recostei-me e abri o jornal com um gesto mecânico, dando de caras com um artigo geopolítico em memória das vítimas da Segunda Guerra Mundial. Mais uns quantos parágrafos que faziam autópsias aos desaguizados do mundo, que, por serem antigos, já são cadáver. A paginação da notícia era

sóbria e evocativa, distante das imagens de horror que todos já tínhamos visto e, por isso, paralisantes. As fotografias de corpos empilhados em campos de concentração militavam contra a nossa capacidade de pensamento discursivo. A decisão editorial tinha sido inteligente, por isso consegui passar os olhos pelas letras gordas.

Atrás de nós, o casal começou a discutir, mas eram só os gritos do homem que se ouviam. Rousinol foi ao bolso interior do casaco e verteu para a chávena o conteúdo de uma elegante garrafa. O odor áspero do whiskey tomou conta dos nossos narizes.

— Os Estados Unidos construíram um bunker, uma arca de Noé por baixo do chão, onde guardam as sementes das mais variadas plantas — li em voz alta —, dizem que é uma medida de proteção em caso de ataque nuclear dos russos.

— Até parece que o mundo lhes pediu alguma coisa. Não percebem nada, estes tipos não percebem nada — sustentou Rousinol, a abanar a cabeça.

Arrancou-me as páginas da mão e começou a passar o indicador pelas letras, como um cego de nascença, à medida que lia. O meu comentário parecia ter reacendido um incêndio circunscrito que lhe queimava o estômago. Afinal, o incómodo gástrico não se devia apenas à azia do álcool.

— O que esperar de uma criatura que não consegue lambar o próprio cotovelo?

— Quem?

— O homem, o homem não consegue lambar o próprio cotovelo — sustentou Rousinol — mas quer brincar aos deuses e colecionar sementes para povoar a terra.

Dobrou o jornal, contrafeito, e tamborilou os dedos durante alguns segundos, para ganhar perspetiva sobre o que acabava de ler.

Camilo estava com o seu quase sorriso. Um esgar que lhe deixa a boca um pouco torta. Conheço bem essa expressão de desdém. A pele repuxada sulca-

lhe um apóstrofo no término dos lábios. Os apóstrofos sub-rogam letras desnecessárias e, em Camilo, sentenças inúteis. Não precisou de verbalizar, o que pensava estava-lhe bem impresso no rosto. Achei aquela postura desonesta, vinda de quem menos se esperaria. Mas Rousinol, sem fazer caso do desinteresse do sobrinho, perorava contra o armazenamento das sementes como se esse gesto encerrasse em si as razões da extinção previsível do ser humano.

— Sementes que não germinam apesar dos nossos esforços para que floresçam em solo contaminado, seco, estéril, serão tão úteis como os pósteres de estrelas de cinema que guardamos dentro de caixas de sapatos, juntamente com dentes de leite dos filhos ou mechas de cabelo de uma namorada antiga — recostou-se na cadeira e ocultou os olhos com as palmas das mãos. — Sementes que não germinam são cadáveres. Um passado que não germina é um cadáver.

Pensei em argumentar que se tratava de uma atitude preventiva, de esperança de que — perante uma tragédia — o solo estéril pudesse reflorescer. Dos escombros de Hiroxima novos brotos surgiram, um ano após a bomba atômica. Assim estão os corações dos homens, acreditava eu. Ele pareceu adivinhar o que eu ia dizer.

— O passado é um cadáver, oiçam bem, um exercício de memória é a exumação desse corpo. Um cadáver que se deita entre ti e o futuro. Cada um deita-se com quem quer, mas eu prefiro não me deitar com um morto.

Uma batida seca como uma tacada de snooker, depois de uma zoadada, criou um corredor de vento atrás de nós. Virei a cabeça a tempo de nova zoadada e de outro estalo que produziu uma onomatopeia própria dos livros de banda desenhada. Paf!

Camilo, já de pé, acercou-se da mesa do casal com o seu porte magro, que não significa ausência de força. O homem não deu pela presença, estava debruçado sobre a mulher e segurava no ar uma garrafa de vidro pelo gargalo.

A mulher choramingava a esconder o rosto, com a determinação dos sacos de plástico que se enrodilham nas ondas da praia.

O gesto de Camilo foi tão repentino e assustador que teve o mesmo efeito que as fotografias dos beliches de corpos nas valas nazis. Paralisou-nos. Sacou a garrafa da mão do homem e partiu-lha na cabeça. A mulher abafou um grito ou uma gargalhada. Tenho quase a certeza de que pressenti o ensejo de uma risada sonora e libertadora. E o tipo ficou estático a avaliar a origem da poça de sangue que se alastrava pela mesa.

— O embarque já começou. Temos de ir — ordenou Camilo, aproximando-se a limpar as mãos ao casaco-cristaleira.

33.

PH ácido



CAMILO INFORMOU-ME DE QUE NÃO QUER ser enterrado no jazigo da família e fez-me prometer que encontraria um terreno com pH ácido para onde lhe atirar os restos. É desta forma que fala. Aparentemente, a decomposição é mais célere em solos ricos em alumínio e na Galiza o calcário das rochas prolonga o repasto dos vermes nas covas.

Estava a tirar um frango para descongelar quando se aproximou, de tabela na mão, debitando valores da concentração de iões. A urze e o pinheiro-marítimo são bons indicadores de um terreno ácido, explicou-me, a oferecer uma mnemónica. Já antes exigira um funeral em época de temperaturas amenas porque o frio endurece os corpos na tumba e o coveiro tem dificuldade em golpear o chão rijo.

Escaldei o frango debaixo da água corrente no lava-loiças e fiquei a vê-lo ganhar o tom rosado do degelo. O mesmo que reconheço em alguns amigos após o divórcio.

O pescoço é o pedestal da cabeça



A MALHA URBANA TINHA AVANÇADO até aos arredores da quinta do velho Rousinol. O taxista sem pescoço, natural da terra, esforçava-se por explicar como é que foram deitadas abaixo as copas das árvores, a vegetação domada, os caminhos abertos na garganta da montanha e, nas bermas destes, construídos caixotes de habitações. Andava descalço, mas era livre. As pessoas agora têm sapatos nos pés, mas não vão longe. Vivem encaixotadas — explicava o taxista sem pescoço. A cabeça afundava-se-lhe de tal maneira dentro do corpo que os ombros ultrapassavam os ouvidos. Era aflitivo de ver.

Sentado no lugar do pendura, Camilo traduzia espaçadamente o que o homem ia dizendo, ou olhava pelo vidro da janela à procura, naquela construção incaracterística do pós-guerra, de um lugar onde se aquietar. As raízes do homem estão onde a sua vida começou. A expressão — as minhas raízes —, dita amiúde pelo povo, não é escolhida ao acaso. A raiz é o que, estando oculto, mantém um homem de pé, como uma árvore, ao longo da vida. Era isso que Camilo procurava, em certa medida, com aquela viagem e ao perscrutar o horizonte.

— Isto não era nada assim — traduziu Camilo — esta estrada, onde

passamos, foi construída no caminho da antiga linha de comboio, desminado depois do fim da guerra civil. A linha, com minas ou sem minas, encurtava em quarenta minutos a caminhada até à vila. Ou era isso, ou contornava-se o vale sem o atravessar. Ainda encontram muitos lá na cidade desse tempo, que poupam agora em sapatos por causa das minas.

O professor Rousinol estava sentado ao meu lado, no banco de trás do táxi. Esteve em silêncio todo o caminho, mas manteve com o taxista uma conversa muda, pelo espelho retrovisor.

— Então, é do senhor que os jornais falam — ainda ensaiou o homem. — Vai mesmo jogar de olhos vendados contra o campeão de xadrez da Galiza?

Mais tarde, perguntei ao professor se reconhecera o taxista da época em que viveu em casa do velho Rousinol. Disse-me que desconfiava dos homens que não tinham pescoço. — O pescoço serve para elevar a cabeça, é o pedestal da cabeça como um busto precisa de um pedestal — argumentou. — Os romanos acreditavam que os homens de pescoços altos eram mais inteligentes e as suas ideias mais elevadas, em comparação com os atarracados e de cachaço tolhido. Tendo a concordar — confessou —, é perigoso quando a cabeça está tão próxima do corpo.

O portão da quinta tinha sido vandalizado e abria-se de par em par para um matagal que crescera de forma linear, como um cobertor que é puxado devagarinho.

— Dantes, a polícia ainda se dava ao trabalho de vir afugentar os vadios. É o estado do mundo — lamentou o taxista, apanhando, de entre as silvas, o que restava de um antigo ferrolho.

Rousinol pagou ao homem mais do que marcava no tabliê e enxotou-o, deixando-nos sem boleia de regresso à cidade. O carro desapareceu na primeira curva, secando o lodaçal em que o professor se afundava desde que saíramos na estação de comboio de Pontevedra.

A casa, à nossa frente, impunha-se do alto da sua quietude lóbrega. Sem a

solenidade que eu teria idealizado para aquele momento — o momento em que um homem conhece as suas raízes, como se observasse pela primeira vez as solas dos próprios sapatos, aquilo que o une ao chão —, Camilo antecipou-se nas escadarias e ensaiou a maçaneta da porta principal. O gesto improvisado, se fosse música, seria jazz e Camilo um percussionista talentoso que confundira o rebate do coração com a vontade da audiência. No interior, os móveis estavam amortalhados e a luz era filtrada pela sujidade das janelas. Os nossos passos fizeram o chão de tábua gemer como alguém que há muito não é tocado.

— Que gelo! Há quanto tempo é que não vive aqui ninguém? — perguntei.

— Desde que o meu bisavô morreu — respondeu Camilo. — Há uns trinta anos.

— Vinte e sete — precisou Rousinol.

Folhas soltas, arrancadas de um caderno quadriculado, cobriam o soalho, enfileirando uma caligrafia miudinha e indecisa. As palavras tinham servido para atear fogo, porque ainda está para ser descoberto melhor combustível que a palavra escrita, e a lareira denunciava um uso recente.

Ajoelhei-me e juntei em monte alguns dos papéis. A maioria continha listas que revelavam uma certa exaustividade patológica: número de frutos nascidos ao longo dos meses, por ramo, produção ensacada de cereais em grão, metros cúbicos por segundo de pluviosidade em semanas pares do calendário, horários e frequência de consumação sexual com a mulher encontrada na capoeira.

Lamber o cotovelo



SILVANA PASSOU CÁ POR CASA e ficámos uns minutos a ver as festas da freguesia. Fechámos a janela depois de a procissão passar por baixo do parapeito. O cortejo era encabeçado por quatro homens em tronco nu, que transportavam às costas a cruz de Cristo. Avançavam lentamente como uma serpente, rua acima, a entoar um cântico que lhes provinha do estômago. É no estômago que as serpentes segregam o veneno com que matam as presas.

— O cadafalso não passava de uma estaca, mas continuam a representá-lo com uma cruz. Problemas de tradução a partir do grego — avançou Silvana.
— As sagradas escrituras nunca seriam publicadas nas editoras dos dias de hoje. A exigência é outra.

— O problema está nos cotovelos. Nascemos com dois. E é fisicamente impossível lamber o nosso cotovelo.

— Não dizes coisa com coisa — protestou. Estava junto ao vão de cinco metros da nossa janela. Emoldurada pela caixilharia, parecia uma varejeira pousada sobre o ecrã de um televisor. Tinha relevo, enquanto, lá por trás, a vida decorria plana dentro das caixilharias de outras molduras. É uma coisa que se pode dizer sobre Silvana: é uma mulher com relevo.

— Ao sermos criados com estas impossibilidades, aparentemente banais, como não conseguir lambar o cotovelo, é como se nos dissessem para não termos a tentação de nos comportarmos como Deus — expliquei-lhe. — Como é que uma criatura que não consegue lambar o próprio cotovelo poderá ter a ambição de criar o amarelo, ou a textura dos troncos das árvores, ou ser o centro do Universo, ou sequer interpretar a vontade de Deus, ou replantar o mundo?

— Mas não resultou — respondeu Silvana um pouco alheada.

— O homem faz de tudo para conseguir lambar o cotovelo.

Silvana tirou um maço da mala, colocou um cigarro no canto da boca e aproximou o isqueiro da margem de papel. Pressionou a roldana dentada de metal, que produziu uma curta faísca, deixando cair o dedo sobre a patilha de plástico. A chama não se formou. Tentou novamente, sem sucesso.

— Sabes que o isqueiro foi inventado antes do fósforo, Nino? — perguntou a olhar o papel queimado.

Fiz um esgar, a desvalorizar aquele pedaço de informação.

— Turing... — prossegui.

— Agora vens-me com o Turing.

Antes de ter começado a escrever a biografia, pouco tinha ouvido falar sobre Turing. Silvana achou a lacuna absurda, disse-me que talvez fosse por causa da minha falta de cultura que Rousinol me mantinha longe. Para a contrariar, passei a dedicar um par de horas por dia a estudar o matemático.

— Turing, como estava a dizer, acreditava que provaria a inteligências das máquinas, se conseguisse criar um computador que imitasse o comportamento humano ao ponto de confundir o interlocutor sobre a sua natureza. Por isso, produziu artificialmente falhas de cálculo, lapsos de dactilografia, hesitações. O erro.

— O isqueiro antes do fósforo. Não é extraordinário? — perguntou Silvana. — A complexidade antes da simplicidade.

— O erro humaniza a máquina. Foi o que ele pensou. Mas até agora nunca um computador passou no teste de Turing porque as máquinas não têm cotovelos.

Silvana caminhou para a cozinha, dedicando-me uma atenção vaga. Segui-a, contrafeito, a debitar horas de perambulação por motores de busca.

— Os isqueiros evoluíram a partir de uma arma, um século mais tarde, os fósforos entravam em combustão apenas em contacto com o ar — precisou.

— Ninguém consegue lambear o próprio cotovelo é uma afirmação que nunca poderia ser extraída de uma conversa com uma máquina inteligente, porque provavelmente esta seria desprovida de uma língua e de um cotovelo. O corpo. O corpo é o que nos distingue das máquinas e de Deus. No corpo, recai o erro.

— O homem fez guerras, conquistou países, descobriu a Índia, o Japão, o pau-brasil antes de saber riscar um fósforo e fazer lume em segurança — prosseguiu Silvana, enquanto abria em par os armários da cozinha. Não encontrando o que procurava, mantinha as loiças das prateleiras à vista e passava ao armário seguinte. Era só mais uma das manifestações da sua vontade de deixar lastro, pensei. Tentei ignorar.

— O corpo foi o princípio dos maiores equívocos cosmológicos, Silvana. O corpo, por ser mais pesado do que o fogo, colocou a Terra no centro do Universo na teoria de Aristóteles e secundarizou o Sol. O corpo de Cristo desapareceu do sepulcro e fez florescer a crença da ressurreição. O erro começa no corpo. O pecado começa no corpo — sumariei. — Turing conseguiu reproduzir o erro humano na máquina, mas nunca conseguiu reproduzir a origem do erro que é o corpo.

Silvana começou a abrir gavetas e a tatear por baixo de panos da loiça e guardanapos de linho que Camilo alforriava quando tinha jantares dos médicos da clínica. A cozinha já estava entregue à maior das confusões.

— O que é que estás a fazer? — perguntei por fim.

Silvana parou junto ao exaustor, segurou na caixa de fósforos e retirou um pau. Acendeu o cigarro, que queimou com um crepitar.

— A lambar o cotovelo — respondeu, com um sorriso cáustico.

— Acho que te debes ir embora agora.

Mas ela não foi.

Subir a montanha empurrando um carrinho de mão



TENHO OBRAS NO PRÉDIO quando preciso de entregar um artigo urgente. Uma rebarbadora, que me golpeia as orações, induz-me em parágrafos despropositados. Toco à campainha. Toco de novo. Oiço vozes no interior, entre marteladas, mas ninguém aparece na soleira da porta para anotar o meu descontentamento. Fico com a minha queixa por fazer e volto ao computador.

Adio a entrega do artigo e, no dia em que apanho o autocarro para o centro, sou expulso na paragem de um bairro social por ter deixado o passe expirar. Sei pela televisão de imagem epilética de um café, onde paro para uma cerveja rápida a caminho de casa, atento à carteira em cima da mesa e à linguagem corporal dos gandulos que me observam a partir do balcão, que houve um acidente de trânsito na Via della Scala. A cerveja está morna e não têm a minha marca preferida. Por baixo do pó incrustado em sangue, reconheço a expressão zangada do condutor do autocarro que me expulsou, mas os olhos dele já não estão perlados de raiva, agora é o medo que os bordeja. Um tipo ácido, de barba bem-feita com bocadinhos de algodão na

curva do queixo a estancar os cortes da gilete. Tem agora a cara transformada numa poça de sangue. A televisão fá-lo parecer mais entroncado. Diviso outros dois rostos enegrecidos que me são familiares: o da rapariga que puxou a saia quando lhe observava o joelho magro e o do rapaz dos auscultadores por cima do gorro. Que sentido faz ouvir música filtrada por lâ? A perna ferida da rapariga mantém-na numa posição pouco anatómica de sapo. Levo o gargalo à boca para descobrir que a garrafa está vazia, visto o casaco para sair e apercebo-me de que começou a chover. Encolho os ombros porque nada disto é sobre mim.

Os episódios sucedem-se da forma como os episódios se sucedem, porque a vida é subir uma montanha empurrando um carrinho de mão de olhos vendados. Na maior parte das vezes, só podemos decidir o peso da mercadoria.

Onde o vento não tem som
o homem não tem história



TURING DESENVOLVEU UMA MÁQUINA contra a máquina que usava o código Enigma dos militares nazis alemães. Turing desenvolveu uma máquina, em 1940, contra a máquina que o pai Rousinol utilizava para criptografar as coordenadas exatas das armadas aliadas no Pacífico e as cartas que decidiriam sobre a lucidez do avô Rousinol na avaliação das capacidades do neto que acabava de nascer. Turing desenvolveu uma máquina a que chamou simplesmente Vitória. Três anos depois, essa máquina interceptava e descodificava 84 mil mensagens por mês, duas por minuto, Jorge Rousinol ainda era o Sete, o pai Rousinol excluía o número sete do seu processo de criptografia e dava-se a captura de um navio alemão pelas forças aliadas a quatro milhas náuticas do porto de Antuérpia.

Entre as 84 mil mensagens que a Vitória descodificou naquele mês, estava uma criptografada com a cifra do pai Rousinol. Era inverno, pingavam os narizes dos soldados a bordo, os homens fungavam antes de limparem o ranho ao punho da farda, o nevoeiro adensava e nada se via à distância de um palmo. Os companheiros começaram a reconhecer-se entre si pelas

fungadelas que davam. Na vigia, um soldado alistado compulsivamente olhava os dedos trémulos e, depois de engolir em seco, ajustava a mão à coronha da arma. Os dedos e a arma eram feitos da mesma matéria gasosa e opaca que cobria tudo. As extremidades do corpo do vigia — os dedos das mãos e a biqueira das botas (com o tempo aceitou que a biqueira das botas de soldado era aonde o seu corpo terminava) — moviam-se nessa imaterial massa branca, isoladas numa solidão semelhante à dos cometas que, a anos-luz, penetram a escura massa imaterial do Universo.

Como é que o vigia poderia adivinhar a ameaça, se o nevoeiro tem a opacidade de uma pedra, o som do pestanejar e a consistência de um pensamento? Os projéteis da armada inimiga voaram sobre o navio e, quando embateram numa bola de fogo, devolveram-lhe a visão, quebrando aquela matéria gasosa e opaca. Com a explosão, deixou de ouvir — como se usasse almofadas de nevoeiro nos tímpanos —, mas passou a enxergar. A cegueira branca dissipou-se num puzzle de membros carbonizados que o aterrorizou e o vigia encostou o cano da arma de coldre à têmpora, puxou a culatra sem ouvir o estalido de prenúncio do disparo (este detalhe é importante, porque a história prova que é esse som curto que dá cabo da coragem dos menos decididos) e disparou.

A notícia da captura do navio alemão pelas forças aliadas, a quatro milhas náuticas do porto de Antuérpia, demorou sete dias e sete minutos a chegar ao quarto do pai Rousinol em Munique; quarenta e sete segundos depois, o matemático já se encontrava debaixo da cama, na mesma posição em que o descobriram quando foi institucionalizado.

— Institucionalizado? — perguntou Silvana depois de me calar.

— A língua sempre teve os seus eufemismos.

— A língua serve a hipocrisia dos homens. O que me queres dizer é que o pai Rousinol enlouqueceu porque estava nevoeiro em Antuérpia?

— Ele enlouqueceu porque acreditou que, ao retirar o Sete do seu

processo de criptografia, ajudou Hitler a perder a guerra. O que faz tanto sentido como a teoria cosmológica de Aristóteles.

— Todos caímos no erro de Aristóteles — disse Silvana.

Fez-se silêncio e a figueira bateu na janela.

— Ouve, Silvana. O vento tem som porque bate nas coisas — a minha voz pareceu-me rouca como as vozes antigas. — No espaço, muito acima das nossas cabeças, não há som. O mesmo se passa connosco. Batemos nas coisas e assim se faz a nossa história. De uma certa forma, chocamos ou contornamos objetos que nos precedem. Se neles batemos por engano, devemos pedir desculpa e prosseguir. Arrisco dizer que no espaço, onde o vento não tem som, o homem também não teria História. O vento e a História do homem só ganham corpo quando esbarram um no outro. Lamento dizer isto, Silvana, mas a nossa vida é uma sucessão de encontros sem maestro.

— Qual é o objetivo desta conversa, Nino?

— Estás aborrecida porque Rousinol já não quer a biografia. Eu entendo isso — prossegui. — Acontece que não acredito no postulado principal de Rousinol.

— Qual postulado?

— Esquecer para decidir — precisei. — Rousinol tem o pai como exemplo da sua teoria. Acredita que o pai ficou preso a um número, alterou o seu sistema de criptografia e precipitou Hitler para o fracasso. E ainda bem, digo eu — hesitei. — Não faz sentido. As memórias afetam-nos, mas o que ele defende...

Silvana começou a rir para o ar, irritando-me. Uma gargalhada que lhe explodiu primeiro na barriga e que lhe sacudiu o corpo todo.

— Porque é que te estás a rir?

— Ainda achas que isto tem a ver com o pai do Rousinol?

— E com o avô — precisei. Olhei para as minhas notas, o bloco que tenho

mantido na algibeira da camisa, à procura de segurança.

Ela ensacou um juízo irónico, que levou até ao sofá, onde se sentou. Encolhi os ombros com pouca convicção e a figueira tornou a bater na janela, fazendo ressoar pela casa um presságio, como um gongo faz ressoar um gesto pretérito.

— Continuas sem gim em casa?

— Sim. Continuo.

— Andas a chocar com as pessoas erradas, Nino.

Um órgão rejeita um corpo como um expatriado



POR INSISTÊNCIA DE CAMILO, fomos sedados lado a lado. Como as duas camas estavam próximas, ouvia-lhe a respiração. Os apitos das máquinas atrás das nossas cabeças caíam-me sobre a testa como gotas compassadas que, com o tempo e a insistência, ganham o peso do chumbo.

O enfermeiro aproximou-se e ele sorriu, antes do sorriso desaparecer por detrás do respirador da anestesia. Procurou a minha mão e a dormência alastrou-se-lhe pelos olhos, como uma inundação lenta ocupa uma sala. Tinha um ar benigno, até agradecido.

— Fui para a cama com o tipo da televisão por cabo. Era alto e nas pontas dos dedos cheirava a borracha, do táxi que conduz à noite — disse-lhe. Camilo pestanejou e arregalou os olhos. Tentou, pelo menos. Lutava contra o adormecimento. — O táxi não é dele — prossegui —, é de um cunhado que teve um acidente de trabalho.

Apertou-me a mão, deve ter gastado toda a consciência que lhe restava naquele gesto, e as pálpebras fecharam-se.

Quando acordássemos, parte do meu corpo estaria dentro de Camilo. Um rim meu purificar-lhe-ia o sangue. Separar o bem e o mal. Purgá-lo, em certa

medida. Depois do transplante, eu seria responsável pela pacificação do seu organismo, como uma força de paz que se infiltra num território hostil e em conflito.

Houve um tempo em que considerei que os capilares por baixo da minha pele estavam unidos aos de Camilo e, inevitavelmente, bombeava-lhe o sangue, mantendo-o vivo. Ele bombeava-me o sangue e mantinha-me vivo quando, por baixo da mesa e durante os jantares, me comprimia levemente o joelho esquerdo. Uma pressão ligeira do indicador e do polegar que antecipava qualquer vitória pela dialética, uma chamada de atenção que me tornava o seu público de eleição para as exposições retóricas. Como se me dissesse que sem mim na audiência não valia a pena; eles, por si, não eram merecedores da sua inteligência, das citações completas de Nietzsche, Calvino, Knox e das outras que inventava, com o apóstrofo de traquinice no canto do sorriso. Necessitou dos meus olhos como testemunha do seu sucesso, até que os jantares volantes passaram a ser a norma e escassearam as oportunidades de me pressionar o joelho encoberto pela toalha de mesa.

— É possível que um órgão recuse o seu novo corpo? — perguntei ao enfermeiro.

O homem suspendeu o respirador da anestesia no ar, um pouco acima da minha cabeça, como se a manípula de Deus se tardasse a meio do empurrão da morte, e olhou-me confuso.

— Bem, num transplante, é possível que um corpo rejeite um órgão.

— O que pergunto é diferente — corrigi. — É possível que um órgão rejeite um corpo como um expatriado rejeita um novo país?

Os objetos no espelho estão mais próximos
do que aparentam



OS TECIDOS SOBREPUNHAM-SE numa composição outonal: casaco, colete, camisa e lenço em escala cromática. O que em música seria um solfejo de compasso simples. Sons tornados redondos por uma voz de tinidos curtos que nos aconchega como umas meias de lã há muito tricotadas por alguém mais velho e também, por isso, mais sábio.

Quando atravessei a Praça da República, o advogado de Rousinol já me esperava na esplanada e conseguia sobressair no meio da chusma de turistas. Não era mais alto, nem mais forte ou mais loiro do que muitos dos que por ali andavam. Também é certo que não tinha um olhar deslumbrado, servo do arco triunfal ou dos recortes da escultura da deusa Abundância velada no meio da fonte. Mas não era isso que o distinguia. Ao atravessar a praça, pensei que nada apanharia aquele homem incauto, que nunca sentiria a humilhação de deambular com sementes de uma sanduíche comida à pressa entre os incisivos nem encontraria a mulher na cama com outro homem ao chegar a casa. Só de o ver, fervia de inveja.

— Obrigado por se encontrar comigo, doutor — disse-lhe quando me

sentei.

— Obrigado por se encontrar comigo, Nino. Vou poupar-lhe interlúdios, preâmbulos, percebe? Não temos tempo a perder.

Era, de facto, alguém que aparentava não perder tempo.

— Quem é que não tem tempo a perder?

— Ora, Nino. Nem eu nem você acreditamos na eternidade. Também por isso foi o escolhido para escrever a biografia do professor Rousinol. É certo que se tem distraído, desfocado do trabalho. Logo você que era tão bom a desviar as pedras.

— As pedras — disse, como se fosse o eco dele.

— Defeito de profissão. As memórias. Cada vez que esquecemos, levantamo-nos do túmulo, temos de desviar as pedras para o fazer.

— Não sei se estou a perceber — retorqui. — Como Cristo?

— De certa forma. A ressurreição que podemos ambicionar é a que provém do esquecimento. Não lhe estou a dar nenhuma novidade, pois não, Nino?

Levantou o pescoço e fez uma panorâmica à praça, como um pastor que faz a contagem das ovelhas antes da grande tempestade.

— Disse que não queria perder tempo — alertei.

— Tem razão — prosseguiu, mas alguma coisa o deteve e motivou uma inflexão de discurso e de tom. — Sabe, eu sou advogado. Os advogados gostam de jurisprudência, na qual predomina a regra do precedente. O que faria de mim alguém que deveria gostar da memória e a utilizaria como instrumento como um médico usa um bisturi num corpo com leis bem definidas. Quando cheguei a Itália, sou holandês — esclareceu —, era assim que pensava. Entretanto, mudei de opinião. Não o quero maçar, como lhe disse não temos tempo a perder, mas acredito que essa mudança esteja relacionada com a morfologia dos dois territórios.

— Não me está a maçar. Continue, por favor — insisti.

— Prefiro a palavra «morfologia» a «relevo» porque acredito que os países, as terras, as cidades têm anatomia. Podemos estudar a sua aparência e a posição das várias partes, as substâncias de que são feitos, a sua localização e a relação com outras partes do território. Mas sobretudo podemos estudar a forma como caminhamos sobre o terreno, sobre os campos, as cidades e os países como uma mão que no escuro apalpa uma nádega ou um antebraço.

Naquele momento, pareceu-me tão aprumado como uma estátua de bronze. Nem o vento o poderia despentear, pensei.

— Como deve ser do seu conhecimento, Nino, a paisagem holandesa é plana, regular e está claramente dividida. Quem é criado na planície, como eu fui, logo aprende a estimar quanto tempo leva para ir de um ponto ao outro. Tempo e espaço compartilham uma unidade, ancorada nas terras do horizonte distante. Os crédulos da memória têm as mesmas certezas que eu tinha quando atravessava os campos ladeados por diques e sabia que iria pisar o primeiro degrau da escola ao primeiro toque da sineta da sala de aula.

O advogado prosseguiu:

— A paisagem italiana é muito diferente — ergue outra vez o pescoço de garça. — Rústica e cheia de montanhas. A distância até um local mais baixo frequentemente parece menor do que é. Chegar ao destino toma muito mais tempo do que imagina um holandês. Foi uma experiência surpreendente para mim. Nas montanhas, tempo e espaço amplificam-se sob a ilusão da proximidade. Quem se vale da memória pensa como um holandês em Itália e raramente chega ao seu destino a tempo.

— Como num espelho, mas ao contrário? — perguntei.

— Talvez.

— Os objetos no espelho estão mais próximos do que aparentam.

— Talvez.

— Para holandês não tem sotaque.

— Bem observado, Nino. Foi uma memória que decidi apagar. O sotaque

leva as pessoas a pensar em distância e o que é distante causa receio, mais do que o que é próximo.

Mudou de expressão. Colocou a expressão que diz vamos ao que interessa.

— Gostava de saber porque é que o professor Rousinol desistiu da biografia.

— O professor Rousinol não desistiu da biografia, Nino — respondeu prontamente. — Quem cancelou a sua colaboração foi a mulher.

— A mulher-alga? — encolhi-me como se tivesse dito uma asneira, sido apanhado em flagrante.

— Essa agora, não me parece que a mulher-alga, como diz, tenha qualquer objeção ao seu trabalho — disse com estranha naturalidade. — Referia-me à outra. À legítima naquilo que o direito considera legítima. E eu, convenhamos, ainda sou advogado da família. Se me perguntarem, a legitimidade de uma união está num papel assinado. Não me pagam para fazer considerações sobre legitimidade de naturezas, como poderei dizer, mais românticas.

— Diz-me que foi a mulher de Rousinol que me despediu?

— Assim aconteceu. É ela que está ao comando das decisões de teor financeiro do casal — fez uma pausa. — Está surpreendido, Nino?

Calei-me por momentos. Toda a praça foi acometida por uma sombra. Breves instantes. Um soluço naquele dia luminoso. Olhei em volta como se o instinto me fizesse procurar nas janelas um atirador furtivo que só pelo poder de ter a vida dos outros na ponta do cano da arma seguisse, com a mira, os transeuntes de forma inopinada. Matar aleatoriamente será o poder supremo, pensei.

— Está surpreendido? — repetiu o advogado.

Quando voltei a falar, a voz saiu-me embrulhada. O advogado olhou o relógio de ouro que trazia no pulso. Aquele encontro estava a prolongar-se para lá do que teria planeado. Li-lhe as sobrancelhas.

— Doutor, agradeço-lhe o tempo...

— O tempo, Nino, como lhe disse, não podemos perder tempo.

O advogado estendeu-me um quarto de folha em branco que, dobrada em dois, ocultava uma morada na zona sul da cidade. Tratava-se de um centro de investigação, explicou-me, que de forma zelosa e assídua financiara durante anos os estudos de Rousinol. A biografia, a prosseguir, estaria dependente da vontade destes desconhecidos.

— Sugere que visite o centro? — perguntei. — Como me deverei apresentar?

Franziu o sobrolho e parecia procurar um nome.

— A melhor forma será dizer quem é. Agora, se me dá licença, está na minha hora.

Quando o homem se levantou, apercebi-me de que tínhamos estado sentados na esplanada do café um tempo impreciso, sem que nenhum empregado nos abordasse, como se tivéssemos ocupado os parêntesis do texto denso em que se tornava a praça ao final da tarde.

— Posso fazer-lhe mais uma pergunta?

— Disponha.

— Como se chama a mulher-alga? Ela existe? — quis saber, a medo.

— Claro que existe, Nino.

40.

Umas costas para nidificar pássaros



SENTIA-ME COMO SE ME TIVESSE DESPIDO vezes sem conta à frente de alguém que se comportara todo o tempo como um cego e que, afinal, contemplava demoradamente a minha nudez inexorável. De certa forma, era uma lição que acabava de aprender. Deitara-me com a mulher de Rousinol com o mesmo pressuposto com que atiramos uma bola de ténis à parede. Acreditava que a resposta que obteria seria o resultado da força que exercera, prevendo o arco de réplica a cada embate.

Surpreendi a mulher na cozinha. Tentava abrir um frasco de vidro. Observei-a de costas, onde se lhe desenhava o sorriso de Vénus. Usava o atrito das pontas dos dedos, acomodava a tampa à concha da mão e exercia força sem resultados satisfatórios. Experimentou a intermediação de um pano de cozinha. Esforço inútil. Voltou aos dedos nus. Nada. Sucumbiu de joelhos no chão da cozinha. Lágrimas afluídas e as mãos, caídas sobre o colo, libertaram o frasco que reboiou pela pedra com as sinuosidades dos indecisos até à máquina de lavar.

Aclarei a voz antes de falar, modulei-a, para que não saísse preocupada ou indiferente.

— O professor Rousinol sentiu-se mal durante o passeio, nada de grave, julgo. Mas vou precisar da sua ajuda para o deitar.

— Ele dizia-me que ao fundo das minhas costas poderiam nidificar os pássaros — disse a mulher. Continuava a olhar para as mãos, ainda em concha, prontas a receber um frasco de vidro ou um gesto de auxílio, mas era para mim que falava. — Ao fundo das minhas costas, acredita! — As lágrimas deram lugar a um riso estereofónico nascido noutra lugar e noutra tempo e ali reproduzido.

Deitei-me com a mulher de Rousinol porque me senti seguro da mesma forma que uma mãe não está constrangida ao despir-se enquanto o filho brinca no tapete da casa de banho.

Cheguei a dizer-lhe:

— Eu, tu, isto que aqui fazemos. Achamos que reagimos sem propósito a vontades do instinto, quando estamos atulhados de informação que atua sobre nós como um vírus. Podemos descobrir muitos mistérios, mas dificilmente conseguiremos descortinar as razões por que fazemos as coisas.

Estava deitado sobre o cotovelo e ela permanecia de pé, ao fundo da cama. Rousinol dormia a sesta na divisão contígua, o braço caído em direção ao tapete, mantendo os olhos abertos, os que devolvem ao mundo o que o mundo lhes dá. No quarto dos arrumos para onde se atiram as coisas que nos envergonham, os passados vexatórios, falávamos em voz baixa.

Nesse dia, o cigarro teimava em não acender — só à terceira tentativa — e a mulher de Rousinol caminhava à minha frente, nua e de saltos altos. Caminhava até uma parede — a que está coberta por papel com vagens amarelecidas —, voltava-se, e caminhava até à janela. Experimentava sapatos, fazia-o com uma certa ordem, que não me apeteceu compreender. Por vezes abraçava-se e esfregava os ombros. Tinha a pele arrepiada de frio, apesar do verão e das temperaturas que deitavam fogo ao mato, como se estivesse arrefecida de dentro para fora.

Observei-a e pareceu-me tão cega que continuei sem receios:

— O chiar de carris ou uma locomotiva cansada que prolonga a espera do comboio na gare faz-me levar a mão à algibeira em busca de um maço de tabaco. Faço-o para afastar o sabor a estrume que me cresce na boca nesse momento.

Olho a porta da carruagem do comboio, na esperança de descobrir Camilo, vindo de outra divisão, a deitar fumo como os paquetes de Génova. E, ao anoitecer, enquanto uma família janta encaixilhada na fachada em frente, perscruto o passeio do outro lado da rua à procura de uma puta alumiada por um candeeiro público.

Ela hesitou junto ao roupeiro. Descalçou um dos pés.

— Não há como escapar — continuei. — As memórias chegam à boleia dos acontecimentos, ao ponto de serem inseparáveis deles, como um músico que perde a audição e continua a compor. Tu, que és professora, deves saber do que falo.

— Não sei.

— O compositor alemão Ludwig van Beethoven perdeu a audição ao longo de três décadas, mas, no final da vida, tinha memória auditiva para compor.

— Acho que sim.

— A memória faz-nos mexer os dedos nas teclas do piano, mesmo que a melodia já tenha desaparecido há muito tempo. Já tenha desaparecido há anos.

— Não sou grande coisa como professora de música.

Pensei na maldição daquela mulher, a maldição de só ser admirada de costas. Ela voltou ao movimento pendular, trocando outra vez de sapatos — agora, com umas sandálias de salto fino e correntes sobre os tornozelos. Tranquilei-me, puxando o fumo do cigarro, e arredei o lençol para descobrir as pernas. Os meus esteios de velho, dilatados pela temperatura,

desafiavam-me. Como é que aquela mulher tinha frio com todo aquele calor era coisa que eu não conseguia entender.

A árvore genealógica do Universo



A MÚSICA CLÁSSICA E AS JOGADAS DE XADREZ compunham um mesmo par de dança que, em harmonia, conquistava o palco mental do avô Rousinol. Esta relação — música e xadrez —, tão dependente como os dois lados de uma folha de papel, tornou-se ainda mais notória com o agravamento da doença do velho Rousinol. Os compassos de marchas, árias, sinfonias eram o mote para lances de bispos, avanços de cavalos ou capitulação de torres, não havendo lugar para arranjos espontâneos ou improvisação. O Sete sabia que, depois de Tchaikovsky, a rainha teria de morrer e que na sombra de Ravel avançaria o rei, como sabia que depois de uma chuvada o ar fica impregnando do cheiro a terra ou que para provocar um desmaio basta uma pedrada no cimo da nuca. Para o Sete, estas análises silenciosas, a partir do soalho do escritório do avô enquanto coloria a lápis figuras infantis, estavam prestes a dar resultados.

O avô Rousinol observou o neto, sentado à sua frente, de soquetes caídos sobre os atacadores. Estavam os dois em silêncio, até que o avô disse:

— Hoje vamos dar-te um nome.

A concretização daquela proposta pareceu-lhe, no imediato, um quebra-

cabeças — ao nível da compreensão do Cosmos —, mas estava satisfeito com a sua decisão. Como o Sete não reagiu, o que espantou o avô Rousinol que esperaria pelo menos um breve esgar de contentamento, o velho pensou em contar-lhe uma história para que ele entendesse a complexidade que atribuir nomes às pessoas encerra.

— O mundo morrerá por excesso e não por carência, Sete — aclarou a garganta, antes de prosseguir. — A natureza, exibindo a sua prodigalidade, criou muitos mais elementos do que os que verdadeiramente utiliza. Imitando a natureza, o homem, ao longo dos anos, multiplicou vocábulos e inventou nomes que se mostram inúteis e redundantes. Para compreenderem a natureza, os estudiosos começaram a desenhar a árvore genealógica do Universo, agrupando em famílias as partículas que aparentavam ter alguma função. Consideraram a esperança média de vida de cada corpo um critério para organizar o Cosmos. Como no frigorífico da cozinha da avó, onde os alimentos estão divididos por categorias, mas também por prazo de validade. O tomate convive com o pacote de banha, como um grão de luz, verosimilmente eterno, interage com partículas cuja duração é medida em bilionésimos de segundos, o equivalente ao pestanejar do Universo.

O avô Rousinol, ele próprio, pestanejou e várias partículas se extinguiram naquele momento.

— A nossa primeira árvore genológica é feita de quarks, eletrões, fótons... — O Sete começou a baloiçar as pernas, mas não desviou a atenção do avô. — Ora bem, não te vou maçar com esta enumeração fastidiosa. São famílias com mais elementos do que a descendência bíblica do primeiro homem e da primeira mulher. Só com perícia se reduziu o Universo a um número tão razoável de nomes. Séculos de estudo. Cada vez que apareceu uma nova partícula, os cientistas tentaram encaixá-la nas famílias existentes e, na dúvida, atribuíram-lhe uma designação provisória, como uma letra ou um número.

— Como sete? — perguntou o Sete.

— Como sete — assentiu o avô. — Todos se puseram de acordo com um princípio: era preciso domar a natureza, criar grupos e reduzir a árvore genológica do Universo às suas ramificações mais fecundas. Só assim o poderiam compreender. Viram nisso um exercício de sobrevivência.

O avô levantou-se da cadeira e caminhou até ao fundo da sala, parando junto à estante. Varreu com os olhos as lombadas dos livros, parecia procurar alguma coisa.

— A nossa família fez o mesmo ao longo de gerações — disse, ainda de costas para neto. — Cada criança do sexo masculino que nasce recebe o nome de um parente morto. Aqui está — na mão, trazia um álbum de fotografias. — Donato, Heitor, Iago, Camilo e Sidre — apontou — são os nomes dos meus cinco netos, teus primos, mas também os nomes do meu pai, avô, tio-avô, bisavô e trisavô, cujo pai se chamava Ítalo, como eu. Os filhos dos meus netos terão os mesmos nomes e assim irá acontecer com os filhos destes. Percebes, agora, porque é que não é fácil dar-te um nome?

O Sete acenou afirmativamente com a cabeça. Percebia o que o avô lhe queria dizer e pretendia ajudá-lo. Saltou da cadeira, atravessou a sala, pisando a tapeçaria que lhe amorteceu os passos, e retirou da estante um tabuleiro de xadrez, que colocou em cima da mesa de apoio ao lado do cadeirão de braços.

— Se vou ter um nome, quero merecê-lo — explicou.

O velho observou os gestos do neto sem nada dizer, mas pensou que eram gestos adultos, por transmitirem firmeza, ou absolutamente virgens, por não transparecerem o receio que só se ganha com a idade e com as derrotas. O Sete dispôs as peças de xadrez no tabuleiro e, antes de avançar com a primeira jogada, dirigiu-se ao gramofone e sobre o prato colocou um disco.

A «Marcha Radetzky» galopou pela divisão quando avançou o cavalo. O velho Rousinol reconheceu o lance, que, ao surgir no início do jogo, ameaça peões e desguarnece bispos necessários à finalização da estratégia do

adversário.

— Quero chamar-me Jorge — disse o Sete.

— Jorge — repetiu o avô. — Assim seja.

Purgatório entre o mar e o céu



NA PAREDE, HAVIA TRÊS QUADROS. Uma litografia de Escher que representava uma das construções impossíveis do artista holandês, uma fotografia a preto e branco dos tornozelos de uma mulher, afunilados até aos sapatos pretos e atados por um arame vermelho, que colonizara a fotografia como um povo invasor, e um logótipo do laboratório numa moldura de acrílico. Os tornozelos da mulher eram-me vagamente familiares.

Sentei-me na única cadeira da sala de espera, à frente da porta trancada. Do intercomunicador da ombreira provinha uma ária que o avô Rousinol usaria para a capitulação da rainha. O ar enchia-se com o odor do barro do rio que os guerreiros da Papua usam para cobrir os corpos e moldar focinhos e chifres de animais antes do ataque.

— São comuns esses surtos, senhor Nino? — perguntou-me o investigador que me foi buscar à sala de espera. Indicou-me um lugar do outro lado da sua secretária. Os dedos das mãos uniam-se por membranas largas. Achei que poderia planar entre os blocos das construções de Escher como os sapos na canópia.

— Só quando o pensamento veste as roupas ao contrário. A realidade para

dentro, o sonho para fora. Tem-me acontecido mais frequentemente.

Era o caso. Estava aterrorizado, mas nada no meu comportamento ou expressão denunciava o meu terror. Apenas as minhas orelhas continuavam a sintonizar aquela ária fúnebre que emergia das paredes e o olfato era tomado pelo prenúncio de guerras tribais.

— Sente-se em perigo neste momento, à beira de um ataque?

A ária foi interrompida de súbito pelos rufos de tambores do exército.

— Metaforicamente. Como se vivesse de olhos abertos aquilo que se vive comumente de olhos fechados.

Entrelacei os dedos sobre o colo, envergonhado por me expor à frente de um estranho virado do avesso. O investigador apercebeu-se do meu constrangimento e sugeriu:

— Venha daí, vou mostrar-lhe as nossas instalações.

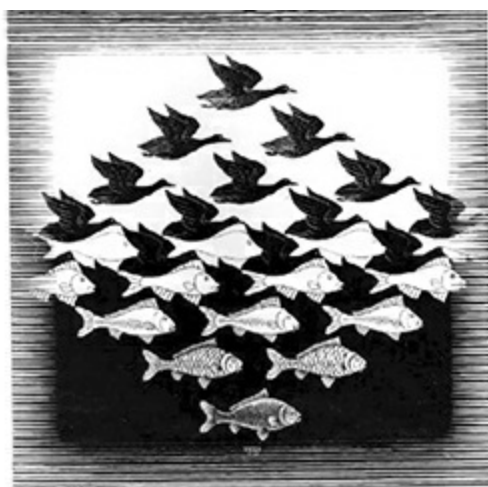
Seguimos por um corredor comprido e iluminado com várias gravuras na parede do lado direito. Todas de Escher. Na parede do lado esquerdo, sucediam-se portas fechadas perfiladas como soldados. Para afugentar o som das botas na parada, entabulei conversa sobre as litografias.

— Não é decoração, senhor Nino — corrigiu-me o investigador. — Escher é uma referência para quem estuda e manipula a memória. Ele foi capaz de representar um espaço, que é tridimensional, num plano bidimensional, como uma folha de papel. Durante demasiado tempo achou-se, erradamente, que as memórias eram revividas como uma narrativa linear bidimensional, mas viemos a descobrir que as memórias, como o mundo, são tridimensionais.

Antes, estudava-se a memória como uma criança que desenha uma casa com a chaminé fumegante, prosseguiu o investigador. A casa está habitada, mas pouco sabemos sobre o que alberga. Agora, sabe-se que as memórias têm volumetria, cheiramos o fumo que provém da lareira, distinguimos se é pinheiro ou carvalho o que arde entre brasas e se há alguma panela de caldo

ao lume.

Parámos em frente à figura de um losango formado por peixes e aves. Os peixes multiplicavam-se a partir da base da figura, as aves a partir do topo. Diluíam-se a meio, criando representações distorcidas num purgatório entre o mar e o céu. Na passagem entre os dois mundos, os peixes perdiam detalhe e os pássaros ganhavam relevo.



— Peixes, aves, homens são criados a partir de uma malha de polígonos, de tal forma envolvidos que não se podem mexer. Aprendemos a fazer às memórias o mesmo que Escher faz com as formas, aprisionando a sua tridimensionalidade na bidimensionalidade linear de uma narrativa para as podermos eliminar.

Comecei a ouvir vagas a formarem-se ao longe e um canto de sereia atrás das portas. Quando o investigador rodou a maçaneta e revelou o interior de uma sala de vidro, encolhi-me para me proteger da rebentação das ondas.

— Ora aqui estamos. Este é o nosso laboratório de testes.

Estávamos no centro de um cubo de acrílico pretingido por um complexo labirinto de condutas repletas de ratos. Os animais circulavam num grande aparato em nosso redor. Cobriam as paredes e o teto. De tempos a tempos, os tubos eram atravessados por uma força que engolia os animais através de uma

porta automática. O sistema fazia ressoar agudos que permaneciam nos tímpanos depois de os ratos desaparecerem. Poucos segundos depois, o labirinto estava novamente repleto de roedores que tornavam a ser aspirados.

— Podem ser aspirados vezes e vezes sem conta que nunca sentirão receio de ali estar — disse o investigador. — Apagámos-lhes a memória de curto prazo.

— Como é que fizeram isso?

— Uma ligeira lobotomia, muito pouco invasiva — explicou.

— Arrancaram-lhes parte do cérebro?

— Preferimos a expressão adormecimento de determinadas funções. Os ultrassons já resolvem a maior parte das nossas necessidades.

— E eles voltam aos túneis, sem se lembrarem de nada. Extraordinário! — constatei. — Tão afoitos como o homem que, ao longo de séculos, tem percorrido os mesmos túneis abertos no mundo.

— Sim — concordou —, as multidões já têm a bênção do esquecimento, são como estes ratos, por isso, de alguma forma, dizemos que a História se repete. As guerras repetem-se, com outros intervenientes é certo, mas repetem-se. Os partidos do chamado «arco da governação» alternam porque, comenta-se, o povo esquece depressa. A ciência já validou estes desabafos empíricos. A memória coletiva é, não há outra forma de dizê-lo, manipulável. Com o ser humano, individualmente, é mais complexo. Temos tido alguns reveses.

Voltei a observar o espaço. Tratava-se de uma configuração invulgar para um laboratório. O visitante posicionava-se no centro da sala e era, no imediato, envolvido pela matéria laboratorial que o rodeava. Testemunhava a ubiquidade da ciência onde quer que pousasse os olhos. Poderemos falar de uma emboscada? Em certa medida, aquela sala era uma armadilha ao difundir apenas uma visão sobre o conhecimento. O mesmo faz a Igreja com os seus lugares de culto forrados a santos, que, a partir dos seus nichos nas paredes ou

das imagens pintadas nos tetos, confirmam a onnipresença da fé. Como se nos dissessem que não há escapatória.

— Rousinol participou nesta investigação? — perguntei.

— Como lhe disse, com o ser humano, individualmente, temos tido alguns reveses.

Maripá não é nome de mulher



MARIPÁ. ASSIM SE CHAMARIA a mulher-alga de Rousinol. A mancenilheira, árvore mais tóxica do mundo, na opinião da mulher legítima do professor. De nacionalidade brasileira, garantiu-me o advogado.

— Se é uma brasileira a viver em Florença, a Rosário conhece-a de certeza — assegurou Silvana. — A Rosário conhece toda a população brasileira da cidade, não há que enganar.

A Rosário é natural de Manaus, que significa mãe dos deuses, uma das portas de entrada para a Amazónia, mas já vive em Florença há mais de vinte anos e montou um restaurante atrás do Mercado de San Lorenzo, onde os cheiros do mundo — o açafão, a muamba, a castanha frita — se abraçam numa dança que sobe até aos estendais.

— Maripá não é nome de mulher — Rosário largou uma gargalhada rouca, como se há muito presa na garganta à espera de ser libertada. — É uma enseada. Enseada de Maripá. Um tesouro.

Os barcos parados esperam a hora da pesca. Lavadouros a dois metros da margem, um leve odor a sabão e um labirinto ligeiro de árvores de copa vistosa e larga, rentes à água, que na estação das chuvas ainda têm os seus

troncos submersos. É abrigo de aves de rabo longo e bífido, que batem as asas frenéticas e largam sons estridentes.

A ondulação lenta embala, como embala a rede onde se dorme, à mercê do vento noturno quente e perfumado, dos sons da selva.

Os sons da selva, no pico da madrugada, parecem um conjuro, os gritos de um sacrifício, com barulhos de animais sobrepostos que, envolvidos pelo vento, se transformam numa prece única. Sobre põe-se o guincho do macaco grande que sacode a noite. E cala por momentos tudo o resto.

Acordar, e ver o nascer do sol, em Maripá dá vontade de aprender uma qualquer oração. Percebemos a presença da Igreja naquelas povoações. Nascidos e criados, todos abrem a boca de espanto — nem que por breves instantes — a cada nascer do dia.

— Se essa mulher se chama Maripá, pode levar à conversão — resumiu. De seguida, puxou o braço atrás e separou a cabeça de uma galinha do resto do corpo, como se rachasse lenha.

Conhecer os hábitos do inimigo



O HOMEM ESTÁ MAIS BEM PREPARADO PARA DAR do que para receber. O mesmo se passará com o corpo do homem. Fiquei sem um rim e dois dias depois já me punha em pé e dava vinte passos sem auxílio. Camilo recebeu um rim e passou semanas com febres altas, transitando entre estádios de inconsciência e delírio, sem se conseguir levantar da cama do hospital.

A única janela do quarto no piso térreo dava para um logradouro que adoentava a luz do dia, por mais luminoso que este estivesse. Era ali que depositavam os resíduos hospitalares. Eu pensava que as compressas tingidas de sangue e as agulhas eram imediatamente incineradas. Descobri, sentado na única cadeira disponível no quarto, que, entre serem depositados nas traseiras e serem levados, os detritos do hospital ainda ficavam um par de dias ao ar livre, a espalharem a sua dose de doença pelo mundo.

A maior parte do tempo Camilo estava apenas ali. Os médicos mantinham-no sedado e alimentado por tubos. Há poucas coisas indispensáveis à vida que não possam entrar e sair do organismo através de tubos — ar, água, nutrientes, antibióticos, excrementos. Foi uma das lições que tirei da minha permanência no hospital.

— Os beijos não podem. Nunca se ouviu falar de beijos entubados — corrigiu-me a enfermeira que aparecia duas vezes por dia para mudar a fralda de Camilo. Impressionava-me que alguém pudesse falar em beijos enquanto embrulhava fezes. Nessas alturas, ausentava-me do quarto porque Camilo nunca me autorizou a entrar na casa de banho enquanto estivesse sentado na sanita.

O pessoal do hospital via-me como um pinga-amor e por isso aborreciam-me com observações do tipo os beijos não podem ser entubados. A informação de que dispunham corroborava essa imagem. Estava há uma semana aos pés do leito do homem a quem tinha acabado de doar um rim, sem ir a casa.

Punha a roupa a lavar na lavandaria do hospital, naquelas máquinas de moedas em frente às quais tricotavam mulheres de meia-idade com gatos ou revistas de receitas no colo. Confirmei. Nenhuma aguardava notícias de um familiar, nem de algum conhecido internado. Garantiram-me que a lavandaria do hospital era a mais barata do quarteirão e por isso a frequentavam quase diariamente. Desconfio que queriam manter a doença e a morte por perto como um soldado prefere conhecer os hábitos do inimigo antes da batalha derradeira. Estou à espera da minha vez, informavam-me, com um braçado de napperons e de fronhas e de medos junto ao peito.

Dois ou três dias depois do transplante e já tinha entrado na rotina. Lavava-me no duche do corredor, depois dos banhos dos acamados, e comprava comida na vending machine. Levantava-me da cadeira a cada meia hora, debruçava-me sobre Camilo e rodava o pescoço, como se oferecendo os ouvidos para uma confissão. Era a minha maneira de confirmar que ele respirava. Voltava depois à cadeira e à minha vigília.

O pessoal do hospital, principalmente as enfermeiras, confundia este meu comportamento com devoção, amor verdadeiro — a expressão é delas. Passaram a trazer-me presentes, pequenos agrados, café fresco — em vez

daquele queimado da máquina do corredor — e jornais desportivos. Agradecia. Não tinha paciência para argumentar que o meu interesse pela liga italiana de futebol era inexistente e também não lhes poderia explicar porque estava tão empenhado em manter-me aos pés da cama de Camilo. Acabei por encontrar uma utilidade para os jornais desportivos, assinalando a lápis os erros gramaticais e de sintaxe das notícias.

Numa das transversais de Oltrarno, as raízes de um plátano cingiam o acesso às escadas da discográfica Madmass, que ficava numa cave por baixo de uma loja de ferragens. O prédio, embargado por dívidas, foi demolido no início dos anos 90, e aproveitaram o terreno para erguer escritórios de contraplacado provisório a que agora chamam coworking. A nova finalidade contraria as razões por que, a meio da década de 80, nos íamos esconder à Madmass. Os álbuns americanos pingavam ali com alguma regularidade, apareciam um mês depois de saírem no mercado original. O dono tinha uma prima que vivia em Jersey e enviava os vinis entre roupa interior ultrapassada e lençóis sujos, para dissuadir os homens da alfândega. Os originais eram um esbulho — pegar ao largo — e saíamos lisos com os discos de capas reviradas nas pontas e um leve odor a intimidade debaixo do casaco. Bati punhetas a pensar na prima do americano e a ouvir os Cure. Na minha cabeça, era ruiva e usava graxa para tapar os mamilos. Vamos ao americano — era assim que dizíamos.

As janelas da Madmass, à altura do passeio, filtravam grande parte da luz do dia e o americano travava a restante, pendurando panos pretos nas caixilharias. Vindos do exterior, cegávamos por alguns segundos como se estivéssemos a entrar no útero da contracultura. Estirávamo-nos durante horas em sofás encontrados no lixo e fazíamos cópias dos discos num velho aparelho de cassetes, que o americano revendia a metade do preço. Sempre que comprávamos alguma coisa, o americano incluía uma comissão de roubo

para amortizar o que púnhamos ao bolso sem pagar.

Na Madmass também encontrava público para a minha poesia, à qual me dedicava com incauta ingenuidade e muito afínco nesses anos. Os frequentadores rondavam, na maioria, a minha idade e tinham tempo e drogas em abundância. Mas o mais atento era um artilheiro na reserva que combatera na Segunda Guerra e que, por lá, perdera o dedo mindinho da mão direita ao tê-lo enfiado no cano da espingarda de um francês. Até lhe enfiava o dedo no cu se isso me garantisse que ia ter mais uns anos para mamar cervejas, dizia. Chamava-me «poeta», o que me caía bem, e foi o primeiro a ouvir os versos sobre a morte do Curtis que publiquei na Prezzolini.

— Tens tempo? — perguntei-lhe.

— Ó rapaz, tu sabes quanto tempo é que um militar passa, durante toda a vida, a engraxar as botas? Ora faz lá as contas. Vinte e sete segundos, cinco dias por semana, sete se estiver incorporado.

Abri a revista e li. Mais tarde soube que, ao balcão, Camilo escutava a leitura e pensava que cabrão!. Perguntou ao americano quem eu era e seguiu-me pela margem do Arno com um exemplar da Prezzolini no bolso do casaco-cristaleira. Um esgar de troça a morrer-lhe no canto dos lábios. À saída da loja, ainda pagou o vinil do Curtis que eu entalara, sem grande habilidade, no cinto das calças, debaixo da camisa.

— Compreende agora porque estou aqui? — quis saber.

O rosto da enfermeira iluminou-se. Estávamos no pátio, junto ao lixo hospitalar. O único local onde se podia fumar com privacidade em todo o edifício. Ela estendeu-me o maço que guardava no bolso da bata, junto a uma pagela de Nossa Senhora de Lourdes, protetora dos protetores. Enquanto fumávamos conseguia controlar a respiração de Camilo através do vidro da janela.

— Está aqui por amor, ora essa. A vossa história é muito bonita —

respondeu.

— Não, você não percebeu nada — abanei a cabeça. — Estou aqui porque tenho de me antecipar por uma vez. Tenho de controlar a situação, por uma vez. — Apaguei o cigarro com o pé a poucos centímetros de uma poça onde boiava o corpo decapitado de uma seringa. — Quando Camilo despertar, abrir os olhos por completo depois de um breve pestanejar, serei eu o primeiro a falar para lhe dizer acabou.

O relógio que vindima homens



NUM EXERCÍCIO CATÁRTICO INÉDITO A MEUS OLHOS, Rousinol sentou-se no bar e emborcou três copos de aguardente de seguida. Não saciado, puxou da garrafa de whiskey da algibeira, verteu o líquido e fê-lo desaparecer pela goela num trago. — Tenho de me preparar para o duelo de amanhã — disse ao transpor a porta do bar. — Amanhã jogo xadrez, hoje bebo.

Aquele lugar soturno tinha a resignação do purgatório. Os homens encostavam a alma às garrafas, falavam com as mãos pousadas nos gargalos, com gestos assustados de naufrago, e no chão vindimavam beatas. Comportavam-se como se todos os dias empurrassem os ponteiros do seu próprio relógio na direção da eternidade. AQUI, ESPERA-SE — poderia ser o aviso sobre o balcão, ao lado do calendário do ano transato e das garrafas poeirentas, em vez do corriqueiro FIADO SÓ PARA PESSOAS COM MAIS DE 90 ANOS ACOMPANHADAS PELOS AVÓS.

Atribuí o nervosismo do professor Rousinol mais ao regresso à casa de infância, ao seu passado, do que à perspectiva do duelo na manhã seguinte com o campeão de xadrez da Galiza. O taxista sem pescoço entrou no bar e deu-me razão. Dirigiu-se à nossa mesa sem hesitações, como se a notícia da

nossa presença tivesse exsudado para fora das paredes do bar, atraindo-o. Aproximou-se e, batendo com os nós dos dedos na madeira, regozijou-se:

— Meu sacaninha — disse, dirigindo-se a Rousinol —, vais continuar a fingir que não me conheces?

— Não o conheço — respondeu o professor com voz tépida.

A cara do taxista ganhou uma vivacidade imprecisa e desorientada. Levantou os olhos e sentiu-se fortalecido pela curiosidade da assistência. Os homens tinham parado de falar e observavam-nos agarrados, cada um, aos seus ponteiros do relógio (pelos quais iriam ser tolhidos porque é da condição do tempo pisar homens, extrair-lhes o sumo como se faz com as uvas no lagar).

— Chamo-me Camilo — sentado ao meu lado, Camilo estendeu a mão, que o taxista apertou com energia. — Não me apresentei devidamente. Sou sobrinho do professor Rousinol.

— Este sacaninha é o teu tio? Então, então, és o filho do atrasado — disparou o homem. — Muitos pontapés dei na cabeça do teu pai, caraças!

Fiquei confuso, mas Camilo percebeu de imediato o que lhe dizia o taxista sem pescoço. Fazendo uso da espontaneidade com que revivemos memórias felizes, das que unem os cacos em que nos tornamos com o passar dos anos — o que haverá de mais poderoso para tornar um homem inteiro do que a redescoberta de um esconderijo de infância onde perseguiu uma bola ou espreitou uma vizinha a lavar-se num alguidar? —, o homem acabava de confessar a Camilo que pontapear o pai dele era das melhores recordações que levaria para a cova. Como isso acontecera, com detalhes vexatórios precisos, era o que em breve descobriríamos.

O taxista sem pescoço puxou de uma cadeira, pronto para contar a sua versão dos acontecimentos. Rousinol não ficou para ouvir e saiu pela porta traseira do bar.

Como as trepadeiras, suportar a vida no outro



CAMILO CRESCER COM DUAS PERGUNTAS a atormentá-lo. Porque é que, antes de morrerem, os adultos passavam longos meses deitados no quarto a descansar seria uma dessas perguntas. O pequeno Camilo não compreendia a necessidade de repouso de quem se aproximava do fim da vida, uma vez que a morte, como o seu tio Jorge lhe dizia, era um imenso lago onde boiaríamos de barriga para cima sem qualquer esforço. Nesta perspetiva, o descanso prévio parecia-lhe desnecessário.

Outra pergunta que o assolava tinha a ver com a ausência total de superfícies pontiagudas ou cortantes em casa. Porque é que não havia um vértice que não estivesse protegido, uma faca que não tivesse a extremidade curva, um espelho ou uma janela quebráveis — a preocupação da família ia para além das formas originais dos objetos, estendendo-se às mutações que poderiam sofrer perante a ação humana. Para as perguntas de Camilo os adultos tinham uma mesma resposta: por causa da doença do teu pai.

A doença do teu pai foi a expressão que, com os anos, começou a designar por comodidade um acontecimento de extrema violência a que o pai de

Camilo foi sujeitado na infância. Falava-se em doença apesar de o termo certo dever ser acidente, porque uma doença é qualquer coisa que cresce no interior de um organismo e um acidente é aquilo a que o organismo é submetido. O tio Jorge não foi alheio a esta apropriação de vocábulos pela família.

O pai de Camilo chamava-se Camilo e esse fardo, o nome, era dos maiores desgostos calados do rapaz. Porém, acalentava que, herdando-lhe o nome, esgotava ali as obrigações filiais de hereditariedade. Depois do acidente, o cérebro do pai de Camilo começou a urdir contra ele, o que por si revela pobre estirpe e, como tal, fraca herança para oferecer ao filho.

Quando Camilo pensava no pai, pensava numa trepadeira que cobre devagar uma parede. Apesar de ser mais frágil do que a pedra de que a parede é feita — e a doença do pai tornava-o fraco e incapaz —, a trepadeira no seu processo lento de crescimento parasita a parede. O pai, como as trepadeiras, suportava a sua vida no outro. Não era, porém, a dependência do pai face aos restantes — que o fazia, por exemplo, tinir uma campainha sobre a cabeceira para que lhe trouxessem o bacio — que mais incomodava Camilo. O seu desprezo, o mesmo que dedicamos a um animal tihoso que não respeita o dono, devia-se à capacidade de eliminar outros hospedeiros que Camilo reconhecia no pai, enrolando e sufocando todas as plantas que queriam crescer à sua volta.

Camilo não compreendia, por exemplo, a falta de gratidão que o pai demonstrava em relação ao seu tio Jorge. O abismo intelectual que os separava era evidente, até aos olhos de uma criança. Jorge, talvez pelo orgulho que lhe provinha do nome — ser Rousinol era, por si só, razão para preservar uma certa soberba —, sempre lutou para manter uma boa imagem pública do pai de Camilo. Uma imagem, poderemos argumentar, que não maculasse a tradição intelectual da família. Uma vez por semana, sempre à quarta-feira, Jorge sentava-se aos pés da cama do pai de Camilo e lia-lhe o artigo científico

que, em seu nome, enviaria para algumas das revistas de especialidade mais credíveis a nível mundial. Muitos acabavam por ser objeto de publicação, alguns elogiados e citados em convenções de médicos. Quando algum prémio ou reconhecimento exigia a presença do pai de Camilo, era Jorge que o representava, dedicando-lhe sempre uma palavra elogiosa, quase estranhamente reverencial.

Todas as semanas, a cada parágrafo lido e por baixo das cobertas, o pai de Camilo, fazendo-se valer da força que parecia ter reunido ao longo dos últimos sete dias, pontapeava o intruso. Fazia-o em silêncio, mas desenhava no rosto um esgar de terror que só poderemos atribuir a um surdo-mudo. Jorge ganhou com o tempo a competência de ler de forma pausada, articulando cada palavra com um desenho exagerado de lábios, indo ao encontro das falhas de audição do seu interlocutor.

Camilo observava o conjunto — o pai ofensivo e o tio solícito — a partir da porta. Observava de uma forma que não é pesada para quem é observado e, por isso, na maior parte das vezes Jorge Rousinol nem dava pela sua presença. Com o tempo soube domesticar a expressão para não refletir os seus verdadeiros pensamentos. Aprendeu a distender o rosto, a relaxar os músculos, a comportar-se com um rapazinho prestável e discreto, ludibriava os incautos, fazendo imergir a corrente violenta que o atravessava num mar chão que tolhe banhistas despreocupados. O pai, porém, sabia a verdade porque, ao contrário dos outros, sentia o peso do olhar do filho. O olhar do filho amesquinhava-o, era mais pequeno, menos homem, quando o filho o observava.

Camilo passou a amaciar a expressão depois de uma noite sonhar que o seu tio Jorge o levava daquela casa. Sabia, no seu íntimo, que isso só ocorreria se o pai morresse. A ideia talhou-lhe um sorriso rasgado na face, um sorriso involuntário que o habitou desde essa noite. Não o poderia confessar, porque a família Rousinol sempre refutou com veemência qualquer género de certeza

que não fosse filha da lógica, mas considerou aquele sonho uma espécie de premonição. Com o pai na cama, na sua perpétua doença, não poderia comportar-se como um estandarte de satisfação e teve de domar os sentidos. Começou a andar como um quadro pintado que sob a primeira camada de tinta ocultava uma composição mais valiosa.

Passaram alguns anos, não muitos. O pai, fazendo-lhe a vontade, foi deitado num esquife de carvalho maciço — o tio Jorge mostrou-se de bolsos fundos — que apesar de ter duas asas, por onde os homens da funerária o levantaram, não consta que voasse ou que tivesse a anatomia das boas balsas que navegam com leveza no lago da morte.

Sobre a vencibilidade de um pai



O TAXISTA SEM PESCOÇO CONTOU A SUA HISTÓRIA sem denunciar qualquer arrependimento ou peso na consciência, como se a maldade fosse uma entidade estranha que o frequentava fora da sua vontade como uma prostituta é frequentada por homens e se livra deles passando uma toalha molhada nas partes íntimas. Ouvindo o taxista sem pescoço, Camilo compreendeu, finalmente, o ódio que o pai suportou em relação ao seu tio Jorge. Um ódio que lhe pareceu demasiado grande para caber dentro de um único corpo.

A notícia da visita do tio e do primo Camilo chegou pela boca da avó Rousinol, quando o Sete — nesse tempo ainda era o Sete — vestia um calção de banho para ir mergulhar ao riacho. Dia quente, vento linear e abafado que cristalizava as coisas. O Sete ouviu a mulher com uma atenção vaga, pelo menos foi assim que a avó interpretou a reação alheada do neto.

Está quente, um caldo que coa qualquer energia mesmo ao rapaz mais espevitado, pensou a mulher, não atribuindo alarmismo à falta de entusiasmo da criança. Chegam ao início da noite, precisou antes de se recolher à sombra da cozinha, no último comboio. Hoje terás companhia para as tuas

brincadeiras depois do jantar, divides a cama com o teu primo Camilo, sentenciou.

O Sete entrou em casa e dirigiu-se ao seu quarto, despiu o calção de banho e vestiu uma calças de tecido leve e confortável. A razão por que o fazia era simples: as calças, ao contrário das bermudas de banho, tinham bolsos onde poderia armazenar pedras. Consciente de que se tratava de um evento singular, provavelmente irrepetível, caminhou nessa tarde ao longo dos carris com especial atenção ao cascalho e, antes da bifurcação para Tui, já tinha as algibeiras repletas de tesouros escolhidos a dedo, que respeitavam a volumetria e o percentil ideal para a tarefa que se adivinhava.

Chegou ao campo de batalha quando os tons quentes do entardecer queimavam as copas das árvores. Divertiu-se a pensar que a vermelhidão das folhas pudesse não ter como origem a radiação eletromagnética fornecida pelo Sol, mas antes o rasto deixado pela nova arma dos americanos — o napalm. Ao contrário do petróleo ou da energia solar, esta nova arma não estava disponível na natureza e era fruto da inteligência do homem, da sua capacidade de juntar elementos e torná-los — em conjunto — mais poderosos.

O passo seguinte foi evidente: tratou-se de mobilizar o seu exército. Fê-lo com a maior das facilidades, assobiando três vezes e, após uma pausa, uma quarta vez mais longamente. Era este o sinal, que na guerra é dado por mil tambores e mil clarins a refoharem o medo das tropas. O Sete viu os arbustos ganharem movimentos de gente e os miúdos a saírem dos esconderijos como animais de pelo curto e de dorso flexível. Perfilaram-se à sua frente, entre os carris, mais de dez, camuflados pela mendicidade e pela falta de comando. Eram uma arma potente, mas inútil sem um operador. E ele, Sete, seria o operador daquela arma. Não sentia pelos miúdos qualquer simpatia e nunca poderemos considerar que o que os ligava teria qualquer semelhança com o que se entende comumente por amizade. Eram um recurso, como as pedras

eram o seu recurso, porque naquela altura e ao longo da vida sempre viu nos objetos e nas pessoas um meio, uma intermediação, para realizar os seus desejos. A dependência que soube fazer crescer a cada emboscada, a cada soldo que recusou em favorecimento do grupo, tinha simplificado a consciência moral dos miúdos que agiam apenas balizados pelo espectro da lealdade.

Reunidas as forças, que tinha ao dispor, era altura de executar o plano. Tornava-se evidente que Camilo, o primo que subsistia com nome próprio, teria de ser atraído para o seu território, o seu campo de batalha, onde se mostraria desguarnecido e vulnerável, observado de cima pela sua pontaria. A arquitetura do que se seguiria exigia-lhe engenho: primeiro, criaria um perigo sem origem precisa; depois, e pelo medo, garantiria um movimento numa direção específica; finalmente, e por intermédio do seu exército, procederia à emboscada e ao ataque.

Escolheu o filho do taxista, rapaz de tez escura e sem pescoço, para esperar a chegada do último comboio na estação e, recorrendo aos meios que entendesse apropriados, garantir que o tio e o primo optariam pelo caminho mais curto que atravessa o vale, sem o contornar. O caminho que colocaria Camilo debaixo do seu ângulo de visão e à distância do impulso do seu braço. Apesar de o filho do taxista estar nos antípodas do que o Sete pudesse classificar como um ser inteligente, tinha por instinto as competências necessárias para executar a missão, sabia manipular o medo. O filho do taxista sabia que, amedrontando na dose certa, obteria a reação na dose certa.

Subiu à árvore e esperou, amaciando a fazenda das calças e sentindo o volume das pedras nos bolsos. Previa que, dentro de alguns anos, olharia para aquele momento com invulgar orgulho ou invulgar vergonha, mas com a consciência de que, fosse no que fosse que se tornasse, seria um substrato da decisão que tomara nessa noite.

Já com as pernas dormentes, acomodadas a um ramo mais sólido, e com a

orla da mata transformada num único corpo enegrecido pela noite — um corpo do qual provinham sons atormentados e por isso humanos —, o Sete confirmou a boa execução do seu plano. Na ladeira mais alta divisou dois vultos contornados pelo horizonte, um adulto esguio e outro pequeno, uma criança que procurava conforto na mão do mais velho. Caminhavam depressa, mas com hesitações, a apalpar os perigos da mata.

Os miúdos obedeceram às instruções prévias do Sete com surpreendente exatidão. Infligiram o sofrimento necessário para atordoar o adulto, mas deixaram a criança entregue ao terror da consciência. Do seu ponto de vigia, não ignorava a beleza daquilo a que assistia. O momento de perda de ingenuidade em que uma criança — era o seu primo que ali estava, mas poderia ser o primeiro homem — vê o pai a ser vencido. Quantos anos demora um filho a compreender a vencibilidade de um pai? Demasiados, pensou.

Fechou os olhos, visualizou o arco do projétil e sorriu.

— Pois é, pois é — repetiu o taxista sem pescoço para Camilo —, muitos pontapés dei na cabeça do teu pai, caraças.

48.

Mulher-alga



PERDI UM TEMPO INFINDO A DAR com a chave certa do apartamento. O molho crescera com os anos, há uma relação estranha entre o envelhecimento e o somatório de chaves, porque com a idade temos mais coisas para pôr atrás de portas aferrolhadas, gavetas trancadas? Talvez. Enganei-me duas vezes na chave e, quando o trinco cedeu, tocou o telefone.

— Até que enfim, estive a semana toda a tentar falar contigo — protestou Silvana.

— Tenho ficado no hospital com Camilo — respondi, calmamente. — Vim a casa buscar correio, apanhaste-me por sor...

— Já sei onde está Maripá — atalhou, mudando de assunto. — A mulher-alga — precisou face ao meu silêncio.

— Sim.

— Tenho a morada comigo, mas prepara-te. Parece mentira, Nino. Tem Alzheimer, Nino. A doença do esquecimento.

— Sei qual é — respondi, esboçando um sorriso, daqueles apóstrofes irónicos que Camilo costuma usar nas covas do rosto.

49.

Absolver homens



DE ONDE A VIA, TAPADO PELOS ARBUSTOS, mal dissimulando um falso desinteresse, não me pareceu capaz de mover pedra e entortá-la como os cornos de búfalos, se ela própria, de passo arrastado, pouco se movia sem ajuda. Seguia num grupo pela orla do jardim, todos vestidos de igual, as mesmas cores pastel que não ferem os olhos, não maculam a paisagem, e é isso que se pretende dos velhos, que não maculem a paisagem.

Com a ajuda de uma empregada de nádegas gelatinosas, sentou-se num banco alto em frente a uma tela ainda virgem. Os outros, que a acompanhavam, foram dispostos de forma semelhante, num equilíbrio difícil junto aos respectivos cavaletes. Compunham, com as suas cabeleiras brancas esvoaçantes, riçadas, um canteiro triste de talos velhos varrido por uma geada maligna. Retiraram os pincéis dos copos e começaram a desenhar com estranha sincronia. Aproximei-me, cumprindo as instruções que me tinham sido dadas na receção: as pessoas com Alzheimer podem tornar-se agressivas, até violentas, fale com tranquilidade e sempre de frente para o paciente, dentro do seu ângulo de visão.

E ali estava eu, perfilado, mãos enterradas nos bolsos, pés enterrados na

relva, garganta seca, sentindo-me um espantalho no meio daquele canteiro, de fraca utilidade, é sabido, porque pouca coisa atraem os cepos velhos e nada que precisem de espantar. Ela estava sentada de olhos cerrados, inacessível ao mundo, abanando a cabeça num movimento levemente autista, como se ouvisse música.

— Maripá? — perguntei a medo. Permaneceu na mesma posição, segurando o pincel como num ponteiro. — Mulher-alga — experimentei.

Reagiu. Debruçada sobre o cavalete, recuou num salto curto e pausado ao repique da minha voz, como se se movesse dentro de água, um filme sob o efeito retardador das bobinas antigas, que, por demorar-se, me agudizou a impaciência. Comportou-se como se aquele epíteto — Mulher-alga — fosse uma pedra que atirara contra ela. O nervosismo propalou-se pelo grupo, originando pequenos acidentes em cadeia. Um copo de água tombou na relva, um pincel atravessou uma tela num único golpe, um dos velhos puxou o cabelo à vizinha do lado e ela, choramingando, afastou-se com o banco na mão. Sentou-se, mais à frente, sob um céu azul sólido e plácido que não envergonharia o céu dos católicos ou o lago onde boia a morte de Rousinol.

— Maripá, preciso de lhe falar.

Afastei-nos dos outros e ela deixou-se guiar pelo braço, um raminho fino e quebradiço acometido pela minha manápula. Sentámo-nos junto a um bebedouro, o fio de água tímido onde os pardais gorgolejavam antes de se lançarem em voos planados.

Não soube o que dizer, debaixo da vigilância preventiva da enfermeira do rabo gelatinoso. Fico mudo ao pé de pessoas muito velhas, das que estão no fim da vida. Revolta-me este longo período de pausa que nos é concedido antes da morte. Mãos de pele muito fina e azulada, uma pele que diz que já não aguenta ser represa de tudo o que o corpo acumulou ao longo dos anos, são assim as mãos dos velhos. E os olhos, está claro. Os olhos sempre molhados, tristes pelo que não compreenderam e não vão conseguir

compreender, entretanto, uma conjuntivite permanente de ignorância.

— Os pássaros são capazes de cantar quarenta e cinco notas por segundo — disse de súbito a mulher. Respondendo-lhe, o pardalito no beirado do repuxo ensaiou um solo vibrante antes de bater asas.

— Onde é que leu isso? — perguntei espantado.

— Eu não sei ler, meu rapaz. Mas sei outras coisas. Diga-me lá outra vez quem você é.

— Sou o biógrafo do professor Rousinol. Lembra-se do Rousinol?

— Conheci um Rousinol. Não era professor. Conheci-o há muitos anos no Brasil, na Amazônia — disse ela. — Um jovem bonito de olhos fundos.

— O que é que ele foi fazer para a Amazônia, sabe dizer?

— A razão por que um homem se enfia na Amazônia é a mesma que faz com que ele se enfie num copo de vinho ou entre as pernas de uma mulher. Vai para se esquecer.

— Ajudava-me muito se me dissesse como é que conheceu o professor Rousinol.

— Foi simples, contei-lhe uma história. Sempre fui boa a contar histórias. Acredito que há uma história para cada homem.

— E qual era a do Rousinol?

— Encontrei-o junto à rebentação de Maripá, o dia estava escuro, mas a luz abraçava-o, um longo braço em torno dos seus ombros. Por cinco reais, a confissão, disse-lhe, mas ele não quis e, por isso, contei-lhe uma história.

— Tudo se passaria abaixo do Equador, mas não muito abaixo, onde a divisão entre dois rios se assemelhava ao traço de um lápis a correr no limite de um esquadro — começou a contar —, o rio mais translúcido e mais lento era o dorso de uma branca, o rio escuro, a musculatura de um índio negro a correr veloz. Enamorados, ambos foram transformados em líquido pelo marido da branca.

— O marido fê-los correr em leito lado a lado, sem se poderem misturar,

enquanto se recordassem um do outro.

— Ora, conhece a história, então.

— É uma boa história — disse com uma excitação invulgar. — Mas o Rousinol dava-lhe outro remate. Ele achava que os rios representavam a verdade e a memória e que a memória era carrasco da verdade.

Ela encolheu os ombros, meio aborrecida, como se lhe recordasse uma discussão antiga e infrutífera.

— Disparates — desabafou, em desespero. — Posso não saber ler, mas não sou estúpida. Sou analfabeta, mas oiço muita coisa. Sei que Constantinopla é a atual Istambul e foi a capital do Império Romano, sei que Sartre recusou o Prémio Nobel, sei quantos anos tem o Sol e sei que a única forma de a memória não ser carrasco é através da absolvição e a absolvição alcança-se pela confissão e pelo arrependimento.

— O professor Rousinol prefere o esquecimento ao arrependimento — argumentei.

— Isso era antes — corrigiu-me.

— Antes de quê?

— Antes de si, ora essa! — exclamou. — Não disse que é biógrafo? Uma biografia, cá no meu entender, é uma confissão.

Fiz uma longa pausa e o repuxo foi visitado por um casal de pombos.

— Maripá é o seu nome de batismo?

— Não me lembro.

— Como é que veio para Itália?

— Não me lembro.

— Foi religiosa? — perguntei.

— Não me lembro.

— Freira, noviça, catequista, talvez.

— Confessei homens e também os absolvi. Procuravam-me, punham-se de joelhos, eu segurava-lhes as cabeças, às vezes afagava-lhes o cabelo

enquanto falavam. No final, choravam deitados no meu peito. Entre as minhas mamas já passou um rio. O arrependimento precisa de ter corpo, não bastam palavras ou sentimentos, as lágrimas eram um dos corpos do arrependimento. Havia outros.

— Outros?

— Dinheiro. Havia os que doavam moedas aos pobres, compravam terrenos para construir igrejas, mandavam erguer orfanatos. Havia os que queriam dar prazer, quando recebiam prazer.

— Seria uma mãe de santo? No Brasil, não são raras.

— Não me lembro do que fui. Acho que fui puta.

Calámo-nos durante uns segundos.

— Tenho saudades desse Rousinol. Traga-o cá para me ver — pediu-me.
— Sabe que ainda consigo absolver um homem. Tenho a certeza de que seria capaz de absolver um homem. Como andar de bicicleta, nunca se esquece. Rousinol explicou-me: as memórias motoras ficam guardadas num lugar do cérebro que mexe pouco. Ficam lá eternamente. Eu saberia absolver um homem.

Ficámos novamente em silêncio.

— Porque é que ele lhe chamava Mulher-alga?

Ela riu-se alegrada pelas lembranças.

— Tinha a ver com os estudos dele. Passava tardes em grutas a estudar os morcegos. Dizia que os morcegos podiam esquecer — precisou. — Os morcegos habitam nas grutas e nas bibliotecas desde sempre, comendo os insetos protegem os livros. De certa forma, protegem a memória da Humanidade. Seria esquisito se pudessem esquecer. De qualquer maneira, estudar os morcegos, ratos, outro animal qualquer, é uma perda de tempo.

— Porque é que diz isso?

— Se ele queria estudar alguma coisa, devia estudar o arrependimento. Só o homem pode arrepender-se e corar. Você sabia?

— Onde é que ouviu isso? — perguntei espantado.

— Eu não sei ler, meu rapaz, mas sei outras coisas. Os homens que se arrependiam e eram absolvidos por mim acabavam sempre enrubescidos. Diga-me lá outra vez quem você é.

Ia para responder, mas apercebi-me de que ela tinha mergulhado numa indiferença de transeunte e sorria-me como quem tropeça numa pedra por não ter vagar para a contornar.

O dia do Senhor



NO QUARTO DO PAI ROUSINOL no sanatório de Munique, o dia do descanso do Senhor desapareceu. Fora arrancada a página das escrituras que fez o Altíssimo parar ao sétimo dia, depois de criar a água onde nadariam os peixes e o céu onde voariam as aves. A existência de sete dias na semana era, para o matemático, uma impossibilidade. Foi, porém, num desses dias que Rousinol visitou o pai pela primeira vez. Chegou cedo, com as janelas do quarto ainda húmidas das lambidelas da noite, e o pai Rousinol olhou para o filho como se olhasse para um domingo, logo para uma impossibilidade.

O matemático tinha a mão direita amortalhada com ligaduras, mas, por ser canhoto, não estava impedido de responder aos desafios que o filho lhe colocou sobre a secretária de sobro. O acidente dera-se na véspera. Equivocada pela inexperiência, a enfermeira trocara, à refeição, os talheres de plástico por uns de metal, mais afiados na lâmina, e nem o choro contrito da rapariga salvou o dedo do cepo. De tendões cortados, o matemático sangrou um bom quarto de hora no chão do quarto antes de ser levado para a enfermaria. E já estendido na maca, com o fio na agulha a atravessar a carne no encaço de um remedeio, levou a mão à boca e arrancou com os próprios

dentes o istmo de pele que se unia ao restante corpo.

Os sapatos do presidente do sanatório desviaram-se num ensaio de fuga, quando o pai Rousinol cuspiu o indicador da mão direita, sétimo dedo na contagem que se iniciara no mindinho da mão esquerda. Mas o pai Rousinol sabia o lugar onde as coisas caíam, mais difícil seria saber o lugar onde as coisas se levantavam e andavam, e por isso com uma pontaria atroz, que horrorizou a enfermeira e surpreendeu o presidente, atingiu os atacadores de laço duplo. Fê-lo com premeditação porque o presidente do sanatório era daqueles homens baixos, não em estatura, que, por muitos saltos que desse, nunca chegaria à altura dos homens de valor.

O quarto do matemático estava transformado numa alcofa de donzela. Tules, brocados, bibelôs, cornucópias cobriam-no como pó e agrediam-no mais do que qualquer lâmina. A exposição ao ornamento, ao supérfluo, ao decorativo, todo um conjunto de distrações que o pai Rousinol evitou ao longo da vida por o desviarem da missão do conhecimento, fazia parte do tratamento prescrito pela instituição. O filho indagou junto da gerência sobre as razões daquela tortura. O pensamento do seu pai, disse o presidente do sanatório, é feito a régua e esquadro, ângulo reto e eixo cartesiano, mas concordará se lhe disser que nunca chegaremos ao nosso destino se não soubermos curvar.

Jorge Rousinol era agora um rapaz alto que inspirava respeito e assinava com o título de professor nos cheques bancários. Um respeito com feições de papel comercial indexado a variáveis como a sabujice de cada interlocutor. Se considerarmos que naquele dia se perfilava diante do presidente do sanatório, o respeito que inspirava estaria bem cotado. Rousinol começava a habituar-se a estar sob o olhar dos outros, talvez os únicos momentos em que aceitasse essa secundarização de posições.

Sentado defronte para o pai, com a sólida mesa de sobro entre eles, Rousinol testou os boatos que ouvira. Dispôs sobre o tampo sete folhas com

equações, que, uma a uma, foram submetidas ao raciocínio do matemático. Em comum tinham o resultado. Com mais ou menos complexidade, as diferentes operações totalizariam sete.

Revelando uma iliteracia de cálculo que espantaria o mais imberbe aluno, nenhuma das soluções apresentada pelo pai Rousinol se mostrou correta. Ao aproximar-se das parcelas finais de cálculo, o matemático levantava-se da cadeira, circulava com as mãos na cabeça e atirava para cima do tampo um número como quem escolhe de olhos vendados uma carta de um baralho. Era evidente que aquele encontro marcaria o início da morte de Rousinol. É quando um filho compreende a vencibilidade de um pai que começa a morrer.

O matemático tinha apagado o sete da ordem numérica como um rearranjo de átomos condena uma cor aos olhos humanos ou um filho varão extingue a linhagem de uma família ou um pai apaga o barão filial. Era o caso. Para o excluir — para excluir o Sete, seu filho, da sua percepção —, o pai Rousinol precisou de alterar a sequência eterna dos números.

Rousinol saiu do quarto a pensar que a memória pesava mais do que as pedras que transportava nas algibeiras das calças.

A segunda visita ao laboratório



— JÁ AQUI TIVEMOS TODO O GÊNERO DE PEDIDOS — explicou o investigador do laboratório —, cerca de cinquenta por cento das vítimas de violação sofrem de transtorno de stresse pós-traumático, assim como dezassete por cento dos sobreviventes de acidentes de trânsito graves. Apagar memórias desagradáveis, portanto, seria extremamente terapêutico. Mas o caso mais desafiante foi o de um músico.

— De um músico?

— De um músico que queria esquecer a música.

— E foi possível?

— Não, claro que não — disse com um sorriso cândido. — Nunca é possível quando há amor à mistura. Pense na memória como música que se espalha por todo o corpo. Podemos extinguir a fonte do som, o cérebro já não a entende, mas o nosso coração continua acelerado. Sabe quando tempo demorou o músico a reaprender a fazer música?

— Quanto?

— Uma semana — respondeu. — Depois de lhe apagarmos a memória da música com processos muito pouco invasivos, claro...

- Claro...
- Ele demorou uma semana a reaprender a fazer música. Desconfiamos que foram os dedos dele que ensinaram o cérebro.
- Os dedos lembravam-se de como fazer música.
- Acreditamos que assim foi.
- Ainda há esperança. Ainda há esperança para ele?
- Naquele caso, só se ele desnascer. Entende?
- Entendo.
- Não basta que renasça, terá de desnascer para se livrar da música.
- Há outros casos assim, com essa gravidade?
- Ora, o do professor Rousinol, que conhece bem.

A morte de Camilo



É A ISTO QUE CHAMAM LUTO? O luto afinal amplia-nos, alarga-nos, estica-nos, só as fronteiras de nós, de súbito somos muito grandes, enormes, mas minguados por dentro. Lá dentro ficamos raquíticos e tudo, lá dentro, os rins (só um!), o pâncreas, o almoço de ervilhas e ovos, as escadas de incêndio da nossa primeira casa, a gaveta das meias ordenadas por cor, a tua tigela dos cereais, os nossos domingos de cinema flutuam num espaço imenso de astronauta, oscilando sem fio que os ligue à Terra, num vazio medonho de Universo como se o nosso corpo, o corpo do luto, fosse umas calças de gigante para a nossa pequena cintura de viúvo.

Os parâmetros apresentavam-se estáveis de manhã. Níveis de anticorpos baixos, foram aplicados glucocorticoides, um ligeiro aumento dos anticoagulantes, variação ligeira da hipocalcemia com digoxina, anfotericina e presença de diuréticos. Ouvi o médico de serviço com atenção. Que língua falam os coveiros? Como é o dialeto em que se exprimem antes de engavetarem um corpo? Terei de guardar mais uma chave para abrir uma nova gaveta?

O corpo de Camilo tinha sido escrupuloso, imitando a ordem luterana na

gaveta das meias e as camisas enfileiradas nos cabides com a formalidade das paradas. Nenhum indicador estava desviado da sua normalidade funcional quando, pela manhã, a enfermeira recolheu amostras para as análises, examinou-lhe com uma pequena lanterna as mucosas dos olhos e, após duas palmadas de comparsa no saco do soro, garantiu-me que sondaria o médico sobre a possibilidade de Camilo ser retirado do coma induzido.

No dia em que morreu, os parâmetros de Camilo estavam estáveis, como se o corpo quisesse ter apertado o primeiro botão da camisa, vestido um casaco com as costuras a marcar-lhe bem as fronteiras dos ombros, antes de desistir. Não estava em causa engalanar-se para a morte, apenas cumprir o dever último de manter a ordem do organismo. Os parâmetros estavam estáveis, repeti, como os casais burgueses pagam a conta da luz e regam as plantas da varanda antes de pedirem o divórcio.

À tarde, Camilo recebeu uma visita. Tinha ido à máquina do café e quando voltei ele estava lá. Reconheci-o de costas. Reconheci-o por causa do esgar irónico por detrás do copo baço de whiskey e do ligeiro odor a anestesia.

— Ele não joga xadrez. Na verdade, abomina xadrez — disse, com alguma agressividade.

O homem, que se debruçava sobre Camilo, olhou-me confuso. Tinha pousado o tabuleiro junto à cabeceira da cama e disposto as peças na grelha. Estava num solilóquio miado, ora jogando as suas peças, ora pedindo autorização a Camilo para posicionar as dele. Fazia aquilo como quem cuida de uma campa e se desculpa ao morto por um equívoco no arranjo de flores. Acredito que tenha permitido a Camilo alguma vitória, uma capitulação antecipada de um rei por estranha generosidade.

Estava uma tarde de clima ameno, mas comecei a sentir água a escorrer pelas costas abaixo e uma dor fina que escalava a coluna com crampons de alpinista.

Apressei-o. Ele resistiu à minha impaciência, guardando demoradamente as peças de xadrez numa pasta de couro. Esperei de pé que o fizesse, junto à porta em silêncio, tamborilando os dedos na parede, esse tique consabido de irritação. No seu compasso brando, reconhecia em mim um incômodo de testador, uma vontade do pretérito, do qual de certa forma desdenhava com os seus gestos metódicos. Será que este filho da puta sabe que Camilo quer o divórcio?, não deixei de pensar.

Já no corredor, estendi-lhe a mão e disse-lhe, com a afabilidade que não sentia:

— A última vez que Camilo jogou perdeu frente a um campeão de xadrez da Galiza, foi uma disputa particularmente humilhante. Espero que o tenha deixado vencer.

— Camilo não precisa disso, que o deixem vencer — respondeu o merdas.

Claro está, e depois chegou a noite, nem lenta nem brusca. Uma trança negra enrolada à volta da cabeça do mundo, com as estrelas, e eram muitas, a ornamentar as reentrâncias do penteado. Adormeci no cadeirão e, como de costume, programei o relógio do pulso para apitar de duas em duas horas. Acordava para confirmar a respiração de Camilo. Mas, desta vez, fui despertado pelo silêncio. Conhecia bem aquele silêncio. O silêncio deixado em casa quando Camilo batia a porta de manhã, o silêncio tateado nos lençóis arrefecidos ainda de olhos fechados, o silêncio das gotinhas do cortinado do duche em que refratavam as notas dos pássaros, o silêncio do imenso lago onde boiaremos de barriga para cima sem qualquer esforço.

Deitei-me no chão da casa de banho, em posição fetal, a morder os foda-ses entre os lábios. A enfermeira do turno de dia encontrar-nos-ia ao amanhecer.

Fossa séptica



CAMILO CONCLUIU QUE GOSTARIA DE SER CREMADO e que as suas cinzas deveriam ser vertidas para uma latrina, juntamente com a descarga do autoclismo. Os lugares de culto, oratórios e santuários já são suficientes — do armário das camisas à caneca do leite —, pareceu-me desnecessário transformar a casa de banho numa cripta.

Escolhi os sanitários do Museu de História Natural e cumpri o último desejo de Camilo. Poderia conviver pela canalização com material genético mais elevado, preferível a amalgamar-se com os utentes das estações de comboio dos caminhos de ferro italianos.

Camilo não foi para baixo à primeira. O tisne que ganhamos com os anos, uma segunda pele ensebada de hedonistas sobreviventes, ficou à superfície da água a borbulhar gordura acoplada às paredes de loiça branca. Dei nova descarga ao autoclismo.

Invulgares tormentos naquele fim de verão. Assisti à cremação de um órgão meu em vida, tragado pelo fogo e reconduzido para uma fossa séptica. Só mais uma parte de mim cujo paradeiro desconheço.

Na volta do museu, Silvana ligou. Rousinol tinha mudado de ideias e

queria publicar a biografia.

54.

O sonho



LEVEI ROUSINOL A VER MARIPÁ. Encontrámo-la a pintar no jardim um quadro-gargalhada, semelhante ao que o professor tem pendurado no escritório a destoar do restante mobiliário. Ela pediu diga lá outra vez quem você é e afastaram-se a conversar. Esperei junto ao bebedouro vazio de pássaros. Nenhum se aproximou a entoar uma orquestra. Nem um pardalito em pianíssimo antes do voo. Estava vazio, qualquer sentimento que atirassem para dentro de mim seria uma folha amarrotada a cair no cesto de papéis. A certa altura, Rousinol ajoelhou-se com dificuldade na relva e encostou a cabeça ao colo de Maripá. Chorou-lhe um rio para o peito e terá sido absolvido. Eu chorei um rio apenas.

Vim para casa e adormeci no sofá. Sonhei a tarde toda com Camilo. As memórias pingavam-lhe dos caninos em forma de palavras e em forma de pedras no nosso caminho.

— O que é que sugeres? — perguntou-me no sonho.

— Que esqueçamos — respondi.

O ramo da figueira voltou a embater no vidro da nossa janela. Camilo levantou-se e seguiu para a cozinha, virou para a despensa e, depois de

barulhos vários, saiu porta fora. Aproximei-me da janela a tempo de ver o primeiro golpe a sulcar o tronco. Seguiu-se outro e mais outro. Camilo enrubescia com o esforço. Só os humanos podem corar e arrepender-se, gritou-me. Dois atributos que nos separam dos animais.



Sobre a Autora

FILIPA MARTINS

Filipa Martins nasceu em Lisboa, em 1983. É jornalista desde 2004, e colaborou em publicações como o Diário de Notícias, Notícias Magazine, Evasões e o jornal i. Em 2004 recebeu o Prémio Revelação, na categoria de ficção, atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores (APE) a Elogio do Passeio Público, o seu primeiro romance; o segundo, Quanta Terra, foi publicado em 2009. Mustang Branco foi publicado em 2014 pela Quetzal. Já agora, um dos seus álbuns preferidos é Whatever People Say I Am, That's What I'm Not, dos Arctic Monkeys. Confere.